

Rosali Telerman

**PROJETANDO O FUTURO:
A “QUESTÃO FEMININA” DOS 18 AOS 21**

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**São Paulo
2004**

Rosali Telerman

**PROJETANDO O FUTURO:
A “QUESTÃO FEMININA” DOS 18 AOS 21**

Tese apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para a obtenção do título
de Doutor em Ciências Sociais, sob a orientação
da Profa. Dra. Maria Helena Villas Boas Concone

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo
2004

Capítulo I – A pesquisa: problemas de teoria e método

Juventude e eterna juventude são temas que aparecem com uma recorrência quase obsessiva em nossas sociedades contemporâneas, pós-modernas e pós-industriais, de um mundo globalizado. Temas presentes em todos os meios de comunicação, nas conversas informais do cotidiano, e objeto de debate por parte de especialistas, talvez nunca o jovem e a juventude tenham estado tão em evidência como no mundo atual.

No entanto, nem sempre foi assim. Regina Novaes e Paulo Vanucchi, na apresentação do livro *Juventude e Sociedade*, afirmam que a “juventude na concepção das sociedades clássicas greco-romanas se referia a uma idade entre os 22 e os 40 anos. *Juvenis* vem de *aeoum*, cujo significado etimológico é aquele que está em plena força da idade. Naquelas sociedades a deusa grega Juventa era evocada justamente nas cerimônias do dia em que os mancebos (adolescentes) trocavam a roupa simples pela toga, tornando-se cidadãos de pleno direito”¹.

Também Philippe Ariès afirma que eram diferentes os vínculos que ligavam crianças e adultos, nas eras pré-moderna e moderna. “A transmissão de valores e saberes, e de forma geral a socialização da criança, não eram asseguradas pela família nem controladas por ela. A criança se afastava rapidamente de seus pais e pode-se dizer que durante séculos a educação foi assegurada pelo aprendizado

¹ Regina Novais & Paulo Vannuchi, *Juventude e Sociedade*, p. 10-11

graças à coexistência da criança ou do jovem e dos adultos. Ela aprendia as coisas que era necessário saber ajudando os adultos a fazê-las.”²

Na era moderna, com a Revolução Industrial, este vínculo se altera. “[É] a partir do momento em que o Estado toma a si, de forma voluntária e sistemática, múltiplas dimensões da proteção do indivíduo, entre elas e sobretudo a educação, [tornando] a escola, no século XIX, instituição definitivamente obrigatória e universal, (...) que a racionalidade moderna se torna imperativo universal. Neste momento, mais do que nunca, a cristalização social das idades da vida se especifica como elemento da consciência moderna. Ela emerge, diz Ariès, com a escolarização, que supõe a separação entre seres adultos e seres em formação, do mesmo modo como o aprendizado supunha, ao contrário, a mistura e a indiferenciação dos grupos etários”³.

Esta socialização que se diferencia re-arruma a família, promovendo uma separação entre a casa e o mundo do trabalho. Além disso, o lugar da criança se modifica e esta passa a ser cuidada através de um projeto educativo que implica a sua ida à escola, a saída do mundo do trabalho, e fazendo com que um longo espaço de tempo decorra até que se torne um adulto e possa trabalhar. A criança passa a ser alvo de uma ação socializadora por parte do Estado.

Por isso mesmo, retomando um tema clássico da Antropologia, Debert afirma com razão que a idade não é um dado da natureza. “Um processo biológico é elaborado simbolicamente com rituais que definem fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam e que não são necessariamente as mesmas em todas as sociedades”⁴. É assim que as transformações históricas ocorridas na

² Angelina Peralva, *O jovem como modelo cultural*, p.15

³ Idem ibidem, p. 16

⁴ Guita Grin Debert, *Antropologia e velhice*, p. 9

modernidade mudam o caráter do curso de vida, diz ela, acrescentando que “é neste sentido que a expressão ‘cronologização da vida’ é usada por Kohli & Meyer. Trata-se de chamar a atenção para o fato de que o processo de individualização, próprio da modernidade, teve na institucionalização do curso de vida uma de suas dimensões fundamentais. Uma forma de vida em que a idade cronológica era praticamente irrelevante foi suplantada por outra, em que a idade é uma dimensão fundamental na organização social”⁵.

É desta forma que os ‘estágios’ da vida passam a ser claramente definidos e separados, servindo a idade cronológica para organizar de maneira mais estrita as suas fronteiras. Assim, conclui Debert que “essa institucionalização crescente do curso de vida envolveu praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho, está presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas que, cada vez mais, têm como alvo grupos etários específicos”⁶.

Compreende-se assim que, em relação à questão de grupos etários, a modernidade tenha alterado a idéia de geração. Não se trata mais da continuidade de um grupo pelo outro, mas de grupos que vivem conjuntamente situações definidoras de trajetórias passadas e futuras. Podemos aqui lembrar de Godard quando comentava que a geração de 1968, embora fosse polêmica, falava de Marx ao mesmo tempo em que tomava Coca Cola.

Neste sentido, geração não está vinculada a uma idade cronológica, mas a um conjunto de acontecimentos que a definem enquanto tais. Debert afirma que “nas pesquisas sobre grupos sociais, a geração é a forma privilegiada de os atores

⁵ Idem ibidem, p. 18

⁶ Idem ibidem, p. 18

darem conta de suas experiências extra-familiares”⁷. Remetendo-se a Giddens, ela enfatiza: “Nos contextos modernos, o conceito de geração só faz sentido em oposição ao tempo padronizado. As práticas de uma geração só são reproduzidas se forem reflexivamente justificadas. O curso da vida se transforma em um espaço de experiências abertas, e não de passagens ritualizadas de uma etapa para a outra. Cada fase de transição tende a ser interpretada pelo indivíduo como uma crise de identidade e o curso da vida é construído em termos da necessidade antecipada de confrontar e resolver essas fases de crise”⁸.

Assim, não é sem razão que Maria Rita Khel⁹ define o adolescente como uma pessoa que vivencia uma grande incompatibilidade entre ter a força, a destreza, a habilidade e a coordenação que são características da plena aquisição de capacidades físicas do adulto, e não ter a maturidade intelectual e emocional nem para enfrentar uma variada gama de experiências da vida adulta, nem para entrar no mercado de trabalho. Além disso, a geração pós 68 quis criar filhos felizes e a juventude filha desta geração incorpora as benesses da vida adulta, mas não as suas responsabilidades. Compreende-se então um dado assustador que ela levanta sobre a gravidez precoce na adolescência, que é o fato destas meninas felizes e “sem limites” quererem encontrar uma razão para suas próprias vidas que se traduz em uma boneca de carne e osso.

Como a modernidade estende a faixa etária e o “adolescente” fica cada vez mais velho cronologicamente, ainda que vivendo numa situação liminar, em que não é mais criança, mas ainda não é também considerado um adulto, a lógica da produção capitalista de nossa sociedade sabe aproveitar-se disso para transformá-lo em um consumidor em potencial. Debert retoma Bourdieu em seu

⁷ Idem ibidem, p. 19

⁸ Idem ibidem, p. 20

⁹ Maria Rita Khel, A juventude como sintoma da cultura. In Novais & Vanucchi, op. cit., p. 90.

texto *A juventude é apenas uma palavra*, ao afirmar que: “A manipulação das categorias de idade envolve uma verdadeira luta política, na qual está em jogo a indefinição dos poderes ligados a grupos sociais distintos em diferentes momentos do ciclo da vida. Por isso, Bourdieu afirma que (...), as categorias de idade são construções culturais e que mudam historicamente não significa dizer que elas não tenham efetividade. (...), operam recortes no todo social, estabelecendo direitos e deveres diferenciais no interior de uma população, definindo relações entre as gerações e distribuindo poder e privilégios”¹⁰.

Com esta reflexão Debert introduz uma questão oportuna, pois Bourdieu nos ajuda a pensar a dimensão de classe, definida através da inserção econômica que vai possibilitar a acumulação do capital cultural dos indivíduos, que está presente inevitavelmente nos estudos sobre grupos sociais. De fato, não podemos esquecer que, independentemente de estarmos trabalhando com questões como grupos etários ou mesmo com gênero, estamos lidando com variáveis que são perpassadas pela classe social em que se incluem os indivíduos estudados.

Questões como as assinaladas acima não são novas. Por isso mesmo elas estavam presentes na cabeça de professores de Antropologia da PUC-SP que em 1986 resolveram fazer uma pesquisa com seus jovens alunos. Enquanto os estudos da época ainda se concentravam majoritariamente sobre o modo de vida de classes subalternas, só incidentalmente tratando dos jovens nesse contexto, o projeto nos oferecia uma oportunidade única de realizar uma pesquisa através de uma clivagem duplamente incomum e pouco explorada, ao tratar de jovens de classe média como os que freqüentam a Universidade. Entre outros resultados, a pesquisa então empreendida deu origem à dissertação de mestrado de Silvia M. França, intitulada *Elas por eles*, na qual procurava perceber como os meninos de

¹⁰ Idem ibidem, p. 11-12

18 a 21 anos da PUC-SP, alunos do primeiro ano da Universidade, construíam suas representações sobre como escolheriam uma parceira para se casarem.

Na verdade, a pesquisa evidenciara com muita ênfase o sonho do casamento presente nas representações das jovens alunas da PUC-SP, e por isso, invertendo a perspectiva, aquela dissertação procurava entender o que pensavam os rapazes sobre as moças que eventualmente escolheriam como suas companheiras. Em especial, no caso das moças, o vestido de noiva era o fulcro em torno do qual se constelavam os seus sonhos. Eu mesma imaginava dar prosseguimento à pesquisa então iniciada com um trabalho onde o dia do casamento e seu correlato, o vestido de noiva, fossem estudados. Porém, como a vida dá inúmeras voltas, fui convidada a fazer parte de um grupo de pesquisa no CEBRAP que trabalhava com mulheres e sua inserção no contexto de diferentes religiões. Encerrado aquele trabalho, optei por estudar a mulher e a Perfect Liberty, ou simplesmente P.L., como é conhecida uma religião de origem oriental trazida para o Brasil em 1970. Aquele trabalho transformou-se na minha dissertação de mestrado, defendida em 1990.

Mas as questões levantadas inicialmente naquela pesquisa continuavam a reaparecer em sala de aula, o que fez com que eu, a princípio, me voltasse para o vestido de noiva como proposta para uma pesquisa de doutorado, tomando-o como expressão metonímica por excelência das inúmeras dimensões da vida social e individual que o casamento envolve. O que diziam as jovens sobre o seu casamento futuro e o vestido de noiva que usariam nesse dia era bastante significativo.

Sonho de uma noite de verão, manhã de primavera ou outono, um belíssimo dia de inverno, não importa em que estação, ou nas quatro com que Vivaldi nos faz sonhar, eram inúmeras aquelas moças que esperavam construir e

conduzir suas vidas pensando naquele grande momento, no dia tão esperado e aguardado. O dia do casamento. Dia de sonho e festa, luz e esperança. Lady Di na década de 80, Grace Kelly ou Sissy, a Imperatriz, na década de 50, serviam de modelo, permeado pela tristeza das princesas de verdade, Soraya ou a própria Lady Di, que, embora tivessem vivido o grande dia, não tinham conseguido levar o conto de fadas até o fim e não foram felizes para sempre...

Conto de fadas, amor romântico, promessas de felicidades seladas por toda a vida. *“Aquele amada pelo amor predestinada, sem a qual a vida é nada, sem a qual se quer morrer... Você tem que vir comigo em meu caminho...”*. Hino ao amor (que seja eterno enquanto dure): *“Não importa, querido, Deus fará no céu te encontrar”*. Vinícius de Moraes, Edith Piaf e *Love Story*, ouvidos ao som de corais ou de violinos, prenunciariam a *Ave Maria* de Gounod e a *Marcha Nupcial* de Mendelssohn, prometendo um amor inesquecível, uma vida repleta de paixão e felicidade eternas.

Para que isto fosse possível, fazia-se necessário que o dia do casamento concentrasse tudo aquilo a que as moças que vão casar dizem ter direito: festas, amigos, flores, banquete, música, um tempo lindo, uma cerimônia que deixasse uma lembrança inesquecível. E, majestosamente, no centro da cerimônia, o vestido de noiva, tão sonhado desde a infância, pensado e imaginado para as bonecas, olhado com admiração nos casamentos assistidos, nas fotos dos álbuns de família e no relato dos amigos.

É claro que, para além do sonho, todo um exército de trabalhadores e empresas são mobilizados para tornar possível a sua realização: indústrias de confecção, gráficas, floriculturas, joalherias, salões de beleza, lojas de presentes, buffets, lojas de carro e roupas de aluguel, hotelaria e turismo... Tudo isso, porém, para aquelas jovens, permanecia envolto em névoa, num vago domínio de

“serviços” de cuja existência se ficaria sabendo, entre o espanto e a satisfação, quando chegasse a hora de recorrer a eles.

No centro do dia esperado estava um sonho. O vestido de noiva era como um ícone que para ele apontava. O que o vestido de noiva revelava, ou, o que por trás dele se escondia? Qual o lugar que ele ocupava no imaginário feminino? Aos poucos, ao longo da pesquisa, fui percebendo que o recorte de um universo tão vasto e complexo de questões como as que teria que percorrer para dar conta daqueles problemas que me colocava, seria impossível se não tentasse deslindar qual a relação que o casamento tinha, para aquelas jovens, com o seu projeto de vida visto de uma perspectiva mais ampla. Na verdade, seria necessário pensar qual o lugar do casamento em sua concepção de realização pessoal, capaz de incluir tanto a dimensão afetiva e familiar a que remete o casamento quanto a realização no plano profissional, uma vez que estavam na Universidade presumivelmente em busca de uma formação para o exercício de uma profissão. Isso fez com que eu abandonasse o projeto de tomar o vestido de noiva como centro de minha pesquisa e, alargando a perspectiva que ele me permitira vislumbrar, me voltasse para essas outras e instigantes questões com que passei a trabalhar.

Por certo, entre o sonho e a condição real de vida das jovens de nosso mundo contemporâneo com as quais trabalhei na pesquisa, pode haver uma grande distância. E mesmo o sonho, para muitas, talvez nem seja mais o mesmo. Muita coisa mudou desde os tempos em que Sissy, a Imperatriz, era modelo de conto de fadas para o “grande dia”, o dia do casamento. Passando pelo redemoinho dos anos 60, a luta pela liberalização da sexualidade e, depois, o movimento feminista, para muitas mulheres a idéia da união formal pelo casamento passou a ser vista como coisa retrógrada e, pior ainda, festa de casamento e vestido de noiva passaram a ser denunciados como instrumentos da

dominação feminina pela mentalidade patriarcal ou burguesa. Entretanto, de forma surpreendente, a chegada dos anos 90 e mesmo de um novo milênio trouxe consigo um estranho retorno de valores e ideais de vida familiar que a geração que viveu a juventude nos anos 60 e 70 julgaria talvez para sempre superados.

Seguramente a consciência dos riscos causados pela promiscuidade sexual, numa era em que a AIDS passou a ser um fantasma a assombrar a vida afetiva e a descoberta da sexualidade para milhões de jovens, voltou a novamente valorizar as relações estáveis. Ao mesmo tempo, porém, ela pôs em moda uma nova modalidade de relacionamento afetivo que parece temer o compromisso, sob a forma do “*ficar*” com alguém. Tudo isso não impediu que, simultaneamente, a mídia pusesse em cena uma desenfreada erotização das relações inter-pessoais, que chega às raias do voyeurismo nos *reality shows* da moda na televisão, enquanto as revistas femininas especializadas se esforçam por colocar sob escrutínio as características de uma “*nova mulher*”. Independente e segura de si, ela busca a auto-realização contrabalançando as relações afetivas e sexuais com as atividades de trabalho e já não aceita para si mesma uma posição de subordinação e uma atitude passiva na vida social.

Em meio a tal profusão e confusão de padrões de relacionamento afetivo e comportamento sexual, quais deles estão efetivamente servindo de modelo às jovens que formarão as gerações futuras neste novo milênio? Qual o lugar que ocupa em seu projeto de vida o casamento, com o imaginário de sonho que envolve o vestido de noiva? Como isso se contrapõe aos ideais de independência associados à profissionalização que hoje são parte da nova imagem da mulher na sociedade contemporânea? Foi para estas questões que se voltou então a pesquisa, tomando como problema central a idéia de projeto de vida dessas jovens de classe média com as quais já trabalhava, e procurando analisá-lo a

partir de um tríplice eixo que parecia sustentá-lo: a sexualidade, o casamento e a profissão.

Na intenção de desvendar a rede de significados culturalmente construídos que se encontram envolvidos no sentido e na importância atribuída a cada um desses eixos, uma pesquisa como a que passei a desenvolver a partir de então nos engaja igualmente em uma reflexão teórica sobre alguns temas essenciais da Antropologia contemporânea – o significado do casamento, da profissão e da sexualidade do ponto de vista da cultura brasileira. Vale dizer que nos debruçamos sobre questões relativas ao seu significado da perspectiva da relação entre as classes sociais, da dinâmica da cultura no contexto urbano, da construção social do corpo e da sexualidade, bem como dos códigos não verbais dos gestos e dos objetos convencionalmente tratados sob a designação de “*o que está na moda*”, evidenciando assim a dimensão simbólica da vida cotidiana enquanto elemento essencial de uma Antropologia dos grupos urbanos. Por fim, tudo isso nos obriga igualmente a refletir sobre as técnicas de investigação antropológica em sociedades complexas. Convém, portanto, passar em rápida revista essas questões.

Todas as sociedades humanas têm sua existência e reprodução organizada e dirigida pela cultura enquanto um conjunto de regras – mapas mentais, “*programas de controle*”, no dizer de Geertz – que orientam o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Resultado que são de uma característica fundamental da espécie humana, a plasticidade, tais regras são arbitrarias, de tal sorte que podem manifestar diferentes conteúdos a informá-las, propiciando, conseqüentemente, a existência de diferentes culturas e a diversidade social.

Não por acaso, portanto, na discussão da questão clássica sobre a transição Natureza / Cultura, Lévi Strauss irá procurar no “*universo das regras*” a

marca distintiva desta passagem, pretendendo encontrá-la numa regra norteadora da constituição da própria vida social que, quaisquer que sejam as diferenças quanto ao seu conteúdo, evidencia a característica de permanência que é própria da natureza, a lhe conferir validade universal: a proibição do incesto. A Antropologia, enquanto ciência por excelência que estuda as culturas, estuda assim os diferentes conteúdos desta regra presentes nas diferentes sociedades, e que constituem a base sobre a qual se organizam os diversos sistemas de parentesco. É através deles que se garante que a reprodução da espécie, processo da natureza, que no entanto demonstra a variabilidade própria da cultura, se transforme também em condição de reprodução da vida social.

Assim, não é também um acaso que o problema do parentesco tenha ocupado um lugar central nas discussões teóricas da Antropologia desde os seus primórdios. Pode-se atribuir a Lévi- Strauss, na esteira da obra de Marcel Mauss, o mérito de ter revolucionado a reflexão neste campo, ao conferir um lugar central à “troca” como instrumento fundamental que torna possível operacionalizar a vida social. Trata-se de entender a vida social, como Lévi-Strauss coloca de forma exemplar, enquanto “*sistema regulado de trocas*” – de mulheres, símbolos e bens – funcionando o casamento exogâmico, que se torna obrigatório pela proibição do incesto, como relação que consolida alianças entre grupos sociais, ao mesmo tempo em que permite a reprodução humana e da própria vida social.

Em diferentes sociedades, o casamento está assim imbricado no sistema de parentesco (que determina a constituição de diferentes modelos de organização da família, sem que, no entanto, esta se confunda com o próprio parentesco, do qual é apenas uma parte), permitindo com isto a ordenação das relações sociais, na medida em que as regras do parentesco indicam quais são os casamentos preferenciais e quais são os proibidos. As sociedades modernas, entretanto, apresentam uma característica específica em relação a esta questão,

dada a importância que nelas o indivíduo passa a ter. De fato, a emergência da idéia do “*amor romântico*” é indissociável das condições de constituição do mundo moderno, em que o indivíduo ganha autonomia frente às redes sociais mais amplas em que está inserido. Isto é o que lhe possibilita dirigir sua vida através de uma escolha pessoal e não baseado de maneira rígida nas regras sociais que em outras sociedades se tornam necessárias pela sua imbricação no sistema de parentesco.

Isto nos permite dizer que uma sociedade como a nossa contém em seu bojo, com relação ao casamento, a perspectiva da realização de um sonho individual, sem com isto perder a dimensão da relação social, isto é, a dimensão da aliança que se estabelece entre as famílias de origem para dar lugar à nova família de procriação. Para nós, embora aparente ser uma questão de escolha individual, o casamento evidencia representações e práticas que, explicitadas, nos mostram a dupla dimensão em que elas se exprimem, explicitando a dupla vinculação que continua existindo, ainda que de forma contraditória, no plano individual e social. É dessa perspectiva que se deve entender também a ordenação dos papéis sociais que se vincula ao casamento e à família, atribuindo-se à mulher o cuidado da casa e dos filhos, enquanto “*mãe de família*”, e ao homem, “*pai de família*”, o papel de provedor.

Isto é o que, numa sociedade como a nossa, marcada pelo individualismo e a preponderância dos projetos pessoais, vem colocar para a mulher um novo desafio: como conciliar seu papel tradicional de mãe e esposa, no interior da unidade familiar, com as aspirações e anseios de independência, inclusive financeira, que lhe podem ser assegurados através do exercício de uma profissão remunerada, que a retira da condição de ser uma mulher “*do lar*”.

As tensões que assim passam a acumular-se sobre os papéis masculino e feminino no interior do casamento são inúmeras, conforme já demonstraram vários estudos. E elas acabam por se constituir em elemento indissociável da própria relação conjugal à medida que, cada vez mais, se estende a incorporação da mulher ao mercado de trabalho, não só em função da realização de um sonho individual de independência econômica, mas da própria necessidade de manutenção da unidade familiar.

É contra esse pano de fundo que se pode entender o lugar, o significado e o valor atribuído, por um lado, à sexualidade e, por outro, à profissionalização, no projeto de vida das jovens que são objeto deste trabalho. Além disso, ao se trabalhar com um grupo social recortado por uma problemática qualquer, seja ela de classe, gênero ou geração, tal como é o caso aqui, não se pode esquecer que, numa dada sociedade, nenhuma cultura de grupo social é separada do contexto mais amplo em que se insere, mas apresenta elementos que permitem definir o arranjo próprio que o grupo faz dos valores da cultura de que é parte, graças à operação da dinâmica cultural que é particularmente significativa no contexto das sociedades complexas como a nossa.

Por fim, é preciso assinalar também que o presente trabalho constitui, evidentemente, um estudo sobre as representações sociais que se expressam por meio das aspirações e sonhos das jovens que foram objeto de nossa pesquisa com relação ao tripé sobre o qual buscamos entender a construção de seu projeto de vida – o casamento, a sexualidade e a profissionalização. De fato, acreditamos que trabalhar com o imaginário das pessoas em relação aos seus próprios julgamentos sobre suas ações e o que pensam como deveriam agir, é basicamente trabalhar com as representações sociais. É, de fato, mergulhar na essência do discurso cultural da Antropologia, pois são essas representações que servem de base para compreender o mundo imediato de forma ordenada e para

atuar no dia-a-dia da vida. É exatamente este o processo que nos leva aos paradigmas ideológicos que aparecem nas práticas sociais e que, definitivamente, formatam as diferentes sociedades.

Ao escolhermos centrar a pesquisa nos três eixos propostos, com ênfase, em primeiro lugar, nas construções simbólicas associadas ao casamento como parte de uma imagem ideal feminina, estamos considerando que nestas construções se reflete uma dimensão expressiva e significativa da vida das pessoas, que fala de sua posição objetiva e de sua visão idealizada da hierarquia social. Por outro lado, é preciso considerar também a natureza dessas construções simbólicas e o lugar que elas ocupam no momento específico em que com elas nos deparamos na vida dessas jovens.

Por mais que, nas sociedades modernas, como já foi antes assinalado, o curso de vida das pessoas já não seja pensado, como em sociedades anteriores à nossa, como uma trajetória em que a mudança de status e condição seja socialmente reconhecida e marcada por ritos de separação e re-inclusão em uma nova condição, sendo antes vividos como momentos de crise individual de identidade, não se pode negar que uma certa dimensão ritual ainda continue, apesar de tudo, a assinalar esses momentos de transição.

Sem dúvida o casamento, constituído ainda é reconhecidamente um rito de passagem, é o que de forma mais evidente se apresenta como objeto de construções simbólicas mais elaboradas e facilmente explicitáveis, na medida em que representa um valor social de alta carga simbólica e que tem atrás de si todo um imaginário romântico a sustentá-lo, além de uma poderosa e múltipla indústria a reiterar permanentemente as representações que a ele se associam. Se o ritual do casamento constituiu inicialmente nosso foco de atenção principal e ponto de partida nesta pesquisa, é precisamente pela exuberância da carga simbólica que

carrega consigo, e pela permanência das representações sociais publicamente explicitadas que a ele se associam. Entendido como um rito de passagem na sociedade moderna, o casamento mostra que não são apenas os indivíduos que se unem por laços de amor, mas grupos sociais que através destes laços consolidam alianças que trazem na sua esteira, além do sonho, a reprodução da espécie e da vida social, por meio de relações entre famílias que podem estar ou não vinculadas a um capital econômico, simbólico ou social.

De uma outra perspectiva, pode-se também considerar que o casamento, enquanto rito de passagem, se apresenta para as pessoas que se casam com uma forte conotação de *“drama social”*. Isto ocorre não só porque, na experiência dos participantes, ele representa a dramatização de um desenlace, o ponto final e ao mesmo tempo novo ponto de partida de um projeto de vida que envolve sonhos e expectativas, representações e valores, que se expressam de forma simbólica no ritual, ganhando realidade material na cerimônia de casamento e nas comemorações que a ela se seguem. Também no sentido forte do termo, como conceito antropológico, o casamento enquanto rito de passagem se apresenta como um *“drama social”*¹¹, na medida em que através dele se explicitam, se negociam, se reafirmam ou se reacomodam as regras existentes na sociedade, reveladas nessa dimensão expressiva da vida social.

Mas também a iniciação sexual constitui um rito de passagem. Seguramente menos explícito ou publicamente elaborado, vivido mais no interior da consciência ou na intimidade de um relacionamento, ele representa também um momento extremamente significativo da vida das pessoas. Referindo-se a uma dimensão vital da sua experiência no mundo, e que, por isso, não poderá estar ausente, como valor, de seu projeto de vida futura, a iniciação sexual é, nesse

¹¹ Turner, 1974.

sentido, mais que um rito privado executado na intimidade por parceiros unidos por laços de afeto ou paixão. Ele se projeta sobre a vida social mais ampla exatamente na medida em que se integra à construção de um projeto de vida, do qual se transforma em parte indissociável.

Finalmente, também a escolha de uma profissão, assinalada simbolicamente pelo momento de entrada na Universidade, constitui um rito de passagem. Envolto em práticas de natureza ritual nem sempre levadas a sério, e consideradas como práticas jocosas ou “*brincadeiras*” inconseqüentes, nem por isso o momento que marca simbolicamente a escolha de uma direção para a vida profissional do estudante universitário é menos significativo para o seu projeto de vida, não se esgotando por isso na dimensão simbólica do ritual de passagem ao qual o calouro é submetido.

Ao contrário, a profissionalização representa a escolha de um modo de inserção na vida social que irá marcar para sempre a formação dos indivíduos, independentemente do fato de que venham ou não, no futuro, a exercer a profissão que representou sua primeira escolha. Ela fará parte, indissociavelmente, do seu projeto de vida. Assim, as representações que se associam à escolha da profissão e os rituais que marcam a entrada dos jovens na Universidade expressam ideais e uma realidade, que pode ser a de um momento de realização de sonhos ou o sonho de um projeto de ascensão social, do qual as pessoas podem estar ou não conscientes.

A pesquisa realizada pretendeu assim explorar, através dos três eixos – o casamento, a sexualidade e a profissionalização – escolhidos como elementos constitutivos de um projeto de vida, a construção de expressões culturais centrais de nossa vida social, a rede de significados que a sociedade constrói em torno

destes eventos, e o modo como isso nos ajuda a compreender o que significa hoje a chamada “questão feminina”.

De fato, é em torno da dinâmica dos universos simbólicos associados a esses eventos que se constela e se concentra de forma exemplar na sociedade toda uma série de significados sociais, cuja produção se encontra dispersa em diferentes instituições e que podem ser lidos como expressão da multiplicidade e variedade de relações sociais em que os indivíduos se acham envolvidos em nossa sociedade. Eles se tornam assim elementos essenciais na construção de seu projeto de vida, nos quais se revela, para as jovens que foram objeto de nossa pesquisa, o significado que atribuem aos seus sonhos e seu projeto de vida enquanto mulheres.

Pretendemos, neste sentido, saber o que está em jogo nesta dinâmica, através da dimensão expressiva desses eventos e de sua projeção social, as representações que deles derivam ou a eles se associam, a linguagem do ideal em confronto com a realidade social, para assim percebermos os elementos simbólicos de uma organização social que estão sendo reavivados através desta dinâmica. Assim, a pesquisa procurou desvendar “modelos” sociais e “estilos” característicos do casamento, da profissão e da sexualidade entre camadas médias da cidade de São Paulo pela sua interdependência recíproca na construção de um projeto de vida para moças representantes desses grupos sociais, e que nos oferecessem um ângulo particular de enfoque de como se coloca hoje a “questão feminina”.

Para a realização da investigação que nos permitisse explorar essas diferentes dimensões da “questão feminina”, a opção por estudantes matriculadas no primeiro ano dos cursos universitários tornava-se estratégica. Através de questionários aplicados a moças de 18 a 21 anos, alunas de primeiro ano dos

cursos da PUC-SP e da área de saúde do campus de Sorocaba, além de discussões em profundidade efetuadas em pequenos grupos, pretendeu-se verificar como se dá a construção de um projeto de vida por essas jovens.

Foram utilizados os dados de 91 questionários de alunas dos cursos de Pedagogia, Psicologia, Fonoaudiologia, Ciências Sociais, História, Geografia, Turismo, Relações Internacionais, Serviço Social, Administração, Economia, Ciências Contábeis, Ciências Atuárias e Direito. Foi dada uma ênfase especial, como foco privilegiado de análise, às alunas dos cursos de Medicina e Enfermagem, na tentativa de verificar se a escolha de uma profissão que exige um maior engajamento nas atividades de trabalho teria, ou não, incidência sobre os modelos ou estilos de casamento e exercício da sexualidade que constróem o seu imaginário em torno de um futuro projeto de vida.

Em relação à amostra, a idéia era ter uma representatividade de todos os cursos do campus Monte Alegre, mas, quando verificamos que a amostra havia crescido muito e que, se fosse acrescentada a Faculdade de Comunicação e a Faculdade de Filosofia, o trabalho se tornaria inviável, decidimos então não perder a riqueza do material recolhido através das respostas espontâneas e limitamos a pesquisa aos cursos abaixo elencados. Foram distribuídos 100 questionários, por 16 cursos:

Centro de Ciências Humanas

Faculdade de Ciências Sociais (5 cursos):

Ciências Sociais	5 questionários
Geografia	2 questionários
Turismo	6 questionários
História	4 questionários
Relações Internacionais	6 questionários

Faculdade de Serviço Social (1 curso):

Serviço Social 7 questionários

Faculdade de Psicologia (1 curso):

Psicologia 12 questionários

Centro de Ciências Econômicas e Jurídicas :

Faculdade de Economia e Administração (4 cursos):

Economia 6 questionários

Ciências Atuárias 2 questionários

Ciências Contábeis 2 questionários

Administração 4 questionários

Faculdade de Direito: (1 curso)

Direito 7 questionários

Centro de Educação : (2 cursos)

Fonoaudiologia 12 questionários

Pedagogia 7 questionários

Centro de Ciências Médicas e Biológicas (3 cursos)

Medicina 6 questionários

Enfermagem 12 questionários

A distribuição dos questionários tentou levar em consideração um número equitativo de alunas por curso. O fato de haver mais ou menos questionários respondidos se deveu, porém, às seguintes situações:

- na Enfermagem, na Psicologia e na Fonoaudiologia, mais alunas pediram espontaneamente para responder aos questionários;

- nos cursos que só funcionam à noite, como Ciências Atuárias, Contábeis e Geografia, a idade das alunas era superior a 21 anos;

- o mesmo aconteceu em relação ao curso de Pedagogia.

Por períodos, os questionários respondidos dividiram-se em 33 no matutino, 32 no noturno, 3 no vespertino e 25 em período integral. Caberia ressaltar que, ao analisar os questionários devolvidos, várias moças agradeceram a possibilidade de refletir pela primeira vez sobre estas questões de uma forma mais sistematizada.

Com relação à análise dos dados e, portanto, ao alcance e limites da pesquisa, é preciso enfatizar mais uma vez que se trata de um estudo de representações, dada a distância entre a idéia e/ou ideal associados aos três aspectos da vida dessas jovens que foram tomados como eixos da pesquisa – o casamento, a sexualidade e a profissão – e sua própria experiência de vida. É no hiato entre representação e ação que a pesquisa se insere.

Das questões levantadas, talvez apenas o universo da sexualidade seja objeto de uma experiência real. Entretanto, mesmo aqui, não haveria como aferir a “verdade” relativa às suas afirmações sobre questões como o aborto, por exemplo, assim como não seria possível averiguar se suas respostas relacionadas às circunstâncias em que fariam escolhas entre a vida pessoal e a profissão teriam uma contrapartida real no plano da ação, caso se vissem de fato confrontadas com tais escolhas. Entretanto, é a própria ausência da experiência, no universo da ação concreta, que evidencia a importância de suas colocações, como

representações que falam de *valores* que consideram importantes em sua vida. Isto é o que nos permitiu colocar como questão estratégica central da pesquisa a idéia de construção de um projeto de vida.

A análise dos dados procurou assim evidenciar as permanências e transformações desse universo de representações construído pelas jovens pesquisadas em torno do casamento, da profissionalização e da sexualidade, no qual se cristalizam valores que norteiam suas escolhas, buscando compreender o que, através de tais representações, nossa sociedade está dizendo sobre si mesma com relação à “questão feminina”, tal como é vista por nossas jovens de classe média entre os 18 e 21 anos de idade.

Capítulo II - De menina a mulher

Projeto

Esta jovem que estudamos nasceu e criou-se em um ambiente onde internalizou as regras da sociedade através de uma visão de mundo que lhe foi transmitida primeiramente por sua família. No decorrer desta vivência, passando pelo convívio com parentes, vizinhos e amigos, escola, igreja, clube, partido, a menina foi-se transformando em moça e começou a se ver e interpretar o mundo ao seu redor com o que lhe foi sendo ensinado por sua própria experiência. É nesse momento que ela se torna um *outro* dentro de sua família, podendo avaliar com certo distanciamento o que ali ouviu e aprendeu e, segundo seu próprio julgamento, pode agora reafirmar o discurso e os valores desta família em que se criou, romper com eles ou mesmo invertê-los, conforme afirma Cyntia Sarti, ao analisar a família como espelho que permite definir, por contraste, a própria identidade¹.

É nesse momento que procuramos surpreendê-la, para tentar compreender qual a sua percepção do mundo, quais as representações, os valores e os ideais que orientam a construção de seu projeto de vida. Neste, ao mesmo tempo em que se afasta de sua família de origem, ela inclui o ideal da família que ela própria irá criar, além de valores que contemplem a sua realização pessoal, afetiva e profissional, como mulher. Como se constrói um projeto de vida?.

¹ Cynthia Sarti, O jovem na família: o *outro* necessário. In: Regina Novaes & Paulo Vannuchi (orgs.), p. 123.

Gilberto Velho é sem dúvida um dos autores que melhor esclarecem essa questão. Em seu estudo *Projeto e Metamorfose*, ele se apóia em Simmel para definir a situação do indivíduo na sociedade moderna como um ponto de intersecção de vários mundos. Vivendo numa realidade complexa e multifacetada, em que é chamado a desempenhar diferentes papéis sociais, ele negocia incessantemente, no interior das redes de relações sociais de que faz parte, a construção de sua realidade e sua própria identidade².

Como afirma Velho, “a negociação implica o reconhecimento da diferença como elemento constitutivo da realidade. Como sabemos, não só o conflito, mas a troca, a aliança e a interação em geral, constituem a própria vida social, através da experiência da produção e do reconhecimento explícito ou implícito de interesses e valores diferentes”³. O que impede que, nessas circunstâncias, a vida social se fragmente na miríade das diferentes experiências e interesses individuais que dela fazem parte é a própria interação entre os indivíduos, regulada pela teia de significados gerada na e pela sua inter-relação, e pela linguagem que torna possível a sua comunicação. Este processo, constitutivo da vida social em geral, constrói, como assinala Geertz⁴, uma “hierarquia estratificada de estruturas significantes”, indicando os múltiplos planos em que a interação entre os indivíduos constitui diferentes comunidades de sentido, em termos das quais, e no interior das quais, eles podem interpretar e compartilhar sua experiência de vida. Porém, nas sociedades complexas esse processo adquire características específicas.

Nessas sociedades, marcadas pelo lugar central do indivíduo como fulcro da vida social, uma vez desfeitos os controles sociais mais rígidos que em outras

² Gilberto Velho, *Projeto e metamorfose*, p.21.

³ *Idem, ibidem*, p. 22.

⁴ Clifford Geertz, *A interpretação das culturas*, p. 17.

sociedades anteriores ao mundo moderno prendiam o indivíduo ao seu grupo e lhe destinavam papéis sociais específicos, à exclusão de outros, os indivíduos experimentarão uma liberdade quase ilimitada para se engajarem em diferentes papéis (ou, de uma outra perspectiva, serão obrigados a desempenhá-los) sem que com isso venham a perder a integridade de sua própria identidade individual. Nessas circunstâncias, a negociação da realidade dará lugar à construção, pelo indivíduo, de um jogo complexo de identidades e papéis cuja fluidez constitui uma das características mais significativas do estilo de vida nas nossas sociedades.

Como afirma Velho, “os indivíduos transitam entre os domínios do trabalho, do lazer, do sagrado, com passagens às vezes quase imperceptíveis. Estão na intersecção de diferentes mundos. Podem a qualquer momento transitar de um para outro, em função de um código relevante para suas existências. (...) A continuidade e as transformações da vida social dependem do relacionamento mais ou menos contraditório e conflituoso entre esses mundos e os códigos a eles associados”⁵. É nesse contexto que se compreende qual o sentido e a significação que adquire, para o indivíduo, a construção de um projeto de vida.

A modernidade, que lentamente se constrói desde do Renascimento e se impõe de maneira definitiva a partir das transformações sócio-econômicas, políticas e culturais que se consolidam a partir dos séculos XVII e XVIII, marca o ethos de nossas sociedades pela tensão entre exigências só em aparência contraditórias que irão se apresentar aos homens e mulheres que nelas vivem. Colocando o indivíduo no centro da vida social, elas proclamam a igualdade de todos, ao mesmo tempo em que valorizam a singularidade da existência individual de cada um. Afirmando o valor de uma racionalidade calculadora, elas impõem a necessidade de prever para prover, vivendo no presente a construção do futuro.

⁵ Gilberto Velho, *Idem*, p. 26.

Este é o sentido do projeto: a persistência num modo de conduta organizado hoje com vistas a atingir objetivos determinados amanhã.

A modernidade abre assim um campo de possibilidades que remete à dimensão sócio-cultural da experiência da vida individual e coletiva, como espaço para a formulação e a implementação de projetos. É assim que grupos sociais, ou mesmo sociedades inteiras, elaboram projetos comuns em diferentes momentos de sua história, embora, como alerta Velho, um projeto coletivo não seja vivido de maneira totalmente homogênea pelos indivíduos que o partilham. Ele será diferentemente interpretado pelos indivíduos em razão de inúmeras particularidades que marcam sua condição, desde sua posição de classe e status social até, no interior de uma família, por exemplo, sua condição de gênero e geração, ou a peculiaridade de sua trajetória.

É assim que, para o indivíduo, a construção de um projeto de vida se impõe quase como uma necessidade inescapável. Frente a um campo em aparência ilimitado de possibilidades que é lhe oferecido pela vida social, é o projeto que lhe permite conferir de antemão uma racionalidade e uma coerência à sua conduta, que poderia ser fragmentada diante da multiplicidade de papéis que se vê chamado a desempenhar, pondo assim em risco sua própria identidade enquanto indivíduo singular.

E Velho amplia ainda mais essa visão ao comentar que “o trânsito intenso e freqüente entre domínios diferenciados implica adaptações constantes dos atores produtores de, e produzidos por, escalas de valores e ideologias individualistas constitutivas da vida moderna. Esta situação, como já percebia Simmel no início do século, é particularmente aguda nas metrópoles. Mas o desenvolvimento da

comunicação de massas e dos processos globalizadores expande e generaliza esta problemática”⁶.

É em vista destas questões que neste capítulo se pretende delinear o perfil das jovens que foram objeto da pesquisa através do levantamento de alguns indicadores de seu processo de socialização, primeiro no interior da família, e depois, de modo mais amplo, em contato com diferentes instituições sociais. O contexto em que cresceram estas jovens é caracterizado por dados socioeconômicos como tipo de moradia, rendimento familiar, escolarização, bem como por hábitos familiares e pessoais, como acesso à informação através de jornais e revistas, rádio e televisão, hábitos de lazer como frequência a clubes, cinema, teatro, filiação partidária etc.⁷. O que se visa assim é detectar elementos que, na passagem da sua condição de menina à de jovem mulher, possam ter influenciado a construção de seu ideal do feminino e de seu futuro profissional como partes integrantes de seu projeto de vida.

Perfil

A caracterização do universo da pesquisa foi feita com base no levantamento de dados relativos à condição sócio-econômica da família das moças que responderam os questionários, bem como de alguns dados de natureza mais qualitativa relativos à sua socialização.

⁶ *Idem, ibidem*, pg. 44.

⁷ É necessário registrar que uma das limitações da pesquisa foi não ter incluído nos questionários nem depois explorado nas discussões em grupo questões relativas à filiação religiosa das jovens. Como a pesquisa tinha em seu ponto de partida um logo trabalho sobre mulher e religiosidade, que resultou na minha dissertação de mestrado, acabou me escapando, no momento de começar a nova pesquisa, a importância de retornar esse ponto, que então julgava já suficientemente explorado.

Quanto à faixa etária, a maior concentração está entre 18 e 19 anos, totalizando 36 alunas com 19 anos, 29 com 18, 22 com 20 anos e apenas 6 com 21 anos.

Em relação à moradia, distribuem-se da seguinte forma pela cidade de São Paulo:

Zona Oeste –	26 moradoras
Zona Leste –	8 moradoras
Zona Sul –	12 moradoras
Zona Norte –	9 moradoras
Centro –	5 moradoras

As 18 alunas de Ciências Médicas residem em Sorocaba, outro campus da Universidade, sendo que as que cursam Medicina moram na maior parte das vezes em repúblicas. Em relação ao curso de Enfermagem, as alunas são oriundas de Sorocaba ou de cidades do seu entorno e usam ônibus inter municipais para se deslocarem até a Universidade.

Entre os bairros com maior concentração de estudantes do campus Monte Alegre, em São Paulo, encontramos: Perdizes, Pinheiros, Butantã, Consolação, Cerqueira César, Penha, Artur Alvim, A. E. Carvalho, Vila Olímpia, Moema, Morumbi, Vila Mariana, Freguesia do Ó e Santana.

Quanto ao estado civil, 98 são solteiras, 1 casada e 1 viúva.

Das 91 moças que responderam ao questionário, 75 se definem como brancas, 3 negras, 4 pardas, 1 morena, 2 orientais e 15 não declararam a cor ou origem étnica. Em relação à nacionalidade, foram encontradas 1 franco-brasileira, e 1 peruana, sendo as demais brasileiras.

Em relação à classe social a que pertencem, elas se auto-classificaram como “classe média média” e “média alta”. Esta classificação pode nos dar a percepção de como estas moças se sentem situadas na hierarquia de classes na nossa sociedade. A classificação usada pelas alunas está vinculada à renda familiar e nível de escolaridade dos pais, e não é determinada pelo número de pessoas que contribuem para a renda familiar.

Essas moças vivem com seus pais, que estão em uma faixa de idade variável de 46 a 51 anos. 80% destas jovens vivem em famílias compostas, além do pai e da mãe, também por dois ou três irmãos. Em 70% da amostra entre os que residem em São Paulo, vivem em casas próprias, e não apartamentos, com padrão de médio para grande. Estas casas em geral têm 3 quartos, sala, 2 banheiros e 2 garagens. Os eletrodomésticos/ eletrônicos que a família possui são em geral os equipamentos básicos de uma casa de classe média: TV, freezer, geladeira, máquina de lavar roupa. Em relação aos aparelhos de TV, vídeo, som e telefone, os números em geral são proporcionais à quantidade de moradores, o que nos leva a indagar como se dá a sociabilidade da família dentro da casa.

Em geral metade das famílias é proprietária de dois carros, apenas 6 delas possuem 4 carros e em 15% dos casos a família tem 3 carros. 17 moças ganharam carros de presente da família. Na maior parte dos questionários, as respostas indicam que o orçamento familiar é garantido pelo casal. Em 30% dos casos, apenas uma pessoa é responsável pela renda familiar.

As famílias da amostra apresentam um rendimento alto para os padrões da sociedade brasileira, situando-se numa faixa salarial de 15 a mais de 25 salários mínimos. Metade destas moças cursa a Universidade custeada pelos pais e um

quarto das meninas recebe mesada de seus pais, com uma variação de R\$ 50,00 a R\$ 700,00.

São filhas de casais que, em 60% da amostra, têm escolarização universitária e pós-graduação, e apenas um terço dos pais apresenta escolarização de nível médio. Um dado curioso é o fato da escolarização das mães ser um pouquinho maior que a dos pais.

Metade dos pais das nossas jovens trabalha na profissão em que se formaram. São empregados e autônomos. Há uma grande variação de profissões, como serralheiro, publicitário, professor, torneiro mecânico, contador, gerente de loja, comerciante aposentado, micro-empresário, matemático, médico, lavrador, empresário, representante comercial, entre outros, e as que nas últimas décadas do século passado eram consideradas como formações de prestígio nesta amostra são poucas. Entre as mães encontram-se uma telefonista e uma cabeleireira, além de uma bilheteira de teatro e uma cozinheira de casa de família. Ambas têm filhas cursando Serviço Social. Muitas delas, no entanto, têm curso superior e diploma universitário.

Em relação ao trabalho apenas 15 de nossas jovens exercem uma atividade remunerada. Ligadas à área de educação estão 5 delas, há 1 teleoperadora, 1 recepcionista, 1 auxiliar administrativa, 3 estagiárias, 1 caixa e hostess e a última faz iniciação científica. Os salários que 9 delas recebem varia de R\$ 250,00 a R\$ 500,00. Cinco ganham até R\$ 800,00 e uma R\$ 1300,00, embora não tenha respondido no que trabalha.

Dessas 15 jovens, 10 não contribuem para a renda familiar. Outro dado interessante se refere ao fato de que algumas que contribuem têm renda familiar

menor, o que nos leva a supor que a maior renda familiar está vinculada a famílias em que as jovens ou não trabalham, ou não contribuem.

Alguns outros dados foram também levantados tendo em vista a caracterização da socialização das jovens pesquisadas. Elas têm por hábito a leitura das manchetes dos jornais da Internet, materiais técnicos e os resumos dos livros indicados para o vestibular. Quando perguntadas a respeito dos últimos romances lidos, mencionam desde literatura corrente para o vestibular como *O guarani*, *Lucíola*, *Dom Casmurro*, *A moreninha*, até clássicos como *Romeu e Julieta*, *Crime e Castigo*, *A dama das camélias*, *O primo Basílio*, *A metamorfose*, *Morte em Veneza* e obras de sucesso como *Capitães de areia*, *Cem anos de solidão*, *A insustentável leveza do ser*, *A hora da estrela*.

Lançamentos recentes como *Chatô, o rei do Brasil*, ou obras divulgadas por seriados da televisão, como *A muralha*, também são referidas, e a série de *Harry Potter* e de *O Senhor dos Anéis* se incluem igualmente em as leituras de nossas meninas. Entre obras de caráter filosófico ou místico figuram desde *O mundo de Sofia* e *A arte da felicidade*, do Dalai Lama, até *Nas margens do rio Piedra eu sentei e chorei*, de Paulo Coelho. Crônicas de Rachel de Queirós, policiais de Agatha Christie, romances históricos ou espiritualistas também foram mencionados por nossas jovens. Entretanto, quando indagadas acerca de filmes ou peças de teatro a que assistiram recentemente, ou não se lembram de seus títulos, ou a questão ficou sem resposta. E tal como ocorre com a parca leitura de literatura, também declaram em relação aos jornais escritos de circulação nacional que simplesmente não os lêem.

Nenhuma delas é filiada a partidos políticos, e só 30% se declaram simpatizantes de algum partido, com uma predominância para o P.T. Metade delas declara freqüentar teatro, e todas assistem filmes em vídeos e cinemas.

Ouvem música – rock e música popular brasileira – em casa e no carro. Porém, todas elas vão freqüentemente a bares e danceterias. A freqüência a clubes é muito baixa: apenas 3%.

Entre as revistas femininas compram sobretudo *Claudia*, *Boa Forma*, *Nova*, *Capricho*, *Marie Claire* e *Caras*. Em casa, seus pais irmãos ou parentes também compram outras revistas como *Veja*, *Isto É*, *Época*, *Exame*, *Carta Capital*, *National Geographic*, *Terra*, *Seleções do Readers Digest*, *Diplomacia*, *Arquitetura e construção*, *Boa Viagem*, *Peg e faça*. As mães, além destas, também lêem *Casa e Jardim*, *Super Interessante*, *Galileu*, *Claudia*, *Marie Claire*, *Manequim*, *Viver bem*, *Gula*, *Criativa*, *Bons fluidos*, revistas de decoração, de artesanato e de educação. Seus irmãos compram *Playboy*, *Moto Shop Quatro Rodas*, *Guitar Player*, *Rap Brasil* ou *Rock Brigada*, suas irmãs lêem *Capricho*, *Minha novela*, *Corpo e moda*, *Toda Teen*, *Atrevida* e *Tititi*, e para os menores são compradas revistas infantis. Em algumas das famílias compram-se também revistas religiosas como *Brasil cristão* e *Semana judaica*.

Cerca de 60 meninas declaram folhear estas revistas. “*Raramente leio revistas femininas. Atraem minha atenção assuntos relacionados à estética corporal (dieta, pele, cabelo), psicologia, novos produtos e descobertas*”, afirma uma delas. Outra diz: “*Só leio essas revistas no cabeleireiro ou quando estão à mão*”. Entretanto, praticamente todas se interessam por um rol mais ou menos comum de assuntos. Neles se incluem comportamento, beleza, decoração, horóscopo, sexo, moda, culinária, “*coisas relacionadas à dieta, entrevistas, etc.*”, manutenção do corpo, saúde, relacionamento pais e filhos, ginástica, reportagens sobre pessoas famosas ou histórias interessantes, cosméticos, problemas afetivos, atualidades, nutrição, fofocas, relatos de mulheres profissionais que obtiveram sucesso, roupas, cuidados com a pele, acessórios, bijuteria, pesquisas, testes, dicas de beleza, comportamento masculino, experiências no casamento,

sexo, filhos, assuntos científicos, piadas, atualidades, costumes de outras culturas trabalho e profissão, política, assuntos e temas religiosos e comunidades.

“Gosto de assuntos diversos, mas em especial os informativos sobre o Brasil, o mundo, família, sexo e novelas”, afirma uma jovem. “Quando leio são os depoimentos de algumas mulheres em certas revistas femininas”, ou então “Não me interessa muito por revistas femininas, mas gosto de saber os truques de beleza”, dizem outras. Algumas declaram interessar-se “por maquiagem, moda (roupas) e saúde quando a revista traz esta seção”, ou ainda pela. “aparência no trabalho, como ficar bonita, dicas para conquistar seu parceiro”. Apenas 9 dentre as entrevistadas relatam com relação a estas leituras preocupações com a profissão.

Do total das que responderam os questionários, 50 afirmam não assistir televisão. As outras dividem-se entre programas femininos (Mais Você, Note e Anote), novelas, Melhor da Tarde, jornais televisivos e vários outros de canais de TV a cabo, da TV Cultura e outros. *“Gosto de programas que me acrescentam culturalmente”, afirma uma menina. Assim, assistem entrevistas, Super bonita, Friends, O Brasil é aqui, na GNT, A casa é sua, Rede mulher, Globo Repórter, Altas Horas, Discovery, National Geographic, Tribos e Trilhas Telecine, Sakura Card Captor, Charmed, vídeos do Animal Planet, Plantão Médico, MTV, Multishow, TNT, Saia justa, A Grande Família, Casseta e Planeta, seriados do canal Sony, Provocações e Vida minha vida, na TV Cultura, Os Normais, filmes, desenhos, documentários científicos, Roda viva, Jô Soares, Vitrine, Tome conta do Brasil.*

“Se assisto, o que é difícil, gosto de culinária, artesanato e saúde”, declara uma menina, indagada sobre o que vê na televisão. Outras elencam entre seus programas favoritos música, entretenimento, informação, situação mundial,

economia, assuntos científicos, filmes, receitas, saúde (entrevistas com médicos), moda, *“poemas, músicas da cultura brasileira, os estudiosos citados no programa”* diversão, curiosidades, documentários, dicas de beleza, produtos, fofocas. Sobre alguns desses programas, dizem que *“fala a linguagem do adolescente”*, enquanto outros servem para *“distrair, relaxar a cabeça”*. Suas mães, que em muitos casos trabalham fora, pouco assistem TV. Quando podem, vêem programas femininos, jornais, novelas, seriados, Show do Milhão, Esperança, os Simpsons, National Geographic, Programa Raul Gil no Domingo Legal, Eu vi na TV e alguns dos outros assistidos por suas filhas.

Já temos condições, agora, de ter uma visão de conjunto sobre nossas jovens, a partir de um pequeno resumo dos dados apresentados.

Apesar da grande dispersão geográfica do lugar de moradia dessas moças em seu conjunto, no interior do Estado e inclusive entre bairros de São Paulo considerados de classe média e outros que apresentam de forma menos evidente esta característica, é possível dizer que em sua maioria predomina entre elas um padrão de vida de um estrato social elevado, de classe média a média alta. São poucos os casos em que moradia, renda familiar ou escolarização revelam sua origem em estratos sociais mais baixos. Assim, consideradas em conjunto, a maioria dessas jovens apresenta um perfil definido.

Estas moças são solteiras, não trabalham, moram em casas próprias, de padrão médio a médio-alto, e são sustentadas pelos pais. Vivem em famílias nucleares onde o casamento não se desfez e onde uma porcentagem significativa dos pais tem formação universitária. Apesar disso, as jovens não lêem jornais, e lêem muito poucos romances ou outros tipos de literatura. Só dizem se preocupar com a literatura técnica, o que nossa experiência de muitos anos em sala de aula contradiz. Só uma pequena parte delas demonstra alguma preocupação social

mais ampla, declarando-se simpatizante de algum partido político. Vão a danceterias, cinemas e surpreendentemente metade delas freqüenta teatro, um entretenimento considerado caro em nossa sociedade. Os clubes, que podem ser considerados um espaço de sociabilidade mais amplo, não são por elas freqüentados. O número de aparelhos de som, vídeos e DVD, em suas casas, leva a supor que elas ouçam música e assistam filmes sozinhas ou acompanhadas de namorado ou amigos. A antiga sociabilidade que se estabelecia com a família ouvindo música, assistindo filmes e programas de televisão, parece ter desaparecido.

Ao que tudo indica, suas relações com o mundo se estabelecem dentro de um círculo bastante restrito de familiares e amigos, com os quais partilham um tipo de lazer mais voltado para o entretenimento e onde é difícil avaliar a importância dos laços sociais que aí se formam. A Universidade parece ser um espaço mais constante de sociabilidade entre essas jovens. Entretanto, dada a natureza dos cursos, e tendo desaparecido as antigas “turmas” que se formavam nas classes, é difícil saber também se a natureza dos vínculos que se formam na sala de aula, na “curva do rio” ou na “prainha” da PUC-SP vão além de um convívio superficial.

Assim, boa parte da socialização secundária dessas jovens, que formariam suas opiniões sobre o mundo e os valores que as ajudariam a formular um projeto de vida, parece ser formada através de matérias e propagandas enfatizadas pela mídia impressa, eletrônica e televisiva. Como elas afirmam ler revistas e assistir pouca televisão, faremos uma análise do conteúdo dessa mídia impressa que veicula um tipo de matéria que também é semelhante aos dos programas pelos quais se interessam.

O universo da leitura: matérias e propagandas da mídia impressa

Claúdia e *Boa Forma* são as revistas mais lidas por nossas moças. Quando perguntadas sobre o conteúdo que as matérias e propagandas dessas mídias enfatizam com relação à imagem da mulher, afirmaram, na ordem de importância que abaixo se coloca:

- “Ser mulher é exercer a sensualidade”*
- “Ser mulher é ser bela e jovem”*
- “É ser uma nova forma de mulher”*
- “É ser dinâmica”*
- “É criar atrativos para que o homem a conquiste”*
- “É ir à luta”*
- “É conquistar seu homem”*
- “É ter uma profissão”*
- “É cuidar do lar e dos filhos”*
- “É ser esposa”*

Sobre esses tópicos, comentou uma jovem que todos eram igualmente importantes. *“A mulher atualmente necessita se adaptar às novas tendências sociais, trabalhar, zelar por sua família e sua casa, conquistar seu espaço a cada dia e, apesar de todo esse esforço e empreendimento, se manter bela, atraente, sensual.”* Vale a pena perguntar-se em que se baseia esta sua afirmação. Um número da Revista *Nova*, de 1984, traz entre suas matérias um artigo que merece ser destacado, pela imagem da “nova mulher” que então apresentava:

“Eu sei o que quero, sou mãe, esposa, amante, companheira. Trabalho fora, meu objetivo é vencer. Sou lutadora, inteligente. Odeio a rotina, levo tudo muito bem. Sou bem informada”.

Na pesquisa anterior que deu origem a este trabalho, levantamos a possibilidade de que esta “nova mulher” de que então tanto se falava não rompia com as propostas tradicionais em relação ao binômio casamento/ trabalho, mas as modernizava, dando-lhes novas roupagens e mantendo em princípio os liames tradicionais, que não eram questionados nas matérias. Hoje, os meios de comunicação de massa enfatizam questões que podem ser exploradas para melhor se avaliar aquela hipótese.

Revista *Cláudia* – julho de 2002. Artigo: “Quero uma esposa”

“Na teoria, há anos os homens toparam rachar as tarefas domésticas com as mulheres. Assim como pagar as contas é encargo de ambos. Na prática, o que mais se vê são eles apenas “ajudando” a companheira, não assumindo que as tarefas pertencem, sim, a eles também . Uma lavada de louça aqui, uma troca de fraldas ali, uma ida rápida ao supermercado e pronto . . .” “O problema das mulheres é querer tudo certinho demais , nós não estamos dispostos a tanta dedicação quanto elas.”

No imaginário masculino, a mulher já é dedicada e “certinha” por natureza em relação às tarefas do lar. Se não o for, será considerada “desnaturada”, principalmente em relação aos filhos. Aliás, o termo “certinha”, que remete ao universo de uma ordem natural, só é usado em relação à representação que se faz do sexo feminino. O que cabe aos homens é apenas uma ajuda à mulher, e não uma divisão eqüitativa de tarefas do lar. Neste sentido, o homem ideal que elas dizem existir, seus namorados, colegas e amigos, que são tão modernos e diferentes, não estão interessados em partilhar igualmente as tarefas domésticas.

Revista *Claudia* – março de 2003

“A maternidade deixa as mulheres mais inteligentes, com a memória ágil, e ainda contribui para a prevenção de doenças cerebrais como o mal de Alzheimer.”

A revista *Claudia*, segundo dados da Editora Abril, é sua revista mais vendida. Em 2003, suas matérias, que às vezes mal se distinguem das propagandas que veiculam, enfatizam no artigo citado a importância e os benefícios da maternidade na vida de uma mulher: acréscimo de inteligência, agilidade mental e corpo saudável no futuro e na idade avançada, comprovados através de estudos feitos por uma universidade americana (ou seja, mediante a palavra de cientistas) no sentido de afastar uma doença degenerativa. Outras matérias são igualmente significativas:

“Dieta de 1200 calorias para você chegar lá“

“Cinturica: Para eliminar gorduras localizadas e ganhar curvas estratégicas”

“Totalmente sedutora, hipnotize-o”

“Me agarra que eu gosto, ele vai jurar amor eterno”

“Maquiagem sedutora”

“Pullman Light 0 % de gordura”

“É como seu corpo: quanto menos gordura , mais gostoso”

“Sadia Vita Light - Porque a vida pode ser gostosa e saudável ao mesmo tempo“

As mensagens são claras. Encare as gorduras, não na cozinha, é claro, mas as do corpo: alimentação saudável e exercícios regulares que permitem diminuir a cintura e ganhar curvas para se tornar uma mulher “gostosa e fatal “. O

gosto só é possível através do paladar, ou seja, é a mulher colocada como alimento a ser consumido, pão de forma light que se transmuda e vai espelhar o seu corpo: quanto menos gordura, mais gostoso... É assim também com o Vita light: não perder a alegria de viver, pois a comida é gostosa e saudável. Observamos claramente que o produto a ser consumido não se refere, numa primeira instância, à mercadoria em si, mas ao seu significado simbólico, a construção cultural do corpo. Quanto a isso, não deixa dúvida outro anúncio:

*“Sua pele de volta ao tempo em que você não se preocupava com ela”
(Neutrogena)*

Pele de jovem, não adolescente, é claro, pois como todo mundo sabe, a explosão hormonal da adolescência produz acne. Você não se preocupava com sua pele quando os sinais de envelhecimento não estavam presentes. Este é um claro exemplo do sentido de perpetuação da eterna juventude.

Com relação ao universo da casa, vale destacar um anúncio:

*“Novo Brilhante com mini cristais de alvejante. Roupas muito mais brancas.
Só podia ser Brilhante”*

Brilhante, o nome do sabão em pó, é interessante. Tem o poder de fazer tudo brilhar. Antes da época anti-aderentes, era comum arear as panelas e deixá-las brilhantes, o que estragava as unhas e as mãos. Hoje isto não é mais necessário. O nome do sabão opera como uma metonímia, trazendo um significado que se desloca da roupa para o corpo. Tecidos usados no cotidiano não brilham, com exceção das roupas de festa, para as quais as próprias revistas aconselham o uso de sabões mais sofisticados. As roupas se tornam muito mais brancas – como se fosse um passe de mágica, aliado à sociedade industrial que produziu a máquina de lavar. Além disso, os *mini cristais*, com sua conotação de

brilhos, beleza, sedução, remetem à idéia de *jóias*, sendo, portanto, parte de um discurso apreciado por todas as mulheres.

O título de outro artigo é também sugestivo:

“50 idéias para ser feliz enquanto você está sòzinha “

“Enquanto” significa um espaço de tempo que deverá ser superado, portanto, não é eterno. O artigo versa sobre 50 “receitas” que ajudam a ultrapassar o período até o momento de um novo relacionamento.

Revista *Boa Forma* - junho de 2003 – Matérias de capa

“Bumbum de babar. Aposte na ioga”

“Dieta dos shakes: derretem culotes, pneus e barriga”

“Corpão de deusa: malhando só 30 minutos por dia”

“Seios de arrasar”

Malhar, derreter, concentrar, relaxar podem ser considerados eufemismos de práticas que quase sempre estiveram presentes na história da humanidade. No século XIX, as mulheres usavam espartilhos que comprimiam os corpos para obter a famosa “cintura de vespa”. Hoje se faz lipo-aspiração, seguindo estereótipos do “belo” que não deixam de ser uma nova roupagem para um outro jeito de construir o corpo. Práticas milenares orientais, a exemplo da ioga, são “ocidentalizadas”, perdendo o seu caráter filosófico e passando a servir à indústria para ditar moda e, obviamente, acelerar o consumo.

Outra matéria no interior da revista mostra por outro ângulo essa relação:

“Triumph - o 1º soutien hidratante do Brasil

Soutien com micro cápsulas de aloe vera que hidratam seus seios enquanto você usa. Firmeza e suavidade na medida certa. Finalmente as mulheres vão poder receber de volta um pouco da combinação maravilhosa que sempre deram ao mundo.”

Além de ser uma peça feminina com forte apelo da indústria estética, o produto anunciado oferece às mulheres cuidados com os seios que lhes “retribuem” os seus dons. O que elas sempre deram ao mundo? A suavidade do seio que alimenta e a firmeza do caráter que permite o crescimento adequado das próximas gerações. E tudo na medida certa. O que será isto? Ser mãe é um “dom”. É o que todas as moças da pesquisa enfatizam.

Outra matéria suscita curiosidade:

“Planos neuro lingüísticos:

Eu tenho a força, eu chego lá. Se você quer, você pode chegar ao estado desejado. Software mental, ponte entre a linguagem e o comportamento: Caminhar me faz gastar calorias, em vez de ‘detesto fazer esteira’ Quero emagrecer, em vez de ‘não quero engordar’ “

Caberia aqui perguntar se “a nova forma de ser mulher”, cantada e decantada como modelo para as jovens leitoras, deve levar em conta também estes “planos neuro lingüísticos”...

De uma outra perspectiva, são as relações afetivas que se associam à modelagem cultural do corpo, juntamente com os serviços que a promovem:

*“Se você já tem namorado, nada como manter o corpinho super em cima; se ainda não tem, adeus, preguiça!
Hora de se cuidar para estar em cima quando o seu príncipe chegar.
Para ajudá-la nesta tarefa, a Runner dá 35% de desconto em 30 sessões para tratamento de emagrecimento nos aparelhos...
Tem mais, o centro de beleza é aberto para todo mundo – associados da academia ou não.”*

Assim, portanto, em relação ao namoro, é um belo corpo e não o afeto que se faz necessário. Manter um relacionamento é manter o corpo “em cima”, e a espera do príncipe encantado é o que torna a “hora de se cuidar”, “estar em cima” atributos essenciais. Democraticamente, na academia, a beleza é oferecida como produto ao alcance de todos.

Todas estas propagandas levam em conta a imagem de uma nova forma de ser mulher: bela, jovem, sensual, atraente, para ser conquistada, e capaz de ir à luta, ter profissão, cuidar do lar e filhos e ser esposa. O corpo é um aliado na conquista do namorado que se transforma em príncipe. Este está sempre relacionado a uma divisão na vida destas novas Cinderelas: antes de sua chegada, eram maltratadas e sofriam; com a sua chegada, tudo se resolve, e o final é sempre o mesmo – casaram e foram felizes. Precisamos continuar a malhar e usar todos os produtos de beleza que têm eficácia simbólica para escapar das nossas madrastas e materializar nossos príncipes...

Nas décadas de 60 e 70 do século passado, a revista *Claudia* costuma publicar matérias que irritavam as feministas: “Agarre seu homem pelo estômago”, sugerindo que a comida feita por elas acariciava o estômago deles. Hoje o discurso se moderniza e malhação, aliada à indústria cosmética, substitui o preparo do alimento. Maitena, uma cartunista argentina que as jovens gostam de ler, brinca com a imagem desta nova mulher:

“Sou uma boa esposa, uma mãe perfeita, uma profissional respeitada e bem paga. Por que eu tenho que ter celulite?”

Em grande parte, o conteúdo das revistas citadas enfatiza a perfeição do corpo humano, conseguida através da disciplina e com uma pequena ajuda dos centros de estética e beleza, além, é claro, das cirurgias plásticas. Esse verdadeiro culto ao corpo, presente na nossa sociedade, tem um grande significado simbólico que requer, para ser compreendido, que se analise a construção cultural deste corpo. A própria substituição do espartilho pela malhação e pelas cirurgias estéticas denota uma nova construção cultural do corpo. Por que ele é tão importante ?

Castro, em seu estudo *Culto ao corpo e sociedade*⁸, levanta os conteúdos das revistas *Boa Forma* e *Corpo a Corpo* para discutir a questão da construção cultural do corpo através da indústria de consumo e das academias de ginástica, afirmando que as pessoas definem o que são e quem são através da modelagem de seus corpos. Cita em seu apoio Roniwalter Jatobá, editor executivo da revista *Boa Forma*, que declara, na edição de número 1 da publicação:

“ ... progressivamente jovens, adultos e idosos vêem a atividade física como algo que, além da saúde e bem estar, ajuda a construir uma individualidade no trabalho, lazer, alimentação e vida social.”

Deve-se notar que este guia vendeu em sua 1^o tiragem 100.000 exemplares. Isto não terá ocorrido sem razão, já que Cláudia Visone, editora da revista *Boa Forma*, afirma:

⁸ Ana Lucia de Castro, *Culto ao Corpo e Sociedade*, p. 16.

“A revista deve mostrar gente que tem os mesmos problemas que elas (...) o mesmo estilo de vida, para que não se sintam sozinhas, tenham uma companhia para resolver seus problemas , ou seja, para elas se espelharem “.

Esta publicação está ligada a questões estéticas e enfatiza “estórias de gente como a gente“, já que espelhar-se nas estórias dessas personagens, segundo a revista, ajuda as jovens a se orientarem. Já *Corpo a Corpo* mergulha em questões relacionadas ao equilíbrio interior, procurando elevar a auto-estima de suas leitoras e proporcionar-lhes melhor qualidade de vida. São revistas que apresentam tendências de comportamento via dimensão estética e salutar das práticas recomendadas. O público das duas revistas é semelhante. Rosana Faria, editora-chefe de *Corpo a Corpo*, ilustra essas questões ao afirmar:

“A gente quer que todas as mulheres que estejam aqui dentro da revista tenham a mesma cara, isto é, a cara da mulher de corpo a corpo, a mulher feliz, bonita, malhada, pele boa , prá cima, alto astral ...”

A partir da década de 80, a mídia começa a dar grande destaque ao binômio saúde e corpo. Isto não acontece sem razão. Featherstone afirma que as sociedades contemporâneas são marcadas pela preocupação com a aparência. “Na cultura de consumo, o indivíduo é estimulado através de um vasto arsenal de imagens a lançar mão de recursos que combatem a deterioração e a decadência do corpo, entendido como veículo de prazer e auto-expressão”⁹. O mesmo autor enfatiza que “ ... a percepção do corpo na cultura de consumo é dominada por um vasto arsenal de imagens visuais”¹⁰. Dessa perspectiva, talvez fosse o caso de perguntarmos se os provedores de internet não são também responsáveis por esta cultura, ao apresentarem imagens de gente que “está na moda”.

⁹ M. Featherstone, *Cultura de consumo e pós-modernismo*. Apud Castro, *op. cit.*, p. 71.

¹⁰ *Idem ibidem*.

Ao refletir sobre essas questões, Giddens aponta para o fato de que o corpo é um objeto no qual todos nós temos o privilégio, ou a condenação, de habitar, fonte de sensações de bem estar e prazer. Mas o corpo não é apenas uma entidade física que nós possuímos, ele é um sistema de ação, um modo de praxis¹¹. Por isso mesmo sua modelagem social e cultural tem conseqüências sobre a construção de nossa identidade. Neste sentido, Castro lembra a importância da “boa aparência” para a boa aceitação social, transformando o cuidar do corpo em uma forma de coerção social e afirmação de identidade, que ajuda a construir um estilo de vida.

Colocando a questão de uma perspectiva feminina, Castro, citando Radner, indica ainda que a mulher, com a ajuda das revistas e dos manuais de auto-ajuda, é levada a perceber a forma corporal como indicativo de auto-estima, auto-controle e autonomia, ao invés de marca de submissão ao olhar masculino¹². O corpo enquanto sistema de ação e modo de práxis, tal como definido por Giddens, torna-se assim o suporte sobre o qual a sociedade e a cultura inscrevem suas marcas, convertendo-se, porém, ao mesmo tempo, em veículo de expressão de identidade para o indivíduo e demarcador do seu lugar frente à sociedade e à cultura.

Analisando essas questões da perspectiva do poder simbólico, Bourdieu explicita com clareza essa dupla inscrição da sociedade no indivíduo e do indivíduo na sociedade, ao mostrar, como afirma Castro, que “a linguagem corporal é um marcador de distinção social e que o consumo alimentar, o consumo cultural e a forma de apresentação (incluindo-se o consumo de vestuário, artigos de beleza, higiene e de cuidados e manipulação do corpo) são,

¹¹ A. Giddens, *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Apud Castro, *op.cit.*, p. 72.

¹² Castro, *idem, ibidem*.

para o indivíduo, as três mais importantes maneiras de distinguir-se”¹³. Além disso, prossegue, para o autor, “o gosto é classificador e classificatório, classificando o classificador”¹⁴. Segundo Bourdieu, portanto, o estilo de vida está estreitamente associado às diferentes posições ocupadas pelos indivíduos na sociedade, como “a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas suas condições de existência”¹⁵.

Por esta razão, colocada a questão ainda uma vez mais da perspectiva feminina, Castro aponta para o fato de que as mulheres estetizam o próprio corpo mais que os homens, pela roupa, maquiagem, adereços, ou esculpindo-o por exercícios físicos e dietas. Pela atividade física e o controle do corpo, as mulheres constroem sua imagem, definindo, cada uma à sua maneira, a própria leitura de sua identidade feminina. E na nossa sociedade, como afirma com razão Haug, ela se torna inseparável da juventude: “A juventude é vista como valor e modelo a ser alcançado, num mundo em que ser jovem é o caminho para o sucesso financeiro e sexual”¹⁶.

São estas considerações que deverão nos guiar agora para explorar com maior profundidade o universo das jovens que foram objeto de nossa pesquisa e que procuramos caracterizar neste capítulo. Se buscamos em seu background social e em sua socialização elementos que puderam ser incorporados à imagem que fazem de si mesmas, enquanto *jovens* e *mulheres*, é porque pretendemos compreender como essa imagem atua como valor e modelo na construção de seu projeto de vida, no plano da realização pessoal, afetiva e profissional.

¹³ Castro, *op. cit.* p. 83.

¹⁴ P. Bourdieu. *La distinción: criterios y bases sociales del gusto*. Madrid, Taurus, 1988. Apud Castro, *idem*, . p. 81.

¹⁵ P. Bourdieu, *Gostos de classe e estilos de vida*. Renato Ortiz (org.) *Bourdieu*. São Paulo, Ed. Ática, 1983. Apud Castro, *idem*, *ibidem*.

¹⁶ W. F. Haug. *Critique of commodity aesthetics: appearance, sexuality and advertising in capitalist society*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1987. Apud Castro, *idem*, p. 102.

Capítulo III - O passaporte para o futuro

Começamos por nos aproximar de nossas moças lá onde as encontramos em primeiro lugar, os espaços da Universidade em que acabam de ingressar, após cumprir seu primeiro rito público de passagem, na transição da condição de menina a mulher. Aqui nós as encontramos ao final de uma longa trajetória, que poderá ter sido marcada por indecisões ou certezas, percorrida desde os anos de escola de 2º. grau até chegarem, no seu final, aos cursinhos e às temidas provas do exame vestibular. Não se tratava, nesse percurso, apenas de uma mudança de escola para continuar os estudos, mas de uma mudança de perspectiva. Na universidade, elas começarão a receber uma formação que, em princípio, deverá encaminhá-las a uma profissão e uma carreira. Um passaporte para o futuro.

Ao ingressarem nos cursos da PUC-SP, sua presença marcará muitos deles como de freqüência predominantemente feminina: Serviço Social, Pedagogia, Fonoaudiologia, Psicologia, Enfermagem. Medicina apresenta entre seus alunos igual proporção de homens e mulheres, embora em alguns anos haja uma predominância feminina. Direito, no turno matutino, é também um curso feminino. Como nossas jovens foram levadas a escolher os cursos que agora começarão a freqüentar? Em que medida a perspectiva dessa carreira futura para a qual se encaminham foi determinante na escolha do curso em que fizeram seu ingresso na vida universitária? A que expectativas respondeu essa escolha? O que esperam elas do curso que agora começam a freqüentar e da própria vida universitária de que agora são parte?

Estas são dimensões importantes de um projeto de vida que, para essas jovens, começa a se concretizar. Isto é o que procuraremos mapear aqui, explorando os elementos que determinaram nossas moças a escolher um curso e uma carreira futura, levando em conta as expectativas familiares, as restrições ou incentivos que receberam em relação às suas próprias escolhas individuais e o que significa para suas expectativas de realização pessoal a vida profissional para a qual começam a se preparar.

Qual é o significado da escolha de uma carreira? De que forma a escolha de um curso universitário como preparação para o exercício de uma atividade profissional se transforma em um passaporte para o futuro? Muitas dessas meninas têm em casa o exemplo de suas mães, que já se viram confrontadas com escolhas semelhantes, pois várias delas têm um diploma universitário. Mas aparentemente, para nossas jovens, a profissão para a qual suas mães foram preparadas só é levada em conta quando elas recebem remuneração pelo seu trabalho. O diploma apenas lhes dá prestígio. Por isso é preciso analisar da perspectiva das próprias meninas as razões que as levaram a fazer uma universidade. E elas dirão, com quase unanimidade: a Universidade serve para torná-las independentes, seja no plano financeiro, seja ao nível do conhecimento necessário para tomar decisões sobre a própria vida e de alguma forma marcar sua presença na vida social.

“Eu quero ter a minha profissão e com isso a minha independência. Sem contar que eu não tive muita escolha... ou eu fazia uma faculdade, ou eu fazia, porque os meus pais não iam admitir que eu não fizesse. Ter uma profissão que eu goste e para me ajudar a conquistar meu espaço e minha independência.”

“É o sonho da maioria das pessoas. Ter vontade de fazer um curso superior. Eu sonhei e sonho em ter minha vida e minhas coisas através do meu estudo, do meu trabalho.”

“Me preparar para a minha carreira, fundamental para a minha independência pessoal.”

“A vontade de me realizar profissionalmente e a independência que se conquista de um bom emprego.”

“Garantia de um futuro estável, com uma boa situação sócio econômica e a possibilidade de não depender de ninguém para sobreviver e para fazer e comprar o que eu quiser.”

“Crescimento profissional, aderir a uma profissão para futuramente adquirir estabilidade financeira e poder constituir família.”

“O sonho de me formar e continuar minha vida ao lado de um companheiro sem depender financeiramente dos meus pais e dele.”

No horizonte, o mercado de trabalho é uma referência constante. Ter uma profissão, bom emprego, conseguir uma vida melhor e um futuro garantido. Hoje, ter curso universitário é essencial. Estas são as afirmações mais freqüentes. Adquirir um conhecimento acadêmico e obter um diploma são razões citadas menos por seu valor intrínseco que em razão de sua utilidade no campo profissional ou para fins de realização pessoal.

“A necessidade do mundo do trabalho. A vontade de ter um grau superior e a intenção em me especializar e trabalhar em algo.”

“Maiores informações. Ter um diploma e fazendo uma faculdade tenho melhores oportunidades de emprego.”

“Necessidade de um canudo. Alguma orientação profissional.”

“As razões pelas quais a maioria faz. Maiores oportunidades de trabalho no futuro.”

“Ter uma boa profissão para me manter no futuro”

“Ter uma profissão e ser competente no mercado”

“Queria ter um futuro garantido.”

“Ganhar meu sustento e ser satisfeita profissionalmente.

Por certo nada disso exclui o prazer e o interesse pessoal no estudo nem o gosto pelo trabalho que esperam poder realizar depois como profissionais.

“Um futuro, um interesse pessoal, ampliação de conhecimento.”

“Ter uma profissão, ser independente, fazer o que eu gosto e ter um futuro profissional.”

“O conhecimento que eu obteria nisto para me especializar em uma área de conhecimento que me atrai e futuramente poder trabalhar fazendo o que eu escolhi.”

“Vontade de trabalhar com a área de educação e por saber que a universidade é de extrema importância para meu futuro profissional.”

“A vontade de aprender, o prazer de estudar e mais que tudo a dificuldade que se tem em arranjar um lugar no mercado de trabalho que é muito competitivo.”

“Aprimoramento intelectual e construir uma carreira.”

“Busca incessante de mais conhecimento, garantia de um futuro profissional e melhores condições no mercado de trabalho.”

“Ter um futuro e fazer o que eu gosto”

“Gosto do curso que escolhi, paixão pelo estudo e vontade de ter uma profissão.”

Há sem dúvida aquelas para as quais a universidade é o caminho mais curto e direto para o sucesso. No marketing de várias instituições, a mídia aponta para um imaginário social onde sucesso depende de um “espírito empreendedor” e a universidade é o instrumento por excelência para que isto se torne realidade.

Pois tentar garantir o futuro a maioria faz, porém este só vai acontecer para aqueles que conseguirem se tornar bons empreendedores .

“Quero ter uma carreira de sucesso e para isso tenho que estudar muito”

“A necessidade de aprimorar meus estudos. A vontade de aprender e me dar bem na vida.”

“Eu quero estar preparada para enfrentar o mundo lá fora, ter um emprego e ser a melhor naquilo que fizer.”

Para muitas de nossas jovens, porém, a escolha de fazer uma universidade e preparar-se para o exercício de uma profissão tem um sentido mais amplo de realização.

“As dificuldades que eu enfrentaria caso eu não fizesse. Além disso, minha realização profissional.”

“Porque quero preparar meu futuro, para poder ter uma profissão, trabalhando e lutando pelos meus objetivos.”

“Desejo de ter uma realização profissional e pessoal.”

“Dar seqüência à minha vida, ser capaz de trabalhar mais ativamente na sociedade, adquirir conhecimento e exercê-lo.”

“Meu futuro. A família que formarei, o fato de um dia os meus pais dependerem de mim.”

“Princípios morais e ideológicos, aliados ao gosto pelo saber e pelos estudos, ao desejo de compreender, me inserir e atuar no mundo que me circunda e no qual habito e subsisto (ascensão social, estabilidade profissional e financeira, independência, intelectualização).”

“Faz parte dos meus planos de vida e realização pessoal.”

Ideais humanitários como “ajuda” e “justiça”, presentes nas universidades comunitárias e em parte da sociedade, também permeiam algumas respostas de

nossas jovens, fazendo com que a abordagem de alguns cursos possa se transformar em um recorte do discurso da solidariedade, principalmente entre alunas que cursam Fonoaudiologia, Medicina, Psicologia, Serviço Social e Enfermagem.

“A vontade de saber mais sobre algo que eu gosto, para ter uma melhor formação profissional e ajudar os outros através do meu conhecimento.”

“Vontade de ajudar o próximo, ter uma profissão com ensino superior, contribuir para uma sociedade mais justa”

“A necessidade de obter conhecimentos para tentar melhorar as condições de vida da humanidade”

Em contrapartida, outras moças enfatizam principalmente a satisfação pessoal que o estudo lhes oferece entre os motivos que as levaram a optar por um curso universitário e a profissão a que pretendem encaminhar-se.

“Hoje ter um curso universitário é essencial, além do que eu gosto, e sempre me interessei pelo curso que escolhi. ”

“Trabalhar na área que me traga acima de tudo satisfação”

“O prazer em aprender, o interesse pelo curso escolhido e a vontade de ter um bom futuro profissional”

“Conquistar meu objetivo de vida. Na verdade eu nunca pensei em não fazer, sempre foi uma certeza. Para mim, estudar é por prazer.”

Finalmente, nossas meninas também valorizam na universidade as novas redes de sociabilidade que se formam, a possibilidade de ampliação das relações pessoais e a diversidade de valores, gostos e opiniões com a qual tomam contato.

“Busca de conhecimento em uma universidade. Você aprende muitas coisas, não só sobre a área que você vai atuar, como em outras.”

“Conhecimento, o “clima” acadêmico e a possibilidade de entrar no mercado de trabalho, os diferentes e divergentes pensamentos encontrados na universidade.”

“Ampliar meus gostos e preferências, conhecer diferentes pessoas, e traçar minha vida futura.”

“Gosto de estudar, quero ser uma excelente profissional, e considero universidade fundamental para isso. Gosto do ambiente universitário, é o lugar do conhecimento onde eu posso entrar em contato com diferentes pessoas e idéias, onde eu consigo entender a origem dos acontecimentos e porque o mundo está assim.”

Oriundas de famílias de classe média alta e média média, nossas jovens certamente assimilaram esses valores em seu meio social, que reconhece a importância do estudo, pois quase todas declararam ter recebido os mais variados tipos de incentivo para cursar uma universidade. Pais, irmãos, parentes, amigos, namorados e antigos professores se mobilizaram para apoiá-las em sua decisão, essencialmente pela sua importância para o seu futuro.

“Pela necessidade de se ter um diploma nos dias de hoje.”

“Todos acham que é mais garantido fazer um curso superior.”

“Todos acharam importante eu fazer uma faculdade.”

“Todos me apoiaram porque todos consideram essencial possuir um diploma universitário.”

Cada um lhes ofereceu seu incentivo, *“de entusiasmo, de ir à luta”*, como diz uma das meninas, ou então o apoio generoso de uma família com quem sempre puderam contar: *“apoio em todas as minhas decisões”*, como relata outra. Mas também receberam da família o apoio moral e, sobretudo, financeiro indispensável para lhes permitir cursar uma universidade como a PUC-SP. Para

justificá-los, havia o bom nome e o prestígio da universidade, sua qualidade reconhecida e muitas vezes confundida com a do curso escolhido, bem como as boas perspectivas de futuro oferecidas pela carreira. Por isso mesmo, poucas restrições se fizeram sentir, para a grande maioria das jovens entrevistadas, com relação à decisão de cursar uma universidade:

“Não senti. E mesmo que tivesse sentido, jamais abandonaria este ideal, que sempre se constituiu uma prioridade de vida”.

“ Namorado. Pelo fato de ser uma universidade ele se sentia inseguro, ciúmes.”

“Namorado. Como sou do interior, meu namorado não queria que eu viesse para cá e ficar longe dele; hoje não namoramos mais”.

É importante notar que o incentivo para que cursassem a universidade foi dado às nossas jovens por seus pais, parentes e amigos, pessoas que fazem parte de um circuito de sociabilidade e cumplicidade, sendo seus modelos adotados pela maioria delas e indicando, portanto, uma forma de pertencimento ao grupo. Em suas respostas, algumas vezes esse incentivo consiste em apresentar o ingresso na universidade ou o curso escolhido como uma espécie de “privilégio”, e que de certa forma propiciaria *status* a quem pudesse dele gozar. Percebe-se nesse discurso a presença de um imaginário coletivo, mesmo que o dado apresentado tenha sido obtido por meio de informações ditas fidedignas:

“Universidade muito boa, está em 1º lugar no meu curso escolhido”.

“Todos falavam que ela era a melhor”.

“A PUC é uma universidade séria , competente e reconhecida”.

“Uma das melhores do Brasil”

“Por ser uma boa faculdade, apesar de ser particular”.

“Pelo nome”.

“A universidade tem boa reputação”.

“Ser uma universidade tradicional”

“É uma universidade que dá bolsa.”

“Porque nem todo mundo pode pagar uma PUC.”

Já com relação ao curso escolhido, o incentivo recebido por nossas jovens inclui elementos de natureza diversa. *“Apoiaram e gostaram da minha opção”*, relata uma delas, enquanto outras apontaram sua identificação com o curso escolhido como razão do apoio com que puderam contar:

“Pois todos sabem que eu iria fazer o que gosto.”

“Por cursar aquilo que eu achava melhor e que me realizaria como pessoa.”

“Todos me apoiaram, pois era o curso que eu queria fazer e todos disseram que eu tenho que fazer o que eu quero e o que eu sinto vontade”

“Fazer o que gosta é sempre recompensador.”

No relato de algumas jovens, o incentivo recebido foi justificado pela natureza do próprio curso que escolheram: *“bom”, “bem humano”, “muito bem qualificado”, “muito importante para compreender o mundo no qual vivemos”*. Em outros casos, foi a própria novidade do curso que levou familiares e amigos a apoiarem sua escolha:

“É um curso de futuro..”

“Meu namorado e amigos acham o curso interessante.”

“Que interessante! Mas você vai trabalhar em que?”

Várias jovens, porém, se referiram à carreira promissora e bem remunerada que o curso escolhido parece prometer-lhes como justificativa para o apoio e incentivo que receberam. Percebe-se aqui uma ênfase na possibilidade de ascensão social, além da realização pessoal que se traduziria também em um perfil e uma identidade próprias.

“Uma opção pouco explorada. Maior chance de dar certo”.

“É um curso diferente e bastante promissor”.

“Profissão em ascensão”.

“Muito bom por ser um curso novo e por ter um mercado diferente”.

“Bom retorno financeiro.”

“Incentivos foram oferecidos.”

“Diferencial no mercado.”

“Promissor, interessante.”

“Pois é um curso com área de trabalho e que identificava com meu perfil.”

“Falavam que tinha a ver com meu jeito.”

“Você combina (se identifica) com este curso, vai se dar bem.”

Caberia ressaltar ainda que, para este grupo social ou sua família, o próprio acesso à universidade se coloca como uma espécie de direito natural, talvez o de ascender socialmente, e não como um direito de cidadania. É curioso também que para estas jovens, mesmo quando tenham tido uma origem social humilde, a educação que recebem na PUC-SP seja vista como privilégio, e não como o

reconhecimento de um direito igual para todos, não sendo, portanto, passível de extensão a toda a sociedade, como a universidade também não é.

“Obrigação familiar e necessidade do mundo atual.”

“Eu faço universidade porque sou bolsista, se eu não fosse jamais eu poderia pagar uma universidade, e isto é um objetivo que eu sempre tive vontade de fazer”

“Pelo meio sofrido e pobre que cresci e a vontade de trocar conhecimentos, conhecer pessoas novas, e investir na minha bagagem cultural e profissional. Sei que tenho vínculos com o curso que faço.”

Compreende-se assim que as restrições encontradas por nossas jovens quanto à opção de cursar a universidade, independente do curso escolhido, revelem sobretudo a preocupação dos pais em relação aos custos e ao tipo de meio social que suas filhas passariam a frequentar, quase como uma incerteza quanto ao seu “direito” de estarem lá:

“A única restrição que senti foi por causa do preço da faculdade, que é um absurdo”.

“Particular, cara”.

“Porque é frequentada por pessoas de classe alta”.

“É muito cara”.

“Por ser particular”.

“Universidade paga e muito cara”.

“Queria que fosse federal e não PUC”.

Também com relação ao curso por elas escolhido, nossas jovens enfrentaram maiores restrições quando sua escolha não pareceu adequada aos

benefícios que devem ser esperados de uma carreira de nível universitário, isto é, boa remuneração e prestígio. Neste caso, foram várias as pessoas que procuraram desestimulá-las a fazer uma opção que consideravam inadequada ou, no mínimo, incerta. Entre elas contaram-se desde seus pais e parentes até amigos dos familiares, além de namorados, amigos e professores do colégio. Suas objeções referiam-se principalmente à pouca rentabilidade da profissão no mercado (Pedagogia) e desconhecimento do campo de atuação profissional (Relações Internacionais e Turismo) em que as jovens iriam engajar-se.

Neste caso, embora de um modo geral elas relatem não ter sentido restrições importantes com relação à escolha de seu curso, a soma das pessoas de seu circuito que mais colocaram obstáculos supera o número das “não restrições” (42 para 33) por elas referido. A preocupação financeira com o futuro se apresenta como o eixo principal em torno do qual se concentram as objeções com que se viram confrontadas:

“Alguns amigos diziam que a profissão de pedagoga não dá futuro financeiro”.

“Achavam que eu ia ganhar pouco e ia sofrer para arranjar emprego”.

“De não aceitar por entenderem ser um curso não rentável”.

“Diziam que é um curso que não dá estabilidade de emprego”.

“Por ser um curso ainda não reconhecido”.

“Disseram que não dava dinheiro”.

“Alguns amigos acreditam que a remuneração nesta área é baixa”.

“Não dá dinheiro e não serve para nada (é o que disse)”.

“Porque o professor não tem um bom lugar no mercado e o profissional não é bem remunerado.”

“Eu poderia escolher um curso em que eu prosperasse”

Por outro lado, nossas jovens também enfrentaram restrições quando a sua escolha de um curso não correspondeu às expectativas de seus pais, que prefeririam vê-las ingressar em outra carreira ou então desconheciam a natureza do curso e do futuro trabalho pelo qual haviam optado.

“Talvez um pouco por parte da sociedade, devido ao desconhecimento da área.”

“Meus pais não conheciam o curso.”

“Porque meu pai queria que eu não desistisse da Medicina.”

“Algumas pessoas que nem sabem o que é Fonoaudiologia, às vezes olham meio torto.”

“Descaso pela minha escolha no curso.”

“Minha mãe acha que eu estou pensando que vou viajar muito.”

“Queriam que eu fizesse Direito.”

“Criticaram o curso falando que era uma profissão em extinção.”

“Decepcionei algumas pessoas, pois antes eu queria cursar Medicina.”

“Por não ser o que eu sempre quis.”

“Talvez pelo desconhecimento acerca da área e de suas atividades (curso recentemente fundado e deveras específico).”

“Meu pai preferia que eu cursasse Medicina.”

“Ter um mercado difícil e é um curso que lida com problemas o tempo todo.”

“Preconceito.”

Entretanto, nossas jovens foram capazes de vencer essas restrições para serem fiéis à sua escolha no momento de entrar para um curso universitário. Por quê? Ao responderem à questão **Por que escolheu o curso que está freqüentando?**, a primeira coisa que notamos é o gosto pelo curso e sua identificação com ele.

“Por interesse particular, tinha vontade desde criança.”

“Sou técnica em enfermagem e gosto muito dessa área.”

“Porque foi o que eu mais me identifiquei.”

“Porque é um conjunto de tudo que gosto.”

“Por se identificar muito com o meu perfil, ou seja, comunicação, negócios, marketing, estratégia. Enfim, é um curso interdisciplinar que te integra socialmente e culturalmente.”

“Adoro trabalhar com crianças e tem tudo haver [sic] comigo.”

“Porque gosto da área.”

“Por identificação.”

“Era o que mais se encaixava com as minhas características / interesses.”

Várias de nossas moças se referem ao fato de que o curso escolhido tem relação com áreas de conhecimento que são de seu interesse.

“Porque tem muitas coisas que me interessam e é uma área de biológicas , na qual eu muito me interesseo.”

“Achei que ele está ligado com tudo o que eu gosto (área biológica, linguagem, escrita).

“Porque eu gosto de geopolítica (é uma das principais matérias do curso)

gostaria de ter uma profissão na qual eu pudesse viajar, gosto de saber e entender o que acontece no mundo.”

“Pelo fato desse curso compreender as áreas de conhecimento que mais me aprazem, caracterizando-se uma faculdade ampla, que oferece aprofundamento em diversos âmbitos do saber, além de oportunidades profissionais e de vida.”

“Fiz um ano de faculdade de artes plásticas, lá me apaixonei pela história da arte. Então resolvi mudar para me aperfeiçoar nesta área.”

Outras vezes são as próprias matérias do curso, ou os temas nele tratados, que são invocados como a razão de sua escolha.

“Me identifico bastante com a preocupação das análises feitas nele e vontade de conhecer sempre mais os fenômenos do planeta.”

“Porque gosto de estudar mercado financeiro.”

“Porque acho maravilhosa a relação história e economia, funcionamento de bancos, instituição financeira e etc.”

“Porque me interessa muito em conhecer melhor o ser humano e a sociedade.”

“Porque tenho fascinação pela mente humana.”

“Por se tratar de “relacionamento”. Gostaria de entender o que leva as pessoas a se sentirem superiores às outras e de tal maneira agirem.”

Outras moças enfatizam seu compromisso ético com problemas abordados nos cursos em que escolheram estudar:

“Porque este curso mostra como as dificuldades de saber algo importante e também mostra as pessoas que sofrem desigualdades sociais e preconceitos nesta vida.”

“Porque tem a ver com a minha personalidade, ou seja, faço Serviço Social e detesto crer que o mundo não tem solução, acredito que tudo pode mudar.”

“Porque é o único que me encontrará como pessoa dentro da sociedade.”

“Porque é algo que faz parte do que acredito, e do que tenho como certo; é como encaro o ser humano.”

“Quero mudar o mundo.”

“Sempre me identifiquei com a atividade turística e creio que um planejamento turístico sustentável para o Brasil é necessário e importante para que seja uma atividade organizada, respeitada e respeitadora.”

“Porque pretendo trabalhar com alfabetização de crianças e penso que a educação no Brasil precisa de profissionais sérios e eu pretendo ser uma delas.”

Por certo, nem tudo são certezas neste mundo em que vivem nossas jovens. Sem as convicções definitivas da maioria, algumas poucas moças revelam a insegurança e a incerteza que também fazem parte do desafio de se escolher um curso universitário e uma carreira profissional. Por que decidiram escolher o curso que agora freqüentam?

“Tão difícil responder.”

“Na verdade ainda não tenho certeza se este é o curso certo. Foi mais por falta de opção mesmo. É difícil fazer uma escolha aos 17 anos.”

“Depois de fazer um ano de intercâmbio nos E.U.A . voltei com a idéia de fazer hotelaria. Fiz cursinho, porém acabei passando na minha 2ª opção, que era turismo.”

“Porque estava em dúvida sobre que curso fazer. Depois de ser aprovada em alguns vestibulares, acabei optando por aquele que me permitia ficar em São Paulo, além de poder empregar meus idiomas, e poder viajar com freqüência.”

“Por curiosidade, esse não é o curso que sempre quis fazer.”

É interessante notar também em algumas de respostas de nossas jovens a indicação clara da influência de pessoas que fazem parte de seu círculo social na escolha das carreiras pelas quais se decidiram, indicando a natureza dos vínculos que se estabelecem no interior dos grupos e sua importância na transmissão de valores que as jovens passaram a incorporar como seus.

“Eu sempre me identifiquei com os números e um tio meu é contador, ele me apresentou a profissão e eu gostei..”

“Porque eu acho que é o curso que mais combina com minhas ambições e meu pai sempre me incentivou a cursá-lo.”

“Eu já tinha um pouco de contato através da fascinação do meu pai pelas coisas que estão ligadas ao curso. Prestei para este curso e deu certo porque estou gostando muito.”

“Por ter lido muito a respeito e tenho uma amiga que cursa e me interessa.”

Outro dado interessante a registrar é que, confrontando as respostas de nossas jovens, percebe-se que, embora enfatizem a importância do mercado de trabalho entre os fatores que as levaram a ingressar na universidade, este não é um elemento que parece ser decisivo quando enumeram as razões pelas quais de fato escolheram o curso que estão freqüentando. O mercado de trabalho só é referido em alguns poucos casos, de forma indireta ou mesmo negativa.

“Porque é um curso novo que está crescendo, o Brasil tem grande potencial turístico e é na área das Ciências Sociais com a qual tenho grande identidade.”

“Pois quero trabalhar na área de eventos e os cursos podem me dar uma base para isto.”

“Por gostar de estudar e pelo sonho de ser pesquisadora.”

“Pois sou professora e gosto muito do que eu faço e a pedagogia é um complemento.”

“Porque combina comigo, com a minha personalidade, é uma área que sempre me interessou e eu sei que terei sucesso e realização nessa profissão.”

“Escolhi pois foi o que se encaixou no meu gosto e que vi que gostaria de trabalhar nele futuramente.”

“Por gostar da profissão.”

“A vontade de ser um profissional, ou seja, de ter uma especialização que permita-me pagar minhas contas.”

“Porque tem tudo a ver comigo, embora não me veja trabalhando como advogada.”

Por outro lado, sobretudo entre as meninas que fazem cursos nas áreas vinculadas à Saúde, são razões afetivas ou humanitárias as que são mencionadas como fatores decisivos de sua escolha, reiterando assim a opinião que já haviam expressado ao explicarem por que haviam decidido cursar uma universidade.

“Sinto necessidade de ajudar as pessoas que necessitem.”

*“Medicina é um sonho de criança. Sempre achei linda a profissão médica”.
“Por ser um curso que ajuda as pessoas, e é algo que me sinto bem e gosto.”*

“Por vontade de tratar pessoas, principalmente crianças que possuem distúrbios de comunicação.”

“Porque eu amo crianças e principalmente as especiais.”

“Porque ele me possibilita ajudar aqueles que precisam e por abordar assuntos que eu gosto.”

“Parece muito comigo, gosto de proporcionar a felicidade e satisfação dos outros.”

Gostar de crianças ou do mercado financeiro, poder estudar as relações entre história e economia, trabalhar com planejamento turístico ou na área de educação, querer propiciar felicidade aos outros, a necessidade de ajudar as pessoas ou realizar um sonho de criança transformam-se assim em ferramentas necessárias para que nossas jovens possam alcançar seus objetivos.

Sua avaliação do curso escolhido, mesmo depois de começarem a frequentá-lo, é positiva. Julgam-no *“promissor, interessante”*; *“profissão bonita”*; *“é um curso bem humano”*. *“Gostei”*, conclui uma das moças. Em sua maioria elas consideram a profissão que escolheram como *“necessária, agradável, fundamental, divertida e não rotineira”*. Dentre as jovens entrevistadas, 80% afirmam que vão exercer a profissão depois de formadas e que pretendem obter emprego através de estágios e em instituições públicas e empresas privadas. Para elas, sem dúvida o sucesso na carreira profissional para a qual se preparam constitui um valor fundamental. E é interessante saber que, quando indagadas sobre o que representava o sucesso profissional para os homens, a maioria disse considerar que era algo *“agradável, fundamental, necessário, divertido”*, mas, para a metade delas, *“não obrigatório”*... Assim, caberia perguntar qual é, para essas jovens, a importância da universidade na vida de uma mulher.

Para nossas moças, as razões que tornam a universidade importante na vida de uma mulher não se distanciam muito daquelas que as decidiram a fazer um curso universitário: independência, autonomia, formação intelectual, capacitação para o mercado de trabalho, independência financeira, ampliação de horizontes, realização profissional e pessoal. Nesse sentido, para um número significativo dentre elas, não se distingue a importância da universidade na vida de um homem ou de uma mulher.

“A mesma que para o homem: fundamental.”

“A universidade é o ângulo da real visão “dos mundos” e isto contribui fundamentalmente para a formação e amadurecimento da pessoa humana. Não importa se homem ou mulher.”

“Como a importância para qualquer ser humano, crescimento intelectual, crescimento como pessoa.”

“O mesmo que a de um homem: realização profissional.”

Entretanto, essas moças também sabem que, para a mulher, tudo isso que a universidade propicia adquire uma importância especial, na medida em que se transforma em instrumento de superação da desigualdade de condições, da discriminação e do preconceito que marca a diferenciação entre os sexos. A universidade se torna um instrumento de emancipação.

“É tão importante para a mulher quanto para o homem, mas para a mulher é importante para a sua independência financeira e realização pessoal.”

“Especialmente para a mulher, a universidade possui importância vital, na medida em que proporciona conhecimentos capazes de equiparar ambos os gêneros e possibilitar independência (social e financeira), em uma sociedade sustentada de acordo com valores patriarcais.”

Por isso mesmo a universidade é vista por elas, em primeiro lugar, como a instituição que lhes oferece a possibilidade de obter uma formação para conseguir um emprego, colocando-se como um instrumento “eficaz” frente ao desafio de encontrar o “bom” emprego e vencer o preconceito e a discriminação do mercado de trabalho.

“É a universidade que abre as portas para o mercado de trabalho.”

“Para mim, não só na vida de uma mulher, a universidade, ou melhor, o seu diploma dá uma chance maior no mercado de trabalho, abrindo caminhos, vantagens.”

“É a forma da mulher tornar-se independente financeiramente.”

“A universidade oferece uma qualificação que permite a mulher se realizar profissionalmente, conquistar sua independência.”

“Adquirir uma profissão e poder lutar contra o preconceito ainda existente sobre as mulheres. Com uma faculdade a mulher pode competir e adquirir um emprego melhor ou tão bom quanto o dos homens.”

“A universidade que vai dar a base para a mulher enfrentar o mercado de trabalho onde ela é desvalorizada”

“Torna-a capaz, habilitada a exercer uma profissão e ser tão bem sucedida quanto o homem”.

“É uma conquista que permite a mulher lutar em pé de igualdade com o homem por uma posição no mercado de trabalho.”

“Considero a universidade importante para a emancipação da mulher, para que ela possa concorrer igualmente com o homem por emprego. É importante para uma boa formação. Conseguir um bom emprego e se sustentar e sustentar ou ajudar no sustento da família.”

A independência financeira que a boa colocação no mercado de trabalho possibilita é vista por nossas jovens como fundamental, porque propicia à mulher um alargamento de horizontes e ampliação de suas perspectivas.

“Principalmente por mostrar que ela não é frágil, incapaz. Porque elas buscam e competem aos mesmos cargos que os homens nas empresas no mercado atual. Seria uma ascensão feminina.”

“É importante para adquirir cultura e ter um ofício que lhe torne útil para a sociedade e para si mesma.”

“Significa uma independência financeira, social, cultural.”

“É importante para ela ter sua independência e amadurecer.”

“Expansão de horizontes. Forma de conhecer pessoas, amadurecer, administrar seu próprio dinheiro e horário.”

“Acredito que vou ser mais respeitada, que não vou ser vista apenas como uma mulher, mas como uma mulher que tem capacidade de fazer as coisas acontecerem.”

“A sociedade acha que esta é a única forma dela ser reconhecida enquanto independente.”

“É mais uma conquista e uma chance de mostrar a capacidade e competência naquilo que escolheu.”

“Fazer o curso escolhido, enfrentar barreiras, assumindo seu lugar na sociedade.”

Assim, a realização profissional torna-se inseparável da realização pessoal.

“Crescer, crescer, crescer e ir atrás dos seus sonhos realizando-se profissionalmente.”

“É apenas uma ferramenta para uma realização para que ela possa atingir a felicidade trabalhando naquilo que ela realmente gosta e faz bem.”

“Para uma mulher a universidade proporciona um vasto campo de crescimento tanto intelectual como social e emocional, já que, além do aprendizado acadêmico, é na universidade que se estabelecem vínculos de amizade.”

“Satisfação pessoal e profissional, ajuda a mulher a se colocar na sociedade sem tantos preconceitos.”

“Crescer interiormente e crescer os seus conhecimentos.”

“Liberdade econômica, liberdade intelectual.”

“É importante para sua realização própria.”

Finalmente, algumas de nossas jovens explicitam que todas essas possibilidades de conquistas que a universidade lhes oferece são também um instrumento fundamental para libertá-las da dependência em relação ao homem, em termos sociais, financeiros ou emocionais.

“Quebrar tabus machistas, independência econômica e social.”

“Hoje, fundamental, para que ela possa ter uma certa independência e não depender para sempre do homem.”

“Independência financeira, pois assim não necessita depender do marido ou de qualquer outra pessoa para o próprio sustento”

“Fazer uma universidade é um passo para a emancipação em relação a um homem, seja o pai, ou o marido.”

“Fazer com que ela se sinta emancipada, liberdade da dependência masculina e também para realização pessoal e financeira.”

“Ela se torna mais independente, mais consciente, mais batalhadora, mais confiante, mais determinada, e menos suscetível às “promessas de amor” de homens que as querem como donas de casa.”

Assim, cursar uma universidade, para nossas jovens, significa a possibilidade de garantir uma formação que lhes abrirá as portas de um bom emprego e um futuro próspero, além de proporcionar-lhes uma ampliação de sua experiência de vida, realização profissional e pessoal, de forma livre e autônoma, superando sua dependência em relação ao universo masculino. Caberia aqui perguntarmos se estas possibilidades respondem a um ideal de mulher “de seu tempo”, uma mulher emancipada.

O que significa “ser emancipada”? A título de exemplo, quantificando as respostas de nossas jovens, vemos que 74 delas apontam para a independência financeira e a autonomia, 12 para a luta contra o preconceito e a busca de seus objetivos e direitos, 11 para a liberdade cultural e sexual, e 8 respostas indicam que a emancipação da mulher está na realização profissional advinda do trabalho. Três respostas citam a possibilidade da constituição de uma família entre os objetivos de uma mulher emancipada e, dentre estas, apenas uma menciona o fato de ela poder vir a ter filhos. Realização profissional seria irrelevante, e

casamento, família e filhos, ideais incompatíveis com a imagem de uma mulher emancipada? É preciso considerar mais de perto as respostas de nossas jovens.

Independência, garra, força, perseverança, coragem. Autonomia, transparência, personalidade e caráter. Responsável, livre para traçar seu caminho, emocionalmente equilibrada. Determinada, objetiva, inteligente, extrovertida, agitada, realista. Moderna, mais racional que emotiva. Madura, auto-suficiente, compromissada. Decidida, possui amor próprio, vencedora, lutadora, e que acima de tudo nunca desiste de sonhar. Realizada profissionalmente, otimista, batalhadora. Sensatez, realização pessoal, força de vontade. Batalhadora, consciente, pensa “grande “ e não se abate com pequenas derrotas.

Este é o perfil que, com os adjetivos de nossas próprias moças, podemos compor de uma mulher emancipada, tal como elas a concebem. *Independência* é o conceito que mais utilizam para defini-la. Independência financeira, em primeiro lugar, condição para a autonomia, liberdade de opinião, de decisão e de ação

“Mulheres determinadas que arcam com suas despesas sozinhas (auto suficientes).”

“É aquela que possui renda própria, não depende de ninguém para se sustentar e que luta pelos seus objetivos.”

“Independente financeira, sucesso profissional e já formada em alguma faculdade.”

“Querer ser livre. Ter realização profissional. Independência econômica.”

“Autonomia financeira é essencial, logo a liberdade de escolha e a opinião própria, independente de qualquer pessoa.”

“Que seja independente financeiramente, que tenha o poder de tomar decisões, independente da opinião de outras pessoas.”

Outras jovens esclarecem com mais precisão algumas das maneiras de se entender a relação entre independência financeira e autonomia, segundo elas as concebem:

“Vida independente. Um bom trabalho e fazer o que gosta.”

“Independência financeira, opinião própria (sua opinião não é influenciada por outros) realização das suas vontades (ex: mesmo que o marido não goste de cabelo curto, ela corta o cabelo porque estava com vontade) e, de preferência um emprego.”

“Uma mulher que tenha liberdade, principalmente financeira, para fazer o que quiser. Pode ser uma visão “capitalista”, mas também aquelas satisfeitas plenamente com suas vidas também são emancipadas, de certa forma.”

Por isso também, para essas jovens, a independência financeira é condição de independência emocional e afetiva, rompendo a submissão inquestionada da mulher aos valores sociais e ao mundo masculino.

“Uma mulher que se sustenta financeiramente e tem autonomia emocional.”

“Sustento próprio, vida emocional sem bengalas, auto estima.”

“Não depender de ninguém para viver, tanto econômica quanto emocionalmente.”

“Independente financeiramente e que não se submeta aos homens.”

Assim, segundo afirmam nossas jovens, independência e autonomia, nos vários planos da vida individual e social, mostram-se inseparáveis da imagem que elas constroem de uma mulher emancipada.

“Mulheres que são responsáveis pelos seus próprios atos, independente da idade.”

“É uma mulher decidida, corajosa, independente, gosta da liberdade responsável.”

“Uma mulher inteligente, que se faz respeitar, uma pessoa aberta a novas experiências.”

“Mulher emancipada é aquela que conseguiu conquistar seu próprio espaço.”

“Uma mulher que já tem plena consciência do que quer; e acesso aos meios para consegui-lo.”

Seguramente, esta imagem da emancipação feminina comporta também uma dimensão de cidadania, como conquista e afirmação de direitos, conforme nossas jovens bem percebem:

“Aquela mulher que lutou pelos seus direitos e tentou mostrar que pela luta de um ideal se chega onde quiser sem, por ex., exaltar diferenças e sim qualificá-las.”

“Emancipada = ter os mesmos direitos e deveres dos homens.”

“Igual ao homem emancipado, é legalmente responsável pelas suas atitudes e tem autorização para guiar seus atos. Agora, sob o ponto de vista comportamento, é uma mulher que está à frente do seu tempo, que não aceita a condição de dependência, vai a luta e faz acontecer e que não se importa com a opinião / crítica que a sociedade possivelmente faria acerca do seu comportamento.”

“Ela é livre, tem opinião própria, se acha nos mesmos direitos que os homens, é mais independente.”

“Mostra que quando lutamos com empenho não há pedra que nos faça tropeçar no percurso que fazemos.”

“Independente, que luta pelos seus ideais possui uma vida própria, sendo, dessa forma, independente em todos os sentidos e cuidando principalmente dela mesma.”

“Trabalha (se sustenta). Liberdade cultural e sexual. Igualitária em relação aos homens.”

Finalmente, por todas estas razões, a mulher emancipada, segundo nossas jovens, sabe também relativizar o modo como concebe o casamento e a família em seu projeto de vida.

“Trabalha fora, vaidosa, cuida da aparência.”

“É dona da sua própria casa e/ou carro, trabalha fora e é independente.”

“A mulher independente, que já tenha um espaço próprio conquistado por si mesma, estando ou não casada.”

“Ter uma carreira sólida, não necessariamente um casamento, não depender de ninguém (financeiramente), arcar com suas conseqüências, saber tomar decisões ou pelo menos aprender a tomar.”

“Uma mulher que estuda, trabalha, tem seus próprios ideais e luta para o que deseja ter, buscando sempre o que é melhor para si. É também uma pessoa que pode constituir família.”

“Quer trabalhar para ganhar dinheiro para seu benefício próprio. Pretende casar e ter filhos, mas isto não é o objetivo da sua vida.”

“Dona da própria vida, tem seu trabalho e seu dinheiro. Não depende de ninguém, possui uma família e contribui e muito para o orçamento familiar.”

“Independência financeira e emocional, estado civil opcional, não circunstancial, atitude.”

“Ter uma vida profissional independente da vida afetiva.”

“Independente de seu parceiro.”

“Ter um trabalho que lhe garanta ser auto sustentável, ter uma vida ativa e não ter sérias responsabilidades com os homens.”

“Independência, mas às vezes quando extrapola esta independência, pode se tornar alguém solitária.”

“Uma mulher emancipada é livre, capaz de determinar atitudes e estipular regras, direcionar seu desenvolvimento, independentemente de auxílios externos (pai, marido, etc).”

Se quiséssemos mais uma vez fazer um exercício de quantificação, os dados apresentados por nossas jovens em resposta à questão do que significa ser uma mulher emancipada poderiam ser assim resumidos.

Independência = 33

Independência financeira = 26

Independência dos homens (pais, maridos) = 8

Independência emocional = 4

Autonomia (auto-suficiente) = 4

Tem casa própria (e carro) = 3

Liberdade para fazer o que quer = 10

Liberdade cultural e sexual = 1

Trabalhar fora = 4

Ter um bom trabalho = 1 / Gostar de trabalhar = 1

Ter carreira sólida = 1 / Crescer profissionalmente = 1

Luta por seus objetivos (ideais) = 5

Vai à luta = 4

Luta por seus direitos = 2

Luta contra preconceitos = 1

Realização profissional = 6

Realizada no trabalho = 2

Realização pessoal = 2

Responsável (suas atitudes / atos) = 8

Está à frente de seu tempo = 3

Ter vida ativa (dinâmica, agitada) = 3

IGUAL AO HOMEM = 5

Vaidosa; cuida da aparência = 2

Tem opinião própria = 3 / Personalidade = 1

Tem consciência de suas atitudes = 1 / Ter consciência do que quer = 2
Arca com as conseqüências de seus atos = 1
Não é submissa ao homem = 2
Administra a vida própria = 1
Estado civil opcional = 2 / Poder de tomar decisões = 2

Determinada = 7 / Decidida = 3 / Objetiva = 1

Corajosa = 5 / Forte = 2

Possui amor próprio (auto-estima, auto confiança) = 4 / Caráter = 1

Batalhadora = 3 / Garra, força de vontade = 2 / Perseverante = 1
Conquista seu próprio espaço = 1

Vencedora = 2

Madura = 2 / Segura = 1

Respeitada = 1

Sensata = 1 / Transparência = 1

Realista = 1

Moderna = 1 / Aberta a novas experiências = 1

Satisfeita com a vida / otimista = 2

Não desiste de sonhar = 1

Fazer o que gosta = 1

Inteligente = 3

Ter formação universitária = 1

Formadora de opinião = 1 / Que estuda = 2

Esclarecida = 1 / Bem informada = 1

Pode constituir família = 1 / Pretende casar e ter filhos = 1

Possui uma família e contribui financeiramente = 1

Não ter responsabilidade com os homens = 1

Quando mais independente, pode ficar solitária = 1

Emocionalmente equilibrada = 1

Ser mais racional e menos emotiva = 1

É ao final deste percurso que podemos perceber o real significado do rito de passagem de onde partimos, o ingresso de nossas jovens em um curso universitário. Passaporte para o futuro, ele é também a promessa do ingresso em uma nova vida. Os valores que elas expressam com relação ao mundo universitário do qual agora fazem parte são também valores que integram um projeto de vida. Assim, será preciso investigar em que medida estes valores se sustentam, quando postos em confronto com a maneira pela qual nossas jovens concebem as relações afetivas, o casamento e a família como parte de seu ideal de realização pessoal, como se verá a seguir.

Capítulo IV – Lindas, ambíguas e sonhadoras

Para nossas moças que começam a construir um projeto de vida, não é apenas a entrada na universidade que constitui um rito de passagem importante. Para muitas, a sexualidade é o terreno por excelência em que começarão a experimentar a afirmação do que significa ser mulher, de modo a incluí-lo no ideal de vida que projetam para o seu futuro. As primeiras experiências da sexualidade, a perda da virgindade, temas cercados de tabus sociais, são também objeto de cuidados rituais que, por serem praticados de forma privada, na intimidade de uma relação a dois, são menos significativos. Dentre nossas jovens, muitas já passaram por esse ritual, e comentam suas experiências. Para outras, este é ainda um tema envolto em temores e ideais, que exploram com cuidado em seus depoimentos, à espera de que chegue o momento certo para passarem dos valores à experiência. Mas para a maioria de nossas jovens o grande rito de passagem ainda está por vir, o rito público do casamento que, tal como a comemoração da sua entrada na universidade, é celebrado publicamente por familiares e amigos, atestando que elas deixaram definitivamente de ser meninas para serem reconhecidas como mulheres.

Por esta razão é preciso compreender o universo dos valores que para essas jovens balizam a construção de sua auto-imagem enquanto mulheres, orientando seus ideais de realização pessoal e seu projeto de vida. É preciso analisar as informações a partir das quais formam suas concepções sobre sexualidade e feminilidade, os veículos ou pessoas que as difundem e aquelas com quem buscam conselho, trocam confidências ou experiências, na discussão

de valores relativos à sexualidade e casamento, como virgindade e fidelidade conjugal. E é preciso compreender também a imagem que essas jovens fazem sobre uma mulher tradicional e conservadora ou, ao contrário, uma mulher moderna. No desenho final dessas imagens sobrepostas, o que se procurará ver é a incidência dos valores que compõem esse universo de referência na construção dos modelos do feminino apresentados por nossas jovens nas entrevistas, e em que medida esses modelos são reiterados na construção de um projeto de vida que, ao lado da realização profissional, incluem ou não o casamento e a família entre os elementos da sua realização pessoal.

Começamos, portanto, com a questão central: o que é, para as jovens pesquisadas, **ser mulher**? As respostas podem, à primeira vista, parecer surpreendentes, quando consideramos tratar-se de jovens universitárias de classe média. Elas se dividem em vários grupos. Em alguns casos, enfatiza-se a condição biológica como um dado da natureza, mas também suas conseqüências “naturais”:

“Além de ser sexy, atraente.”

“Ser uma pessoa sensível, inteligente e naturalmente bonita.”

“É ser otimista, confiante e estar sempre pronta a ajudar os outros.”

Mas as jovens salientam também, essencializando-as, características psicológicas que se condensam na unidade contraditória de opostos: força e delicadeza, fraqueza e coragem, emoção e razão:

“É uma pessoa forte, meiga, carinhosa, sentimental.”

“É ser uma pessoa forte, corajosa, esperta e sentimental.”

“Ser mulher é ver o mundo com mais emoção do que os homens vêem.

“É se comover mais facilmente, agir com os sentimentos mais freqüentemente que os homens. As mulheres são mais ‘moles’, mais fáceis de atingir do que os homens.”

“É ser alguém que assume suas fraquezas, mas que luta para combatê-las, que encara as dificuldades e os desafios da vida, assumindo diversas responsabilidades.”

Em alguns casos, essas qualidades são destacadas associando-as a um ideal de “independência” que revelaria o que é ser mulher:

“Ser mulher para mim é ser capaz de desenvolver habilidades, aptidões e gostos sem perder a sensibilidade e a sensualidade, lutando para atingir um modo de vida independente de qual ele for.”

“Independente, feminina, decidida.”

Logo, porém, se revela que esta independência só tem valor quando associada à “família”:

“É ser alguém pensante, capaz de ter ambições, vontade e oportunidade de trabalho no que quiser, sempre tendo em mente que ela é responsável por tomar conta da família.”

E, como condição para a existência da família, a maternidade é destacada com ênfase como parte da condição feminina:

“Ser independente, carinhosa, capaz de gerar uma vida, competente, é muito bom.”

“É ser feminina, poder ser mãe, exercer carreira e ser bem sucedida.”

“É ser feminina, companheira, e o melhor, poder ser mãe - é a coisa mais maravilhosa que alguém pode ser.”

Com uma frequência altíssima, a maternidade aparece nas respostas de nossas jovens como a verdadeira essência da condição feminina:

“Ser mulher é poder gerar um filho.”

“Ter a oportunidade de gerar uma criança.”

“É poder conceber uma vida. É quem menstrua, possui seios e hormônios que controlam seu humor. A mulher parece ser mais sentimental e ao mesmo tempo mais forte em algumas situações.”

“Ser mulher é um Dom, é ser mãe, desenvolvendo o Dom da maternidade.”

“Ser mulher é poder dar a luz, é batalhar.”

“Para mim ser mulher é um Dom; é você poder ser mãe, ser sensível e batalhadora, é você ser frágil e forte ao mesmo tempo. É maravilhoso.”

“Simplesmente ser mulher. Poder ter filhos, amamentar, e a feminilidade toda e única da mulher.”

Inevitavelmente, a maternidade acarreta com ela responsabilidades com relação à família:

“Além do sexo feminino, ser mulher é ter o Dom da procriação, ter o Dom do amor, da compreensão e da capacidade de poder administrar uma casa, família, trabalho, relações sociais, sempre mantendo uma harmonia.”

“Poder gerar novos seres. Ser responsável pela união da família. Trabalhar para ajudar nas finanças da casa.”

“Ser mulher é ser digna, respeitadora, é ser mãe, esposa, dona de casa, trabalhadora, tudo ao mesmo tempo.”

Por isso não passa despercebido a algumas poucas dessas jovens as conseqüências sociais desses encargos, no que se refere a ser “mulher”:

“Ser humano dotado com o poder de carregar, cuidar de outra vida. Batalhar para ser menos desrespeitada e menosprezada na sociedade, mesmo sabendo que é melhor que muitos homens.”

“Conhecer seu corpo, gerar filhos, entender a mulher sendo no caso ela mesma, e lutar pelos direitos de todas, seja social ou politicamente.”

Essencialmente, portanto, para a maioria de nossas moças, ser mulher é ser mãe, ser sentimental, acolhedora, forte, feminina e corajosa. É cuidar da família, zelar pela sua união, ser esposa e dona de casa, assumir diversas responsabilidades, ser compreensiva, carinhosa, amorosa, meiga e delicada. É ser sensual, frágil, mas independente, igual na relação com o homem, capaz de educar os filhos, sendo atraente e mantendo harmoniosamente as relações familiares.

Por último, o que é menos citado é a carreira para a qual elas estão se preparando e que menos se considera. A ênfase está colocada principalmente na maternidade e nos sentimentos relativos aos cuidados: ser acolhedora, zelar pela família, ser carinhosa e delicada.

Em relação às **vantagens de ser mulher**, estas se confundem com a sua própria imagem de mulher. Assim, a capacidade de ter filhos e ser mãe aparece com uma freqüência altíssima (65 questionários). Em alguns poucos casos, essa capacidade natural se associa a outras vantagens proporcionadas pela natureza:

“Ter filhos, sentir o tesão que é totalmente diferente do homem, que só uma mulher pode explicar”.

“Orgasmos múltiplos, beleza, sutileza e grande contato com a natureza”

Em geral, porém, a maternidade enquanto dom natural é em si mesma percebida como a maior vantagem de ser mulher. *“Poder gerar um filho e trazê-lo ao mundo”, “poder ser mãe”, “a dádiva de ser mãe”* são expressões freqüentes em suas respostas. Quase sempre esse dom se associa também a outras qualidades consideradas caracteristicamente femininas, sendo valorizadas sobretudo quando relacionadas à família.

“A mulher recebeu a maior das dádivas da espécie humana, a capacidade de gerar a vida, (ser mãe), possui uma sensibilidade apurada, e na maior parte dos casos, uma capacidade para prever e analisar fatos próprios do gênero feminino.”

“Ser mulher é possuir a graça de dar a luz. Dentre inúmeras vantagens a principal é o fato de poder ser chamada de mãe. Lembrando-se que mãe é a que educa, protege, ama e dá a vida por seu filho.”

Outras qualidades que se destacam como vantagens decorrem do fato da mulher ser corajosa, forte, determinada, compreensiva e paciente. Mas, sobretudo, essas qualidades se referem ao mundo afetivo, e nossas moças colocam a sensibilidade e a emoção como vantagens, além da prerrogativa que a sociedade dá à mulher de poder manifestar seus sentimentos. E enfatizam também algo que poderíamos chamar de outras prerrogativas do sexo frágil, ou seja, ser cortejada e protegida, mas também ser capaz de proteger.

“Poder ser mãe, não ser criticada por ser frágil, poder ser sincera.”

“Lidar com a emoção e não com a razão.”

“A delicadeza, poder ser cortejada pelos homens (os poucos cavalheiros que ainda existem); poder gerar um filho; ter um caráter mais sentimental (agindo mais emocionalmente e não apenas racionalmente).”

“Ser mãe, poder ser mais que os homens no sentido de se mostrar do jeito que é, sem imposições de moldes machistas.”

“Somos protegidas e temos mais prioridades, somos mimadas por sermos delicadas e muitas vezes frágeis, as pessoas nos ajudam mais e há mais compaixão.”

“Poder gerar vida. Ser mais aberta emocional. Ser mais preocupada com os outros.”

Nem sempre, porém, seus sentimentos são puramente altruístas, e a benevolência não é parte obrigatória das vantagens de ser mulher. Algumas jovens destacam sua capacidade de manipular a percepção que a sociedade tem delas, transformando-a em instrumento de poder:

“A 1º mais imediata é a capacidade de gerar vida, depois segue o Dom de despertar desejo e fascínio nos outros, usufruindo de sua beleza, tanto exterior quanto interior.”

“Usufruir da ‘fragilidade’ para conseguir vantagens com os homens (aqueles que ainda são cavalheiros)”.

“Poder ser mãe, poder usar as roupas que quiser e usar maquiagem, ser o centro das atenções para os homens. Ter prioridades por acharem que a mulher é ‘sexo frágil’. Ter o poder da sedução e o domínio sobre todas as situações.”

“Poder procriar, poder se maquiar, se enfeitar, poder sacanear com o namorado (sem ele saber) e ele achar que você é a bobinha da história.”

“Poder dar vida, ou seja, ser mãe. Usar roupas diferentes do ‘terno e gravata’ dos homens. Ter a graça e beleza para ‘dobrar’ qualquer homem.”

“Poder gerar a vida, artimanha para se conseguir as coisas dos homens, ou mesmo cara e coragem para enfrentar as coisas sozinhas.”

“Ter mais jogo de cintura; transformar a vida de um homem. Por ser caracterizada como sexo frágil, a mulher passa a dominar situações surpreendentes a todos.”

“A mulher tem certo poder de sedução sobre o homem que eu acho fascinante. Ela pode controlá-lo, se souber usar seu charme. Além disso ela pode gerar uma criança e amamentá-la. Ela também pode fazer uso da sua tradicional imagem de sexo frágil quando for conveniente, ou usar a imagem de mulher moderna e independente, também quando lhe convir.”

Por isso algumas jovens não hesitam em afirmar que em muitos aspectos a mulher é “mais” e “melhor” que o homem, ou superior a ele:

“A mulher é mais independente do homem do que o homem da mulher.”

“A mulher costuma ter mais audácia, astúcia e senso crítico do que o homem.”

“A mulher está mais preparada para novidades. Sabe lidar melhor com sentimentos. Pode ser mãe.”

“Mulher pode ser mãe e em geral é mais forte e determinada”

“É de poder atrás de uma aparência frágil, esconder uma fortaleza, poder fazer mais de três coisas ao mesmo tempo, amar os homens, poder gerar outra vida.”

“As vantagens de ser mulher são várias, uma delas é gerar filhos e exercer o papel de mãe. Além disto, as mulheres são as potências do mundo, pois sem elas nada haveria.”

Todavia, há algumas que não vêem vantagem em sua condição de mulher.

“Nenhuma, ainda mais na sociedade de hoje, onde ser mulher é rótulo de garota bombril 1001 utilidades. Ser mulher só traz, na verdade, uma única vantagem: a luta pela igualdade de gênero.”

“Hoje em dia nenhuma, pois as mulheres estão assumindo o mesmo papel que o homem. Mas temos a vantagem de ser mãe.”

No entanto, a sociedade é machista. É uma das **desvantagens de ser mulher** levantada por nossas moças. Nisso elas se aproximam de uma concepção da sociedade como um ente abstrato, pairando fora e acima do alcance de sua ação, tal como analisa França, refletindo sobre esta entidade imaginária, ao afirmar: “Sociedade é destino, entidade que governa o cotidiano humano. Sociedade é sempre uma realidade intangível, inescrutável, com vontades e objetivos próprios que comandam a relação entre os homens, como se estes fossem coisas e não sujeitos. Não há relação alguma entre eles e “Sociedade” que não seja a de submissão a seus desígnios, já que não se percebem como seus criadores, mas suas criaturas”¹.

Para nossas moças, “a Sociedade” as considera “sexo frágil”, tornando-as vítimas de preconceito e discriminação por parte dos homens e na vida social em geral.

“A principal é ter que aprender a viver nesta sociedade totalmente machista, preconceituosa. A mulher às vezes tem que se limitar porque certas atitudes não são bem vistas perante as pessoas.”

“Ser discriminada perante esta sociedade machista ainda nos dia atuais.”

“Sofrer, ainda, discriminação por causa de homens machistas que acham que as mulheres são incapazes e ou inferiores a eles.”

“O preconceito ainda sofrido, por causa dos tabus machista do tipo ‘isso pode, isso não pode’”.

¹ Silvia Ramos França. *Elas por eles*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, mimeo, 1987.

O preconceito e a discriminação estão presentes em quase todas as áreas da vida social, mas manifestam-se sobretudo nas relações de trabalho e depois se transformam em cobrança com relação às demais “obrigações” femininas:

“Ser discriminada no trabalho e quando ocupam um lugar, um status bom, muitas vezes são discriminadas.”

“Ser menosprezada profissionalmente.”

“Maior cobrança profissional, rotulação relacionada à vida profissional; competição maior entre as mulheres; impor respeito a cada dia.”

“Ser discriminada no mercado de trabalho, ser encarada como menos capaz do que os homens em certas funções, ter de assumir muitas responsabilidades simultâneas.”

“Preconceito, dupla jornada de trabalho (quando se é mãe) dificuldade em arranjar emprego.”

“Nem sempre somos respeitadas pelos homens, temos o nosso salário reduzido, estamos entrando agora com mais força no mercado de trabalho, somos submetidas aos trabalhos de casa, há muita cobrança, referente à educação dos filhos.”

“Por ser a geradora da criança, a mulher acaba criando com ela vínculos inseparáveis. O homem consegue abandonar o filho e fingir que ele não existe, já a mulher não consegue fazê-lo e, se fizer irá sofrer muito. Além disso, existem muitas mulheres que ainda são submissas, não se vêem como mulheres apenas como esposas.”

Várias de nossas jovens apontam como causa da discriminação e do preconceito o fato de se considerar a mulher como sexo frágil, mas algumas delas apontam como desvantagem *efetivamente* parte de um sexo frágil, tanto do ponto de vista físico quanto emocional, e sofrerem por isso.

“Ainda está presente nos homens a idéia de que somos o “sexo frágil”, e muitas vezes a idéia de que somos desmerecedoras de certas posições e condutas.”

“Seremos consideradas mais “fracas” que os homens.”

“Ter que sofrer alguns preconceitos e sofrer algumas coisas por ser mais frágil fisicamente.”

“As mulheres ainda sofrem preconceitos machistas, são mais fracas, mais sofredoras, mais desprotegidas.”

Entretanto, outras jovens apontam como desvantagens o caráter abrangente da discriminação e do machismo, sobretudo pelo controle moral que impõem à sua conduta:

“Discriminação (com relação a nossa capacidade de realizar projetos e com relação à nossa inteligência); o machismo (achar que mulher deve ser submissa aos homens); e também o fato de não podermos tomar atitudes mais ‘ousadas’ (principalmente com relação aos homens), pois somos tachadas de ‘galinhas’ “.

“Podem subestimar a mulher que deseja exercer um cargo privilegiado que necessita tomar decisões. Há exigências e controle muito mais fortes sobre a conduta moral feminina que sobre a masculina. Menina que fica com muitos é galinha, menino na mesma situação é garanhão.”

“Algumas pessoas acham que podem te controlar.”

E, surpreendentemente, embora louvem a sensibilidade e a emoção como características essencialmente femininas, em relação às desvantagens de ser mulher, elas poderão também se tornar desvantagens frente à sociedade em que vivem. Da mesma forma, embora ser mãe seja por elas considerado um dom, a menstruação, as dores do parto e outros elementos biológicos são também considerados negativos na condição feminina.

“Fragilidade psicológica e social.”

“Ter dificuldade em lidar com o lado racional e sentimental (encontrar um equilíbrio, cobrança de rótulos e padrões)”

“Menstruar, contando as cólicas, facilidade para engordar, ficar loucamente apaixonada por um homem se submetendo às conseqüências.”

“A violência sexual a qual estamos expostas (física e verbal), não poder fazer “xixi” a qualquer hora que estiver com vontade e a discriminação quanto a nossa potencialidade no trabalho.”

“Arcar com a maternidade sozinha, ter título de frágil quando muitas vezes é mais forte que um homem.”

“Menstruar, depilar, tpm, salários menores, repressão social.”

Entretanto, apesar dessas restrições, há quem acredite, como uma de nossas jovens, que um grande caminho já foi percorrido na direção da emancipação feminina.

“Penso que atualmente a mulher se emancipou muito, já achou seu espaço e mostrou aos homens que é capaz, então as desvantagens são mínimas perto das vantagens.”

Quando nos recordamos da visão que essas moças têm de uma **mulher emancipada**, como já se viu anteriormente, podemos contextualizar melhor a maneira como entendem vantagens e desvantagens em relação a ser mulher. As meninas falam de independência financeira e da independência em relação aos homens. Consideram esta mulher como uma pessoa que tem liberdade para fazer o que quer, está à frente do seu tempo, decidida, batalhadora, inteligente, dinâmica e agitada. Luta por seus direitos, sendo consciente do que faz, é forte, tem garra, força de vontade e tem opinião própria. Por certo, o que as nossas moças colocam em baixíssima porcentagem é ter um bom trabalho e carreira

sólida, mas ainda assim valorizam a formação universitária, a cultura e uma boa informação.

No confronto desta questão com a imagem que fazem de uma **mulher tradicional**, elas enfatizam precisamente o oposto, colocando-a como aprisionada na rotina da casa e da vida familiar.

“Dona de casa, não trabalha, cuida dos filhos.”

“Dona de casa, que cuida dos filhos e do marido, vivendo em função da família, não pensando muito em si mesma . A família em 1º lugar.”

“ ‘Mãezona’ tipo dona de casa sem opinião própria.”

“Submissão, falta de opinião sobre qualquer assunto e falta de vontade própria , dependência, insatisfação pessoal, se abate facilmente diante das dificuldades”

“Que obedece apenas ao marido, ou melhor, que se sujeita as suas vontades. Que se deixa levar pelas circunstâncias que subestimam uma mulher e dizer: ‘se fosse homem faria melhor.’”

“Submissão” é uma palavra corrente para defini-la, juntamente com “dependência”, levando a delinear um perfil claro para essa mulher tradicional, a meio caminho entre a admiração velada por algumas de suas características e a visão de que se trata de algo quase patológico, ou pelo menos infantilizado.

“Certo grau de dependência, ou de pais ou marido. Romantismo.”

“Reservada.”

“Recatada, passiva.”

“Meiga, delicada, submissa, dependente, indecisa, medrosa.”

“Feminina, delicada, submissa.”

“Dependente, carente, indeterminada, não tem objetivo, acomodada”

“Submissão, fraqueza emocional.”

“Não questionadora, conformada.”

“Dependência financeira, submissão ao marido, ser influenciável.”

“Dependente financeira e amorosamente, fechada consigo mesmo e sonhadora.”

“Conservadora, resguardada, fria, quieta.”

“Conservadora e sem muitas perspectivas.”

“Um pouco frágil e sempre necessitando de ajuda e /ou conselhos.”

Outras respostas caracterizam com mais precisão em que consiste a submissão e dependência da mulher tradicional:

“Submissa, dependente, sem voz, é preciso expressar-nos para reverter situações que nos desapontam.”

“Aceita as ordens sem expor seu ponto de vista e não trabalha.”

“Submissão, medo de expor seus ideais, desinteresse por coisas novas.”

“É aquela mulher que tem os mesmos valores e segue / aceita as “normas” que a excluem da sociedade, as normas que a atribuem um valor inferior ao homem.”

De uma perspectiva mais ampla, não parece suficiente que a mulher exponha suas idéias para não ser submissa. A realização profissional é também invocada como algo de que sua dependência a faz abrir mão. Ou, talvez, as coisas não sejam precisamente assim, como outras jovens nos levam a supor.

“Uma mulher que se submete às vontades do marido, deixando até de se realizar profissionalmente e tem valores fixos e rígidos.”

“A mulher tradicional é aquela que fica em segundo plano e faz parte da vida de sua família, sem a sua própria identidade, ou seja, esquece de si mesma ou talvez seja aquela que não deixa de ser uma mulher independente, mas cumpre o papel de dona de casa”

Assim, outras meninas podem concluir, afirmando uma visão pouco ortodoxa do que seria essa mulher (tida por) tradicional:

“Tradicional ? Não acredito de verdade nisso.”

“Casada ou pós casamento, com filhos para criar e ainda um trabalho para ir, além de sempre querer estar bonita ou magra.”

“A mulher tradicional sempre quis ser feliz como dona de casa. Atualmente, ela quer mais: quer trabalhar, estudar e ser independente.”

Por isso mesmo, não parecem surpreendentes, à primeira vista, suas respostas à questão acerca do que imaginam sobre o **homem com quem gostariam de viver**. Ele é inteligente, afetivo, respeitador, compreensivo, responsável, sincero, charmoso, educado, e bem humorado. Menos de 20 % de nossas moças falam do trabalho e deste homem ser batalhador, empreendedor, além de pensar no futuro. Talvez isso não fosse necessário, já que aparentemente elas poderiam cuidar de si mesmas, a exemplo da mulher emancipada cuja imagem valorizam, como vimos anteriormente.

Todavia, é quando chegamos às questões que se referem à sexualidade que podemos contextualizar verdadeiramente o significado de todas essas afirmações, relativizando-as no confronto de suas concepções acerca das relações sexuais. As meninas buscam informações sobre sexo principalmente com as amigas, revistas femininas, mães, primas e tias. Por outro lado, ao

conversarem sobre sexo, preferem as amigas, namorado e/ou noivo, além do ginecologista ou do psicólogo.. Praticamente todas aprovam relações sexuais antes do casamento, ou antes, são poucas as moças que declaram considerar a virgindade importante para se arranjar um marido. Mas todas têm consciência de que este é um valor que se alterou no tempo:

“Não [é importante], pois hoje em dia os padrões são outros, e virgindade não é prova de pureza. Hoje, os homens já se acostumaram com a idéia de casar-se com mulheres não virgens, pois os padrões são outros.”

“Jamais. Virgindade para mim é um tabu criado socialmente. Jamais casaria com um homem que dissesse que sua noiva deveria ser essencialmente virgem.”

“Não, estamos no ano de 2002, onde a liberdade sexual alcança patamares nunca antes pensados. Pessoas se conhecem e transam. O amor não é relacionado com o passado da pessoa / ser virgem ou não / e sim com uma pessoa em si”

Algumas jovens relacionam a importância atribuída à virgindade feminina a uma postura discriminatória da mulher, reivindicando para si direitos iguais aos dos homens:

“Não, no meu ponto de vista é extremamente ridículo e machista este negócio de mulher casar virgem.”

“Nossa!! Se virgindade for requisito para obter um marido, o relacionamento já começa mal desde aí.”

“Não. Há tempos a sociedade impõe que o homem não deve ser virgem para casar, mas a mulher sim. Qual a diferença?”

“Não, da mesma forma que não é importante o homem ser virgem para obter uma pessoa.”

Algumas de nossas moças chegam mesmo a valorizar a não virgindade como um fator positivo para um casamento, dada a experiência adquirida pela mulher e que pode trazer maior satisfação a ambos os parceiros.

“Na atual realidade, não. Acabou-se a idéia (tabu) de que a mulher tem de ser virgem, hoje muitos homens até preferem mulheres com mais experiência.”

“Não, é importante saber tudo sobre sexo: suas próprias preferências, seu tipo sexual de homem e as preferências sexuais masculinas para se obter um marido.”

“Não, muito pelo contrário, uma mulher experiente sexualmente pode dar e receber mais prazer ao marido. Imagino que em algum lugar longínquo devam existir homens que ainda valorizam isso, mas de qualquer forma eu não me casaria com um deles.”

“Não, para casar e ‘viver feliz para sempre’ com alguém é preciso conhecê-la por inteiro até no ato sexual.”

“Não. É preciso conhecer o homem que vai dormir a seu lado. Saber se há uma ligação química.”

Um número significativo dessas meninas desvincula a virgindade do casamento, tanto mostrando a responsabilidade individual na escolha de ser ou não virgem, quanto indicando outros requisitos considerados mais importante numa relação matrimonial.

“Não, pois virgindade não é sinônimo de uma boa futura esposa, mas apenas que não houve uma oportunidade anterior.”

“Não, porque o homem deve querer casar com você pela pessoa e caráter que você tem. Não ser virgem significa ter experiências, e estas ajudam a construir uma pessoa.”

“Não, a pessoa deve fazer o que acha certo na hora, e certamente já teve uma vida antes do marido.”

“Não, atualmente a virgindade não representa mais a decência de uma mulher e sim é apenas uma escolha dela.”

“Não, isso é uma coisa que diz respeito apenas à mulher. Existem ainda muitos homens preconceituosos, mas o casamento envolve amor.”

Entretanto, nem todas as nossas jovens pensam assim. Embora minoria, algumas declaram, quase de um jeito envergonhado, traindo talvez a própria inexperiência ou romantismo, o valor que atribuem à virgindade, ainda que se pudesse considerá-lo coisa antiquada.

“Depende. Eu acredito que não. Acho que é importante conhecer a pessoa antes de se casar com ela. Porém, alguns ‘mais sonhadores’ acham que a entrega deve ser ‘única’. Para eles é importante.”

“Não necessariamente. O casal vai se conhecendo aos poucos e não é necessário ter relações para que aquele seja o marido. Conhecer por completo não quer dizer fisicamente, vai se conhecendo a pessoa no dia a dia não necessariamente na cama.”

“Não. O sexo não é decisivo em nenhum relacionamento, e por isso não pode ser decisivo para o casamento.”

“Não. Hoje em dia a idéia de virgindade foi extremamente deturpada e o que há tempo atrás era sinônimo de pureza e renúncia, hoje é motivo para piadas.”

“Atualmente, creio esse valor haver se enfraquecido, ter sido posto em 2º plano, deixado de ser fundamental. Homens e mulheres abdicaram desse conceito, desvalorizaram-no. Em minha concepção, porém, permanece primordial, intacto e inalterado.”

“Não, porém é uma forma de mostrar que estava esperando a pessoa certa.”

“Atualmente é difícil encontrar garotas virgens que se mantêm assim só por causa de um futuro marido... Eu acho importante esperar até o casamento, porque com certeza o amarei e ele a mim.”

“Eu penso que não. A virgindade é um assunto sério e que às vezes você pode estar namorando a tempo e “transar “, mas você pode se arrepender caso não fosse com a pessoa certa. Precauções devem ser tomadas.”

Finalmente, a propósito da relação entre ser virgem e conseguir um marido, nossas jovens também expressam alguns dos valores que consideram essenciais num casamento.

“Não. Na minha opinião, os padrões do mundo atual mudaram muito e não é mais uma regra ter que se virgem para se obter um marido. O importante é você ser honesta e fiel com seu marido. O que você fez antes de conhecê-lo não importa, pois hoje em dia tudo é uma questão de momento.”

“Não, o importante para obter um marido é ter personalidade forte, ter ideais na vida, traçar uma meta e não ser submissa, sendo assim respeitada por seus valores e não pela presença de um hímen.”

“Não, acho virgindade um assunto pessoal, respeito muito as mulheres que casam virgens. Mas cada um sabe a hora certa e a pessoa certa para se entregar.”

“Não, precisa ter cabeça e respeito e saber a hora ideal para acontecer e estar segura, mas isto não segura para obter um marido.”

“Não. Para obter um marido o que vale é o amor e se as personalidades de cada um não batem de frente, ou ainda, fidelidade, compreensão etc.”

“De jeito nenhum ! É importante ter amor, carinho, respeito.”

“Não. Na sociedade em que vivemos hoje o que mais conta para uma relação dar certo não é só o sexo. É muito importante que exista a cumplicidade, a amizade, o amor e o respeito mútuo.”

“Não, virgindade não quer dizer nada, para obter um marido é preciso de coisas muito mais importantes como: cumplicidade, amor e companheirismo.”

Nossas jovens também declaram que, dentre os amigos, todos também as aprovam. Porém, após o casamento, estas relações são desaprovadas praticamente de maneira unânime por todos. Quando perguntadas acerca do que a família acha sobre relacionamento sexual antes do casamento, a maioria não sabe informar o que pensam seus pais, enquanto dizem que suas mães e irmãos aprovam, ou então ao menos as mães (embora não necessariamente o recomendem). Uma aluna apenas comentou que *“os pais de uma forma geral acham suas meninas princesinhas intocáveis e não gostariam nem um pouco que praticassem a sexualidade fora do casamento”*. Outra, falando sobre a mãe, comenta que *“ela não se incomoda, desde que eu não tenha muitos parceiros”*.

Todas as nossas moças afirmam já terem tido algum tipo de experiência sexual, variando em grau de intimidade ou intensidade, desde andar de mãos dadas, trocar abraços e beijos, até masturbação, sozinha ou com o namorado, manipulação recíproca de órgãos sexuais, sexo oral, vaginal ou, em apenas dois casos, sexo anal. Varia igualmente a maneira como elas o consideram. Praticamente todas julgam o ato sexual desejável e agradável, porém nem todas o vêem como fundamental, ainda quando seja algo limpo, mas que muitas vezes pode ser dolorido.

“Limpo, indolor, prazeroso. Quando casada, fundamental e desejável. Solteira, porém, é bom e importante, desde que ambos desejem (não fundamental)”

“Fundamental, limpo, indolor, agradável, desejável. Imagino ser indolor porque dizem que todas as mulheres que fazem não querem parar”

“Fundamental (ainda não sei, suponho que seja desde que seja com quem você ama). Limpo, indolor (se for feito com amor) agradável, desejável”

“Não fundamental, sujo, dolorido, agradável, desejável”

Entretanto, mesmo essas moças que já iniciaram sua vida sexual relatam dificuldades de ter intimidades sexuais a que não estão habituadas. Nesses casos, suas atitudes variam, desde demonstrarem com veemência seu constrangimento, até se mostrarem curiosas acerca do que desconhecem, embora em sua maioria proponham o diálogo entre os parceiros para que cheguem a um acordo quanto aos limites a serem respeitados.

“Me sinto mal, insegura, fico pensando que se ele não tem isso comigo, irá procurar outra... não sei, fico com dúvidas, achando que eu não o completo, mas ao mesmo tempo vejo que eu não quero e acabou, porque é nesse momento que percebemos o respeito existente.”

“Explico que ainda não estou preparada para isso.”

“Imponho minha opinião, no caso diria que não iria fazer.”

“Se eu não gosto, se passou dos meus limites, eu não aceito. E acredito que o meu namorado saiba os meus limites não os ultrapassando.”

“Mostro a ele o meu limite, porém não descartando a idéia de, aos poucos me adaptar às vontades dele.”

“Depende da intimidade, pode haver uma conversa entre ambos para chegar em um acordo, a conversa é sempre o melhor caminho”

“Ia dizer ‘Não’ ou ‘Agora não’ ou ‘Ainda não’.

“Acho que minha 1ª reação seria repulsão e negação. No entanto, nunca passei por isso, portanto poderia mudar de opinião dependendo da ocasião, do namorado, de mim e da proposta!”

“Bom, isso nunca aconteceu, mas se acontecesse, provavelmente conversaria com ele para ver qual é a importância ou curiosidade de estar me propondo algo diferente. Mas se em outro momento me desse vontade, eu aceitaria.”

“Eles nunca o fizeram, eu vou gostar se acontecer.”

Ainda que nossas jovens não considerem o casamento essencial para manter uma relação estável, praticamente todas elas afirmam pretender casar-se, mesmo que dentro de alguns anos, só após terminar o curso, ou até, em um único caso, só depois de completar o doutoramento. São pouquíssimos os casos em que as moças afirmam não querer casar-se ou mesmo serem contrárias ao casamento.

Para que o casamento aconteça, colocam como fundamental a existência simultânea de amor, paixão e atração, incluindo, portanto, a sexualidade como elemento importante na relação. Entretanto, confrontadas em vários momentos do questionário com questões relativas a virgindade, casamento e fidelidade, demonstram em suas respostas que a aprovação das relações sexuais antes do casamento por parte dos amigos e amigas, ou mesmo de namorados e maridos, não têm a unanimidade que à primeira vista se poderia supor. Afirmam que a opinião dos homens sobre as mulheres que não são virgens é de que:

“São mulheres que buscam os mesmos direitos dos homens, ter prazer, escolhas e realizar vontades.”

“A de que cada um faz o que acha certo, e essa decisão só cabe à pessoa.”

“Respeita a opção delas.”

“Se a mulher se respeita, ele respeita ela não ser virgem.”

Contudo, chama a atenção o fato de que quase ¼ de todas as moças entrevistadas relataram que seus namorados consideraram “normal” a condição de uma mulher que deixou de ser virgem.

“Normal, cada um tem a relação na hora que acha a certa.”

“Normal, é um fato natural, cada um tem a sua opção.”

“Ele não vê nenhuma anormalidade nisso, considera uma coisa normal.”

“São normais como qualquer outra.”

”Acha normal e até saudável.”

“São pessoas normais como as virgens.”

“Ele entende como sendo algo normal hoje em dia, e que cada um deve fazer o que quer da vida.”

Algumas poucas chegam mesmo a afirmar que, segundo a opinião masculina, há uma superioridade da mulher não virgem sobre as virgens:

“Os homens preferem a mulher não virgem, pois elas possuem uma personalidade mais definida, os conceitos e valores de uma mulher não virgem valorizam o relacionamento.”

“Ter relações com alguém experiente é muito melhor do que quem ainda não sabe (nunca fez) como fazer.”

Mas é no conjunto das suas respostas que começa a delinear-se um perfil de opiniões masculinas bem menos liberal:

“Não condena, porém não encoraja.”

“Ele me respeitava [não sendo virgem], porém não era muito a favor.”

“Tudo depende da cabeça, mas meu namorado não consegue pensar sobre isso com a sua filha e a irmã.”

A “perda” da virgindade acaba sendo vista como um deslize ou um erro, que o afeto pode e deve redimir:

“Ele aceita, e não deixa de estar com ela por este fator, afinal o sentimento é mais importante.”

“[A opinião dele é] A mesma que a minha. Desde que o sexo seja feito com amor, tudo bem.”

“Meu namorado não recrimina, pois todos têm o direito de errar caso se arrependam (de deixarem de ser virgens), o momento presente é o que importa e é preciso pensar antes de fazer qualquer coisa.”

“São diferentes, contanto que se tenham entregue por amor.”

Na perspectiva de seus namorados, segundo um número significativo dessas moças, há uma clara valorização da virgindade.

“Geralmente quando as mulheres são virgens e os homens sabem, eles ‘dão mais encima’, mas por puro interesse de ser o 1º”

“Ele prefere as virgens.”

“Não tem preconceitos, mas prefere namorar com uma virgem.”

“Ele acreditava ser o relacionamento sexual fundamental para o pleno conhecimento das pessoas com quem se relaciona. Creio, porém, valorizar as virgens, uma vez que admira e respeita sua posição.”

“Respeita. Porém acha que elas estão perdendo algo muito precioso da vida.”

Na percepção dessas jovens, a experiência, valorizada segundo algumas na opinião masculina, acaba sendo apontada por outras como um motivo de desconforto para muitos de seus parceiros.

“Ele respeita as mulheres não virgens assim como respeita as virgens, mas ele me disse que se sentiria incomodado se soubesse que a parceira dele já teve várias relações com diferentes pessoas.”

“Ele não se importava, desde que com ele fosse especial para os dois.”

“Não tinha nenhum problema, uma vez que tendo mais experiência não seria ruim para ele, no entanto ele também não gostava de muita experiência, pois também queria se sentir especial e não só mais um.”

“Para ele não faz diferença as outras mulheres, mas para mim ele gostaria de ter sido o 1º, não sabe ou não quer explicar o porque.”

Finalmente, no depoimento de algumas outras poucas jovens, o preconceito masculino acaba aparecendo de maneira clara:

“São fáceis de namorar.”

“Que são mulheres que não são boas para casar.”

“Depende, se a menina não for virgem, mas também não tiver saído com muitos rapazes, tudo bem, mas se ela sair com muitos caras, aí, com certeza, rola discriminação.”

Por isso, de um modo geral, pode-se dizer que as opiniões masculinas acerca das mulheres que não são virgens, tais como relatadas por nossas jovens, oscilam entre afirmar, por um lado, que *“querem as mesmas liberdades que os homens”* e *“batalham para ter liberdade sexual”*, e por outro lado, que *“ainda não encontraram o homem certo”*, *“elas sofreram alguma desilusão amorosa”*, *“querem casar tanto quanto as virgens”* ou *“gostam mais de sexo do que de compromisso e não seriam fiéis no casamento”*, *“elas usam a sexualidade como meio de obter marido”*, *“não querem casar”*, *“estas moças são boas para programa e não para casar”*.

O interessante, porém, é verificar que opiniões semelhantes se repetem quando as moças relatam o que pensam suas próprias amigas sobre as mulheres que não são virgens. Mais liberais que os rapazes, em sua maioria elas aprovam as relações sexuais antes do casamento.

“A maioria das minhas amigas não são virgens, elas concordam em perder a virgindade antes do casamento e incentivam positivamente qualquer coisa sobre o assunto.”

“A maioria das minhas amigas são solteiras e não virgens. Mas não existe o certo e o errado, mas sim, depende de suas próprias cabeças.”

“Acham que estão mais que certas, pois dizem que temos que experimentar bastante antes de casar para escolher o melhor parceiro”

“Pensam da mesma forma, que eu que não há problema, desde que cada um faça aquilo que tem vontade, mas tem que haver responsabilidade, pelo menos para nós”

“Necessariamente elas não pensam nesse detalhe de solteiras não serem virgens, mas é uma forma de disputar quem perde 1º e com quem.”

É curioso, porém, verificar que, mesmo entre essas moças, tal como entre os rapazes, se afirma que as mulheres que já perderam a virgindade são saudáveis e “normais”, vinculando a “perda” da virgindade, ou melhor, a entrada na sexualidade, a uma questão patológica, como se sentissem a necessidade de negar que ceder ao desejo seja algo como uma “doença”.

“A coisa mais normal, pois pensam que sexo não é pecado nem crime, mas sim uma coisa natural que acontece com qualquer ser humano.”

“Normal. Cada qual escolhe o momento de iniciar sua vida sexual, não importa se é solteiro ou se tem noivo ou namorado.”

“Agem normalmente. A opinião é de cada uma, e não há necessidade de julgamento.”

“Normal, a virgindade não influi no caráter da pessoa.”

“São mulheres normais como qualquer outra.”

“Elas não agem como se fosse algo anormal, mesmo porque cada uma tem sua vida e sua intimidade.”

“Sendo um ato com consciência, normal.”

“Acham comum, normal o fato de alguma garota não ser mais virgem. Não influi no relacionamento entre as minhas amigas.”

Nem todas, porém, têm esse tipo de opinião liberal.

“Penso que algumas acham normal, outras não aprovam.”

“Elas devem pensar que estas mulheres, apesar de já terem se sentido preparadas para ter uma relação sexual, ainda não encontraram um homem capaz de ser seu parceiro e companheiro.”

“Que são mulheres que apesar de terem relacionamentos ainda não encontraram alguém para casar ou simplesmente não querem casar.”

“Pensam que aquelas mulheres não encontraram ainda um homem para casar.”

“Alguém que pulou etapas no processo da vida antecipando uma das suas fases.”

“São mulheres que ainda não encontraram o parceiro que as complete.”.

Algumas das opiniões de suas amigas relatadas por nossas jovens são francamente ambíguas:

“A grande maioria acha que mulheres solteiras não virgens são como qualquer outra mulher, mas há algumas que acham tais mulheres precipitadas (se forem muito jovens).”

“Algumas ainda acham que só devem transar depois do casamento, mas não têm preconceito contra as não virgens.”

“Creio que elas julguem ser um desperdício de tempo, prazer e oportunidades, apesar de boa parte delas ser virgem, e as que não são

valorizam o ato sexual e praticam-no com parceiros selecionados (namorados, apenas)."

Outras opiniões se mostram, por fim, claramente desfavoráveis:

"Não sei, não conversei sobre isso ainda com minhas amigas; até porque minha única amiga de verdade frequenta a mesma religião que eu e a Igreja acha certo a mulher casar virgem mesmo sabendo que na maioria das vezes isso não acontece."

"Não são a favor."

"Que não tem princípios."

"Eu acho que a maioria delas desaprova a idéia porque acham o sexo sujo."

Na verdade, quando indagadas sobre qual o objetivo do relacionamento sexual, em sua grande maioria as moças pesquisadas só o concebem no âmbito de um conjunto mais amplo de características que definem as relações afetivas de um casal, vinculando-o à expressão do amor, à necessidade de conhecer mais intimamente o parceiro, à obtenção de prazer e à procriação.

"Na minha opinião o relacionamento sexual significa a força de atração entre duas pessoas e consiste em uma etapa avançada de um relacionamento."

"Prazer e cumplicidade entre e para ambos."

"Obter carinho, prazer e, se a pessoa quiser, procriação."

"Relacionamento sexual é sinônimo de aventura, diversão, brincadeira e o objetivo é que o casal tenha mais intimidade e ter filhos que é a coisa mais bonita da vida."

"Na minha opinião, sexo é 'normal', quer dizer 'natural' (o ato), mas neste ato estão inclusos sentimentos positivos que ampliam a visão do corpo e do amor. O relacionamento sexual tem o objetivo de descobrir estes sentimentos internos, que estão por trás do ato sexual."

“Primeiro é uma demonstração de amor e segundo uma forma de prazer.”

“Acredito que um complemento na vida afetiva do casal. Não é a prioridade nem a base de uma relação. É o que acrescenta e atrai os corpos.”

“Além do prazer psicológico que o amor dá, tem o prazer físico que o sexo dá. É uma complementação do relacionamento entre duas pessoas.”

“Sexo deve ser fruto de um relacionamento estável. Ele liga mais os parceiros pelo prazer e pela cumplicidade.”

“Prazer, carinho para com o companheiro, desejo de fazer o companheiro feliz, e também é da procriação.”

“Conhecimento do seu parceiro... comprometimento, relacionamento mais sério e maduro.”

“Eu acredito que o relacionamento sexual tem como objetivo aumentar a intimidade do casal, celebrar o amor entre os dois e completa a união sentimental do casal com a união física.”

“Unir um casal (corpo e alma) que tenha certeza que se amem e que tenham planos futuros.”

“É uma entrega por amor e conhecimento do homem escolhido. O amor deve ser essencial mesmo que o objetivo seja prazer ou reprodução..”

“Na minha opinião, o principal objetivo é a concepção de uma nova vida.”

“Proporcionar prazer e constituir ‘família’”.

“Para quem é casado, além da troca de carinho é para procriar. Geralmente, para quem é solteiro praticar o ato sexual é para prazer.”

“O sexo para mim é a entrega total, tanto do corpo quanto da mente. É encontrar amor, confiança e prazer em outra pessoa.”

Por isso não chega a estranhar que, entre os motivos que as levariam (ou levaram) a deixar de ser virgens, nossas moças relacionem um conjunto de

circunstâncias que poderiam ser resumidos na frase de uma delas: “A hora certa, o momento certo, o lugar certo e a pessoa certa”.

“Apenas atração sexual seria um forte motivo, mas já aconteceu este lance e nem por isto me deixar levar, o que eu levaria para a cama com um homem seria a segurança da relação e o sentimento envolvido.”

“Eu encontrar alguém que eu goste, confie, tenha afinidade/ atração sexual e que eu tenha certeza que vai segurar a minha mão no dia seguinte.”

“Não sei ao certo, talvez curiosidade, interesse em saber o que é realmente, como acontece etc.”

“Amor e admiração pelo meu ex marido. Carinho, amor e compreensão dele por mim e atração física.”

“Gostava do meu namorado e ele de mim. Eu já tinha dois anos e meio de namoro, já era maior de idade e sentíamos atração um pelo outro.”

“Infelizmente me submeti a uma vontade do meu ex. namorado, eu não agüentava mais ouvir ele falar que isso era maravilhoso (sexo) e presenciar ele lembrando da ex.”

“Se caso eu tivesse que optar em perder a virgindade, faria por amor a uma pessoa.”

“Encontrar uma pessoa que me valorize e que mostre qual são suas ideais, intenções.”

“Sentir-me confortável, atraída, respeitada e segura.”

“Achar o cara que me respeite e tenha paciência comigo. Além disso, ele tem que me deixar confortável.”

“Sustento como princípios os estabelecidos pela norma moral tradicional : amor, paixão, confiança, respeito, desejo, afinidade plena, tudo isso, preferencialmente na noite consecutiva ao meu casamento (núpcias).”

“Primeiro, amor; a certeza de que o seu parceiro te ama também e segundo, a certeza de que é o momento certo e que essa pessoa possa vir a casar com você.”

“Eu estava curiosa, já tinha rolado tudo, – penetração, estava com um cara que havia sido uma paixão infantil.”

“Eu queria ter uma vida sexual ativa.”

“Estar com alguém que eu goste, confie e que esses sentimentos sejam recíprocos.”

“Amor, relação estável e atração.”

“A vontade (desejo sexual) e a certeza de que a pessoa ficará comigo por algum tempo. Alguma pessoa que me passe segurança.”

“Eu estava apaixonada, e foi com a pessoa certa, no lugar certo. Estava na minha hora.”

“Amor. Estava apaixonada e achava que sempre estaria com ele. Hoje penso diferente: faço porque quero naquele momento, sem ilusões.”

Essa visão é corroborada pela forma com que as jovens que são virgens dizem até quando pretendem conservar-se nessa condição:

“Até o dia em que eu estiver preparada para ter relações sexuais, estiver madura o suficiente, ou quem sabe até o casamento.”

“Até quando eu me sentir preparada para isso. Somente após eu achar alguém que eu confie e deseje assim como quero que ele me deseje.”

“Até encontrar a pessoa que não ponha o sexo como prioridade mas sim como consequência do relacionamento.”

“Até me sentir desejada de verdade. Não só para o sexo, mas como pessoa.”

“Até achar alguém que eu ame e que esteja segura.”

“Até o dia em que eu ache uma pessoa que eu realmente ame, confie, admire, respeite e que eu sinta que sente o mesmo por mim. Quando eu achar alguém que me deixe confortável comigo mesma na ‘hora H’ “.

“Até encontrar a pessoa certa, de quem eu goste muito e com quem eu me sinta segura.”

“A priori, até minha noite de núpcias... Na prática, porém, não garanto que seja indicado resguardar-se tanto... Não creio, porém, que seria capaz de contrariar meus princípios morais e minha opção pela virgindade (não o fiz até hoje por opção, não por ausência de oportunidades)”.

“Até o dia que eu tiver certeza de que a pessoa que eu namoro irá casar comigo.”

“Até o momento em que eu me sentir segura e confiante de que não irei me arrepender.”

“Até o momento em que eu me considerar adequadamente preparada, quando encontrar a pessoa adequada.”

“Não tenho prazos, até quando eu encontrar uma pessoa que eu me sinta a vontade, que me respeite e ame.”

“Até achar um homem que me passe segurança, amor e fidelidade e que eu tenha atração e desejo sexual.”

“Até o dia em que eu encontrar alguém que eu confie a ponto de me entregar a ele.”

Em geral, a média de namorados que essas moças tiveram é de apenas dois. E nossas moças não namoram mais de um rapaz ao mesmo tempo. Não sofreram agressão sexual. Apenas duas afirmam ter tido relações homossexuais. Cinco delas afirmam que fazem uso de anticoncepcionais, e quando perguntadas de que tipo, apenas 20% informam ser pílula e camisinha. Quanto à questão do aborto, 30% se declaram favoráveis, porém todas afirmam jamais terem se submetido a ele. Destes 30% iniciais, se estivessem casadas, apenas 10% a ele se submeteria. Esta porcentagem aumenta para 20%, caso não estivessem casadas. Quando comentam as situações que acompanharam de amigas que fizeram aborto, dividem-se entre apontar como sua causa irresponsabilidade, egoísmo, covardia, além de desrespeito com a vida e, com relação aos seus

próprios sentimentos nesta situação, falam de susto, espanto, pena, desespero, tristeza e choque.

Como já foi dito, nossas moças afirmam que o casamento não é necessário para a manutenção de um relacionamento estável, mas pretendem se casar, embora considerem que o casamento legalizado não necessariamente é fundamental para que tenham filhos. Com relação à vida de casada, têm medo da rotina, mas em sua maioria imaginam uma vida de muito amor, uma família estável e feliz. Apenas duas meninas comentam o trabalho associado à vida doméstica e à manutenção da família, enquanto as outras falam de festa e vida social intensa. Para essas jovens, o casamento só dá certo quando: *“eles se amam”, “há fidelidade feminina”, “há fidelidade masculina”, “há estabilidade financeira”, “ambos se encarregam do sustento”, “ambos têm o mesmo nível cultural”, “ela não se sobrecarrega porque tem empregada”*.

Uma das questões colocada para nossas moças foi **“Virgindade é sinônimo de fidelidade ?”** Suas respostas são significativas. Por certo há as que defendem a equação dos dois termos, atribuindo à virgindade um caráter simbólico e um valor essencial:

“Depende do ponto de vista .. . Se a mulher quer ser fiel a um só homem, àquele que ela escolheu para ser seu para o resto da vida, acho que é fidelidade a ele sim.”

“Sim. Fidelidade com a pessoa “certa”, a espera se torna uma fidelidade.”

“Não são sinônimos, mas existe uma concepção que define a castidade sinônimo de fidelidade nos casais.”

“Sim, porque é símbolo de auto-domínio.”

“Não, mas pode ser sinônimo de entrega ou mesmo escolha.”

Mas nossas jovens tendem, em sua maioria, a dissociar virgindade e fidelidade, acentuando a confusão causada pela identificação de ambos:

“Não, porque você pode ser virgem e trair do mesmo jeito. Porque não é preciso perder a virgindade para ser infiel, apenas fazer coisas que de uma certa forma traia a confiança de outra pessoa.”

“Não. Não é porque você nunca chegou nos finalmente que não pode sair beijando todo mundo.”

“Não, porque trair não significa transar e sim sentir atração e desejo por outra pessoa. Então, uma pessoa virgem pode muito bem trair.”

“Não, às vezes quem se casa virgem trai mais pelo desejo de conhecer outros parceiros.”

Várias delas tendem, em contrapartida, a enfatizar como a fidelidade não depende da virgindade, que, mesmo perdida, não compromete a capacidade da mulher de ser fiel.

“Não. Pois a pessoa pode ter feito sexo por amor, mas depois de algum tempo o namoro não deu certo, e futuramente ficar com outra pessoa.”

“Não. A pessoa (de boa índole) se entrega a quem ama, outras (que não concordo) apenas por prazer, não tem muito a ver ser virgem com o ato de ser ou não fiel.”

“Não, a menina perde a virgindade num momento especial para ela. Mas o relacionamento pode não dar certo e a garota tem o direito de encontrar uma outra pessoa.”

“Não. Porque você pode ter relações com um namorado/ ficante/ amigo em dado momento e ter relações com outras pessoas em outros momentos.”

“Não. Sexo faz parte do relacionamento amoroso. Quando acaba o relacionamento, é mais que natural que a pessoa procure outro amor, e com ele vai ocorrer a mesma coisa que o antigo (intimidades). Fidelidade é só estar com uma pessoa, e não só ter tido uma pessoa na vida.”

Salientam, assim, a natureza distinta dos valores envolvidos nos dois casos, e a característica do que, no seu entender, constitui a fidelidade:

“Não, a fidelidade está nas atitudes durante o relacionamento, não importa o que aconteceu antes.”

“Não existe nem relação. Virgindade é uma escolha pessoal; fidelidade é algo feito em conjunto.”

“Não, a virgindade é algo particular do homem e da mulher e cada qual faz o que deseja com esta. A fidelidade já envolve de fato um compromisso num casal.”

“Não. A fidelidade, a meu pensar, só é válida no momento presente, por ex, se você deixa de ser virgem com uma pessoa e casa com outra, você só será infiel se você trair a pessoa que você casou, caso contrário, o que você fez no passado, não dá para mudar, dá para esquecer.”

“Fidelidade é emocional, quem ama é fiel e mesmo uma virgem pode trair seu namorado, portanto, não.”

“Não. Por que seria? Amor e respeito são sinônimos de fidelidade.”

“Não. A virgindade não está acima de tudo, o respeito sim.”

Nesses termos, é compreensível que a fidelidade seja referida por nossas jovens a uma experiência interior de natureza peculiar:

“Fidelidade para com quem? Ser fiel é indispensável, mas sempre: ser fiel a você mesma “

“Não. Eu sou a favor da fidelidade aos próprios sentimentos. Por ex. eu estou com uma pessoa, eu não a trairei, não por ela, mas porque se eu ficasse com outro eu estaria traindo os meus sentimentos. Logo eu devo ser fiel ao que eu sinto. Logo me entregaria apenas ao homem que eu amasse e mesmo que depois eu venha a amar outro eu fui fiel ao que eu sinto e isto é o que eu considero importante.”

“Claro que não! Quando estamos junto de alguém que amamos, passamos a irrelevar o nosso passado amoroso e psicologicamente nos tornamos virgens a cada relacionamento, pois temos que vivenciar uma experiência nova.”

Assim, na sua percepção, sexo nada tem a ver com fidelidade. Fidelidade envolve compromisso ou é uma questão de caráter. É possível não ser virgem, mas ser fiel. Pode-se ser infiel com beijos, abraços, sentimentos, pensamentos, e também emocionalmente. Traição ocorre em outros planos. Não precisa transar para trair. Ou, então, como colocam várias de nossas moças, *“devo ser fiel a mim mesma”*, isto é, fiéis aos seus próprios sentimentos e às suas relações, no momento em que elas ocorrem.

Através do respeito e, sobretudo, do amor, a virgindade torna-se uma questão secundária, porque pelo amor o homem torna-se compreensivo e complacente. Esta concepção de amor coloca a mulher numa posição passiva. Cabe ao amor e ao homem em estado de amor o rompimento da imposição da virgindade para a mulher. Contudo, a passividade jamais poderia ser total. Cabe à mulher saber escolher o parceiro adequado. De acordo com a maioria de nossas entrevistadas, este deve principalmente ser inteligente, culto, amoroso, atraente e deve saber respeitar a mulher.

Por isso, como vimos, em relação à virgindade, algumas não a consideram importante ou necessária para conseguir encontrar um marido. Porém a maioria pretende ter relações sexuais quando tiverem uma relação amorosa estável com vistas à continuidade. Assim a maior parte delas pensa numa relação duradoura como condição para perder a virgindade, embora a grande maioria afirme não ser a virgindade importante para se conseguir encontrar um marido.

Percebe-se que, quando pensam genericamente a questão da virgindade, esta se coloca para elas como não importante. Uma imposição masculina, uma imposição da sociedade. Por outro lado, quando se colocam pessoalmente diante da questão, a tendência é resguardar-se para o casamento ou para uma relação amorosa duradoura. Se a relação de namoro contém em si o projeto de casamento, a moça na maior parte das vezes se permite admitir o desejo sexual. Caso contrário o nega. O desejo sexual submete-se à finalidade da relação amorosa, bem como a virgindade.

É desse modo que, para elas, a mulher se apropria do seu corpo. Esta apropriação é possibilitada pela crença geral por parte delas de que a mulher tem maior controle sobre seus desejos sexuais. A mulher continua, pois, sendo responsável pela ocorrência ou não do ato sexual, já que o homem teria pouco controle sobre seu desejo. O desejo masculino é compreendido como parte da natureza, enquanto que o feminino é submetido à regra da cultura. O homem é “naturalmente” sexualizado, o desejo sexual é intrínseco a ele, portanto cabe a ele ser passivo na decisão quanto à relação sexual, mas ativo na intenção.

Em contrapartida, à mulher cabe o papel ativo na decisão e passivo na intenção, ao subordinar desejo sexual e virgindade ao controle que é capaz de exercer, tendo em vista o projeto do casamento. Acaba, pois, sendo ela a responsável pelo ato sexual em si, para a maioria das entrevistadas. Controladora da sua sexualidade e, por complementariedade, da sexualidade de seu parceiro, pode ela determinar o curso de sua virgindade no interior da relação de namoro, embora veja a virgindade como imposição masculina e da sociedade. Assim, oculta de si mesma a defesa que faz da virgindade, a manipulação da sua própria sexualidade, tendo em vista a obtenção de um parceiro.

Como já foi assinalado, a quase totalidade das moças aprova a relação sexual antes do casamento, tanto para o homem quanto para a mulher. Devemos, porém, ter cuidado com este dado aparentemente liberal e nos perguntar qual é o seu real significado. Neste contexto, podemos perceber como este dado de fato reforça a concepção do projeto de casamento como meta, ou seja, a relação sexual é aprovada para homens e mulheres, desde que sejam ambos a enfrentar a perspectiva do casamento.

Para que o casamento dê certo, a maioria das moças acredita ser fundamental que o parceiro tenha o mesmo nível cultural que ela. Ter o parceiro estabilidade financeira ou encarregarem-se igualmente homem e mulher do sustento da família também são itens importantes. Contudo, para nossas moças, dividir o sustento do lar na metade dos casos só é desejável até que os filhos nasçam. A partir desse momento, caberá à mulher desligar-se do mercado de trabalho.

Como a maioria delas acredita que a maior vantagem em ser mulher é poder ser mãe, percebe-se reforçada a perspectiva de que trabalhar é atividade que não se coaduna com a maternidade. Portanto, o trabalho feminino pode contribuir para o sustento do lar, mas cabe efetivamente a responsabilidade plena ao trabalho masculino. Vemos, assim, que o parceiro a ser escolhido para a constituição da família deve saber respeitar a mulher também nesse sentido, não lhe impondo ou exigindo dela a dupla ou tripla jornada de trabalho. Em suma, aparentemente cabe a ela saber escolher o provedor financeiro, cabendo-lhe o papel de provedora afetiva e econômica nos gastos.

Já vimos que, quanto à sexualidade, havia um processo de naturalização do homem e de culturalização da mulher. Esta concepção se inverte quando do casamento. Na procriação, naturaliza-se a mulher em seu papel definidor, ao lhe

delegarem o “instinto maternal”; já ao homem será negada “a capacidade instintiva de ser pai”, a não ser como provedor econômico.

A corroborar esta afirmação, a maioria das moças coloca que seu futuro marido deverá ter profissão e empregos definidos, como condição para casar. A mesma exigência elas não fazem para si. Seu trabalho é pensado como acessório na composição da renda familiar, ainda quando afirmem, com relação às perspectivas de emancipação que a universidade oferece, que a mulher deve ser capaz de se sustentar com seu próprio trabalho. Tal aspecto se evidencia quando afirmam que o ideal para a mulher é trabalhar apenas meio período, após o nascimento dos filhos. Este ideal choca-se com a realidade do mercado de trabalho. Neste, as possibilidades de atuação já são restritas, quanto mais em atividades de meio período. Contudo, tal não parece ser a percepção dessas jovens, a se levar em conta a maioria de suas respostas.

Só uma pequena parte delas afirma a importância do retorno ao trabalho, ainda que em meio período, após o nascimento dos filhos. Isto contrasta com o fato de parte das mães dessas moças trabalharem, sendo seu trabalho valorizado apenas quando recebem remuneração. O trabalho em casa não é considerado. As jovens têm orgulho das mães quando estas são detentoras de um diploma universitário, mas não parecem associá-lo a uma formação que leva a uma carreira profissional, até mesmo porque, embora muitas dessas mães trabalhem, outras, ainda que com diploma, não exercem uma atividade remunerada.

Quando buscam refletir sobre a família que pretendem constituir, a maioria afirma que gostaria de construir relações plenas de diálogo, compreensão, confiança e respeito. Embora uma parte delas queira, no interior da futura família, um relacionamento diferente daquele que conhecem em sua família de origem, reproduzem indiretamente a estrutura da família na qual a maioria se insere no

momento, onde os papéis estão claramente definidos: mulher/ mãe, marido/ provedor. A figura masculina é, no imaginário das moças, praticamente excluída da família. O espaço doméstico parece não comportar o homem, dada a função que lhe é atribuída no contexto da manutenção econômica da família. Dessa perspectiva, a figura masculina é remetida ao seu papel de provedor e a seu espaço próprio: a rua.

Algumas das respostas mais significativas com relação ao modo como antevêm o dia de seu casamento evidenciam claramente esta condição. Seguramente, algumas poucas jovens dizem não imaginar esse dia, ou porque não pensaram nisso, ou porque não se interessam em casar, ou porque pretendem *“apenas juntar”* ou, mais realistas, *“apenas sair de casa”*. Mesmo as que dizem nunca ter pensado nisso referem-se a coisas como: *“acho que seria o mais natural possível”*

“É difícil descrever, pois nunca imaginei me casar.”

“Não pensei ainda sobre o assunto.”

“Não imagino e não o desejo.”

“Não penso em casar, apenas em morar junto.”

“Nunca pensei nisso, pois não penso por enquanto em casar. Só se encontrar alguém muito especial e que valha muito a pena.”

“Não imagino muito o dia do casamento. Está difícil arrumar um namorado, casamento...”

“Não me imagino casando. Pretendo ‘juntar’ apenas.”

“Não imaginei. Acho que vou casar apenas para sair da casa dos meus pais visto que eles ficariam extremamente chateados se eu saísse de casa sem casar.”

“Não imagino, mas quero casar. Acho que todos devem estar contentes (família)”

“Meu 1º casamento foi louco (loucura gostosa) ,mas eu não me imagino casando novamente. Porém não gosto de nada que seja convencional.”

“Eu não imagino, mas com certeza não seria nas igrejas tradicionais.”

Em vários casos deste tipo, o que predomina é a idéia de simplicidade.

“Não imagino muito. Só penso num casamento simples, mas tem que ter igreja e também uma festinha.”

“Com as pessoas que eu amo participando desse dia, nada de rituais e igrejas, talvez eu nem me case legalmente, apenas vou morar junto.”

“Não sonho com grandes festas e tal... queria que fosse simples (amigos próximos e família) um ambiente mais informal (sítio).”

“Na verdade não imagino muito. Mas talvez uma coisa bem simples com as pessoas que eu e meu namorado gostamos.”

Mas para a maioria absoluta de nossas moças, dada a natureza especial desse dia, toda pompa e circunstância será pouca.

“O dia mais importante da minha vida. Eu casando na igreja de branco, todos meus familiares e amigos, depois uma linda festa. Tudo perfeito.”

“Um lindo dia de sol, em um campo de gramado verde, muitas flores, muitos sorrisos, apenas pessoas amigas, eu casaria com roupas leves e coroa de flores, nada chique, apenas como um sonho.”

“Como eu sou muito sonhadora, imagino uma igreja sofisticada, com os pajens, padrinhos, decoração, música, da melhor forma possível. Simplesmente aquele casamento.”

“Sempre sonhei com um casamento conforme a tradição. Uma igreja linda, cheia, e eu com um vestido branco, lindo e uma música bem bonita de fundo, para completar uma festa perfeita.”

Assim, em resposta à questão **Como você imagina o dia do seu casamento?**, o parceiro desse grande dia poucas vezes está presente, a não ser como referência indireta, ou parte de um cenário perfeito. As respostas de nossas moças podem ser divididas em alguns grupos. Há **as que falam do dia:** *“maravilhoso, esplendoroso”, “um lindo dia de primavera” “um dia abençoado por Deus” , “um dia lindo maravilhoso”:*

“Um dia de muitas realizações ... Um dia muito feliz, num lugar simples, com poucas pessoas e muita paz.”

“Imagino que o dia do meu casamento fosse o dia mais especial da minha vida ! Todos os detalhes terão que estar perfeitos, roupa perfeita, tudo perfeito!!!”

“Um dia especial, na igreja, como manda a tradição.”

“Um dia sem muitos rituais, mas de muitos significados.”

“Inexplicável (só alegria e muita emoção).”

“Mágico, com muito amor e felicidade.”

“O melhor dia da minha vida, recheado de emoções e expectativas para um futuro bom e duradouro ao lado do meu marido.”

“Um dia que eu ficaria bem nervosa por uma decisão tão importante e gostaria de comemorar bastante com o homem que eu estivesse me casando.”

“Um dia de ansiedade aonde passaria a tarde toda num salão de beleza com muitos amigos ao meu redor.”

“Tudo perfeito, como o planejado.”

“Dia de felicidade, descobertas, prazer, festas, amigos.”

Há as que falam da festa, *“uma festa tropical”*, *“um festão”*:

“Um dia feliz de festa, não só para mim, mas para todos. O dia de uma união que dure e que seja sincera e feliz para sempre.”

“O lugar eu não sei, mas teria toda minha família e amigos, seria à noite, com uma enorme festa.”

“Uma festa maravilhosa depois de uma linda cerimônia na igreja.”

“Um dia lindo, uma festa maravilhosa, casamento na igreja cheia de amigos.”

“Um dia mais que especial, pois sonho muito em casar e ser feliz, ter filhos também. Não tenho certeza ainda se quero casar na igreja, mas quero fazer um festão.”

“O dia mais feliz da minha vida, com uma festa maravilhosa, e todas as pessoas que me amam ao meu redor me desejando felicidades.”

“Imagino um casamento na praia, sem muitas pessoas, apenas as famílias e alguns amigos. Não pretendo casar na igreja. Só no civil. Imagino uma festa tropical, um vestido de noiva simples e leve e todos os convidados se divertindo, sem toda aquela formalidade dos casamentos.”

“Seria o dia de uma grande realização, eu estaria radiante, plena, pois só me caso com plena certeza de ter escolhido o cara certo. Faria uma grande festa, gostaria de estar deslumbrante.”

“Não gostaria que fosse na igreja, casaria somente no civil, no entanto com uma grande festa, muito bonita e na qual estejam todas as pessoas que gosto.”

“Só amigos eu e ele e uma festa simples em uma praia.”

Há as que falam da cerimônia: *“casando numa chácara”*, *“casando na igreja”*, *“uma linda cerimônia”*:

“Um dia muito feliz, na igreja todas as pessoas que realmente querem minha felicidade.”

“O dia em que eu jurar na frente de muitas testemunhas o meu eterno amor.”

“É quase como um sonho, mas sempre me imagino num casamento religioso, embora não saiba com quem.”

“Civil, religioso e festa.”

“Um coral cantando, a Marcha Nupcial tocando, flores, muitas flores vermelhas e brancas, e eu vou estar feliz.”

“Com todos os parentes e amigos numa grande festa e a cerimônia numa linda igreja católica, com um coral de mulheres de vozes finas cantando Ave Maria.”

“Acredito ser este um dia único, especial, em que realiza-se um sonho meu feminino, sustentado desde a infância. Desejo que seja perfeito, com as cerimônias civil e religiosa simultâneas; o homem que eu amo (e me ama !) me aguardando, efetivando o momento em que oficializar-se-ia nossa união e iniciar-se-ia nossa eterna felicidade...”

“Lindo, meu noivo me esperando no altar da igreja, maravilhoso, eu entrando, olhando para ele, completamente emocionada.”

Há as que falam do vestido de noiva: *“um vestido branco com véu e grinalda”*, *“um lindo vestido branco”*

“Uma coisa mágica, todos os meus parentes presentes, minha alegria, vestido branco com um véu bem grande.”

“Lindo e maravilhoso, perfeito e com muito amor, na igreja de branco, véu e grinalda.”

“Eu e meu marido, lindos e super sorridentes, casando ao ar livre. Eu quero estar de vestido branco maravilhoso e tradicional (grande) e imagino esse dia como um dos mais felizes de nossas vidas.”

“Eu quero ter um casamento bem tradicional, com direito a tudo. Casar de branco, entrar na Igreja com a Marcha Nupcial, e tudo mais. Mas principalmente quero ter um noivo que eu ame e que me respeite.”

“Casando de branco numa chácara.”

Há as que falam dos convidados: *“cerimônia cheia de pessoas que eu gosto”, “junto às pessoas que me amam”:*

“Assim como foi o meu, com todas as pessoas que amo, inclusive o marido.”

“Imagino um dia alegre, que eu possa desfrutar, juntamente com o meu marido, da maneira que os dois desejam, cercados de familiares e amigos.”

“Um dia maravilhoso, com todas as pessoas que eu gosto presente. Não sei descrever.”

“Uma festa simples para amigos íntimos e pais e um padre celebrando o matrimônio.”

“Um dia lindo, que todos meus amigos e familiares estejam lá e que ocorra tudo conforme o planejado.”

“Perfeito. Imagino um dia lindo, e todas as pessoas que eu amo estarão lá. Será com a pessoa que eu amarei e que me amará. Será na igreja e no civil. Será um dia muito feliz.”

“O melhor dia da minha vida, onde irei travar laços com a pessoa que amo. Será um dia belo, se possível ao ar livre, com muitas pessoas torcendo pela minha felicidade.”

“Um dia de sol, na primavera, com minha família, a família do meu futuro marido e com meus amigos todos reunidos em uma chácara, ao ar livre, sem casamento religioso, só civil.”

“Eu imagino um dia lindo e feliz, com nossas famílias à nossa volta em uma cerimônia simples e discreta.”

“Uma comemoração simples, com minha família e os amigos mais próximos.”

Há enfim **as que incluem o futuro marido** como figura central do grande dia: *“uma pessoa que eu ame de verdade”, “a pessoa que eu escolhi para ser o pai dos meus filhos”, “dia de expectativa para um futuro bom ao lado dele”.*

“Um dia lindo onde meu grande sonho estaria se realizando com a pessoa que eu amo e que eu escolhi para ser o pai dos meus filhos me esperando no altar, um momento mágico e eterno.”

“Espero que seja um dia muito especial, com uma pessoa que eu ame de verdade.”

“Maravilhoso. É o sonho da minha vida: casar e ter filhos. Apenas imagino que seja com um homem que eu ame e que ele me ame também. “

“Um dia que já estarei completamente estável na profissão quanto no relacionamento.”

“Um dia em que passarei a viver (morar) com a pessoa que amo. Nada muito ‘pomposo’“.

Ou seja, a moça fala dela, do vestido de noiva, da cerimônia, do dia, da festa, dos convidados ou, como elas dizem, *“tudo a que tenho direito“*. O noivo e futuro marido é o que menos se menciona. Qual o significado dessa “ausência”?

Este percurso aqui relatado através das respostas de nossas jovens, evidencia os valores que compõem o universo de referência destas meninas. Um universo por certo contraditório em muitos sentidos. Há uma discrepância entre o que dizem sobre a sexualidade e as informações por elas recebidas. Pouquíssimas falam sobre a realização profissional como parte de seus planos de futuro, quando se trata de pensar a sua realização pessoal como envolvendo a família e o casamento. Percebemos, com relação à imagem que têm de si

mesmas enquanto mulheres e de seu futuro no casamento, um conjunto de valores que podem ser considerados dos mais tradicionais possíveis. Como isto se projeta na trajetória de vida que antecipam para si mesmas no futuro, uma vez que estão numa universidade, em busca de uma formação que presumivelmente deveria proporcionar-lhe alguma realização pessoal no campo profissional, como elas próprias enfaticamente declaram?

Talvez o fulcro dessas contradições seja melhor esclarecido se lembrarmos o papel central que as nossas jovens atribuem ao “dom” da maternidade, considerado a principal vantagem de ser mulher, e que as leva também a subordinar o trabalho remunerado a uma tarefa anterior e mais importante, a geração e criação dos filhos. Marina Maluf e Mariza Romero², ao discutirem “a sublime virtude de ser mãe”, recolocam esses valores em seu contexto histórico e analisam os seus desdobramentos entre finais do século XIX e início do século XX, com o surgimento do discurso higienista.

A valorização da esfera privada das atividades do homem, como se sabe, associa-se de perto à emergência da modernidade e à valorização do indivíduo como centro da vida social. Caminhando lado a lado com a ética protestante e o espírito do capitalismo, como demonstrou Max Weber³, essa valorização do indivíduo nem por isso deu lugar, de forma imediata, a um novo valor da esfera privada de suas atividades no plano da vida doméstica e familiar. Ao contrário, Richard Sennett⁴ mostra como essa valorização social de uma nova subjetividade do indivíduo, correspondente a uma interiorização do valor de sua livre iniciativa no campo econômico, é um processo lento a que o século XVIII irá assistir, confirmando o gradativo “declínio do homem público”. Só no final do século, e ao

² Maluf & Romero, A sublime virtude de ser mãe. Revista *Corpo & cultura*. Projeto História, no. 25.

³ Max Weber. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, Livraria Pioneira, 1989.

longo de todo o XIX, uma nova sensibilidade romântica irá adornar a vida doméstica de qualidades excepcionais, atribuindo à mulher, em sua condição de “rainha do lar”, o papel de guardiã das virtudes sociais, com base nas virtudes afetivas e sentimentais que só ela seria capaz de inculcar nos homens, no processo de sua educação.

São as transformações desse complexo ideológico que Maluf e Romero retomam, a partir do momento em que a ele se sobrepõe o discurso higienista que surge no final do século XIX e se estende com grande vigor pelas primeiras décadas do século XX. Na Europa, num momento de reorganização da vida social em função da expansão e consolidação da Revolução Industrial, quando imensos contingentes camponeses começam a ocupar as cidades, o discurso higienista se associa aos projetos urbanísticos que reformulam o traçado urbano das cidades, tendo em vista garantir a produtividade do trabalho dos novos operários urbanos e, ao mesmo tempo, as condições de salubridade da vida na cidade, postas em risco pela excessiva concentração populacional.

No Brasil, essas questões irão ainda se complicar pelo fato de que, em fins do Império e início da República, o domínio de uma ciência evolucionista parecia demonstrar a inviabilidade da construção de uma nação saudável, tendo em vista a degenerescência patológica a que poderia estar condenada a população brasileira pela mistura racial que fora se dando ao longo dos séculos no país.

Assim, em nome da idéia de nação, do valor do trabalho e da saúde pública, nas cidades brasileiras, tal como na Europa, procede-se a grandes reformas urbanas, ao mesmo tempo em que o discurso e as práticas médicas higienistas se difundem por toda parte, com o objetivo, segundo definem Maluf &

⁴ Richard Sennett. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

Romero, de promover uma profilaxia social e mental da população através da limpeza e da retidão moral. Ignorando a sabedoria e as práticas antigas do povo, o discurso médico torna-se um saber único, com legislação sobre toda a vida social.

É nesse momento que a figura da mulher se revela como fundamental. A família depende da mãe, a quem cabe o cuidado da casa e das crianças. E já que desempenha essas tarefas, compete-lhe gerar e criar filhos saudáveis e moralmente adequados. Nos anos 30, o discurso racialista do Estado, próximo às preocupações eugenistas então vigentes na Europa, tornará essa obrigação da mulher um dever patriótico. Deste modo, caberá ao médico orientar esta mãe para preparar o futuro cidadão, e quem não confiasse no seu saber deveria ser considerado culpado pela morte dos próprios filhos.

Assim, como afirmam Maluf & Romero, “a maternidade transcende o biológico para ganhar uma aura gratificante. Mulher, esposa e mãe tornam-se identidades sobrepostas no discurso médico e a imagem da mulher negligente e descuidada é construída no verso da mãe e esposa ideais”⁵. É desta maneira que “se tornam fundamento da natureza feminina as obrigações impostas para ser mãe e esposa”⁶.

Retornando aos dados de nossa pesquisa à luz dessas considerações, podemos avaliá-los de uma outra perspectiva. Se algo chega a surpreender não é a contradição detectada no discurso de nossas jovens entre ideais que pareceriam indicar a visão de uma “nova forma de ser mulher” e os valores tradicionalmente associados à mulher e à família que esse mesmo discurso evidencia. O que é verdadeiramente surpreendente é o modo como, na sociedade de consumo, os veículos de comunicação de massa, a exemplo das revistas femininas lidas por

⁵ Maluf & Romero, *op. cit.*, pg. 234.

⁶ *Idem, ibidem.*

nossas jovens, foram capazes de se apropriar do discurso e das reivindicações do movimento feminista dos anos 70, que punham em pauta a imagem da “nova mulher”, sem renunciar por isso a um discurso muito mais antigo e poderoso, já inscrito no imaginário feminino, sobre a “sublime virtude de ser mãe”.

São esses discursos veiculados na mídia impressa e televisiva que fornecem às nossas jovens os modelos femininos por elas valorizados, juntamente com o estilo de vida de suas famílias de origem de classe média, que elas incorporam como referenciais para a construção de sua auto-imagem como mulheres e seus projetos de realização pessoal. Ao nível das representações, sem a experiência concreta sobre as situações que vivem no plano da imaginação e da fantasia mais que da realidade, nossas moças estão longe de perceber as contradições de seu discurso, que talvez um dia o curso futuro de sua vida venha a lhes revelar.

Capítulo V – O projeto de vida

Acompanhamos até aqui as expectativas de nossas jovens sobre o curso universitário no qual ingressaram, bem como a trajetória de construção da auto-imagem dessas moças universitárias de classe média, tentando compreender a importância do lugar ocupado pela profissão, bem como pelo casamento e a família, na visão que têm de si mesmas enquanto mulheres e o valor que lhes atribuem em suas expectativas de realização pessoal. Como essas moças conciliam em seu projeto de vida essa auto-imagem e seus ideais de realização pessoal com a carreira para a qual dizem estar sendo preparadas pelo curso universitário que freqüentam? Explorando mais diretamente a questão de sua escolha profissional, será preciso avaliar agora o que ela representa em seu projeto de vida para o futuro. Para isso será necessário colocar em confronto as exigências da carreira por elas escolhida e suas expectativas em relação à vida pessoal e familiar, para averiguar em que medida esses dois universos de valores se conciliam ou são contraditórios.

Nem toda carreira para a qual a Universidade forma seus alunos exige para o seu exercício futuro o mesmo grau de compromisso profissional nem a mesma dedicação em seu processo de formação até a obtenção do almejado diploma. Alguns cursos da PUC-SP, como Psicologia, Fonoaudiologia e Medicina, exigem de seus alunos dedicação em tempo integral aos estudos. Também o curso de Enfermagem já foi há algum tempo ministrado em período integral. Só o custo, considerado excessivo pelos alunos, fez com que diminuísse o número de matrículas nessa área, de tal sorte que Enfermagem deixasse de ser oferecida

como um curso integral. Haveria por parte dos alunos que freqüentam esses cursos alguma diferença com relação às suas expectativas profissionais, quando comparados a outros que não têm que se dedicar com igual empenho aos estudos?

Será necessário explorar em maior profundidade, através da análise comparativa, as carreiras escolhidas por nossas jovens e os diferentes graus de compromisso futuro que elas envolvem, para tentar perceber em que medida a carreira profissional para a qual se preparam constitui ou não, para essas jovens, um elemento importante no seu ideal de realização pessoal. Por serem cursos que habilitam ao exercício de uma profissão numa mesma área, a Saúde, Medicina e Enfermagem podem nos fornecer um bom quadro de referência para esse exercício comparativo. Procuraremos assim distinguir carreiras como a Medicina, que exige desde já dedicação integral aos estudos, Enfermagem, que pressupõe um compromisso não menos árduo com a carreira no futuro, mas um tempo menor voltado ao estudo no presente, e as demais carreiras escolhidas pelas jovens que foram objeto de nossa pesquisa. Haveria entre elas alguma diferença significativa no que diz respeito às expectativas de poderem conciliar vida pessoal e profissional?

Começemos por identificar nossas jovens alunas. Vamos dar uma volta pela PUC-SP. No campus Monte Alegre encontramos as meninas dos cursos de Ciências Sociais, História, Geografia, Relações Internacionais, Turismo, Administração, Economia, Ciências Contábeis, Ciências Atuarias, Direito, Serviço Social, Pedagogia, Fonoaudiologia e Psicologia, entre as quais realizamos nossa pesquisa. Continuamos nosso percurso e chegamos ao campus de Sorocaba, onde vamos encontrar as jovens que freqüentam o Centro de Ciências Médicas e Biológicas. Quem são essas moças, alunas dos cursos de Medicina e

Enfermagem? Ao procurarmos identificá-las, nada as distingue, em termos de seu background social, das demais jovens do campus Monte Alegre.

Nossas jovens são brancas, brasileiras, solteiras, 19 anos de idade, e não trabalham, sendo sustentadas pelos pais. Recebem mesada e a utilizam para o pagamento de suas despesas domésticas. Das alunas de Medicina, três são da capital e três do interior de São Paulo, e todas elas moram em repúblicas. As meninas que estudam Enfermagem são originárias do interior e moram com a família no entorno de Sorocaba.

As famílias de todas elas têm bom poder aquisitivo, variando sua renda média mensal entre 25 salários mínimos, para os pais das alunas da Medicina, e de 15 a 20, no caso dos pais das meninas da Enfermagem. São famílias nucleares, compostas por pai, mãe e no máximo dois filhos, que residem em casas próprias. Ali nossas jovens encontram todos os equipamentos eletrônicos e eletrodomésticos que as famílias de classe média consideram necessários. Apenas no caso de duas alunas da Enfermagem, os pais, com os quais elas vivem, moram em casa alugada e emprestada, respectivamente.

Na Medicina, as meninas se declaram pertencentes à classe média alta e média média, enquanto as alunas da Enfermagem se vêem como incluídas na classe média média. Todas são filhas de pais universitários com profissões variadas e que estão na faixa de 40 a 50 anos. Nossas moças freqüentam os cinemas e teatros locais e eventualmente os de São Paulo. Não são filiadas a partidos políticos, sendo no máximo simpatizantes do PT, mas todas freqüentam clubes da cidade que têm atividades desportivas, inclusive a Atlética do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina.

Entre seus hábitos de lazer, como para as jovens do campus Monte Alegre, a leitura não ocupa um lugar de destaque. Referem-se a livros técnicos quando indagadas sobre o que lêem, tendo sido os livros indicados para o vestibular os últimos lidos. Apenas duas meninas do curso de Enfermagem comentam a leitura de crônicas de Rachel de Queirós e do livro *A filha da fortuna*. Entretanto, todas ouvem rádio, vão a bares e danceterias, além de freqüentarem cinema e teatro. Com suas mesadas custeiam as despesas de casa e compram roupas, acessórios, bijuterias e produtos de higiene pessoal, sustentando igualmente suas atividades de lazer.

Também elas, como as moças paulistanas, lêem revistas femininas, destacando-se *Contigo*, *Boa Forma* e *Caras*. Apenas uma aluna de Medicina lê a *National Geographic*, *Terra* e *Veja*. Seus pais, ao contrário, compram outras revistas, *Veja*, *Isto é*, *Super Interessante*, ou publicações sobre vinhos e sobre decoração. As alunas afirmam folhear estas revistas, interessadas sobretudo em artigos sobre corpo, regime, moda, forma física e saúde. Apenas uma jovem do curso de Enfermagem declara que “*lê assuntos culturais*”.

Assistem a poucos programas de televisão, e quando o fazem, estes se dividem principalmente entre os femininos e telejornais. Quando se referem ao seu interesse por assuntos ligados à saúde veiculados nestes programas, estão pensando em entrevistas com médicos, ou seja, seus iguais, no caso das alunas de Medicina. As mães destas nossas jovens que assistem programas de TV são as das alunas da Enfermagem, tendo preferência pelos femininos.

Nós nos indagávamos, nesta pesquisa, sobre o modelo de mulher veiculado pela mídia voltada para um público feminino. Perguntadas sobre o conteúdo veiculado pelas propagandas dos meios de comunicação de massa, nossas jovens, tanto alunas da Medicina quanto da Enfermagem, afirmam que estes

ênfatizam que *existe uma nova forma de ser mulher; ser mulher é ser esposa; ser mulher é ir à luta e conquistar seu espaço.*

Como, pois, essas nossas jovens, tão semelhantes às que freqüentam o campus Monte Alegre, chegaram a escolher os cursos que freqüentam e as carreiras para as quais estão sendo preparadas? Entre as razões por elas apontadas para a escolha de cursar uma universidade, podem-se destacar estas, indicadas pelas alunas de Medicina:

“Hoje ter curso universitário é essencial, além do que eu gosto e sempre me interessei pelo curso que escolhi.”

“É a única maneira de aprender sobre a profissão e se preparar psicologicamente e culturalmente para entrar no mercado de trabalho. Na universidade fazemos nossos amigos e contatos profissionais”.

“Dar seqüência à minha vida, ser capaz de trabalhar mais ativamente na sociedade, adquirir conhecimento e exercer.”

“Para ganhar meu sustento e ser satisfeita profissionalmente “

“Ter uma boa profissão para me manter no futuro.”

Por sua vez, as alunas de Enfermagem afirmam que decidiram cursar a universidade por diversas razões:

“Porque quero preparar meu futuro para poder ter uma profissão, trabalhando e lutando pelos meus objetivos.”

“A vontade de me realizar profissionalmente e a independência que se conquista de um bom emprego”.

“O sonho de me formar e de continuar a minha vida ao lado de um companheiro sem depender financeiramente dos meus pais e dele.”

“Ter uma independência financeira após formada, vontade de estudar, realização profissional.”

“A exigência das empresas e o interesse em ter uma profissão e aprender sempre mais.”

Da mesma forma, escolheram o curso que estão freqüentando por razões que não são aleatórias. Dizem as estudantes de Medicina:

“É o mais adequado para as minhas habilidades, além de me satisfazer.”

“Medicina é um sonho de criança... Sempre achei linda a profissão médica.”

“Porque, além de me identificar muito com a medicina, queria uma profissão que lidasse diretamente com o ser humano, ajudando-o.”

“Aptidão, proximidade direta com outras pessoas, poder de ajudar quem precisa, independentemente da raça, religião e nível social, por ser uma profissão dinâmica.”

“Porque eu me identifiquei com a profissão.”

Já as alunas de Enfermagem afirmam que escolheram o curso:

“Pelo fato de lidar com as pessoas, podendo ajudá-las e me sentindo útil.”

“Porque a área de saúde me apaixona cada dia mais, o poder de lidar com o corpo humano é maravilhoso, e saber que estarei fazendo o bem para outros é gratificante.”

“Porque eu gosto muito de cuidar das pessoas, dar atenção a elas, e sempre me interessei pelo corpo humano e pelas doenças que o agredem.”

“Sempre me identifiquei com a área de saúde, tenho muita vontade de ajudar as pessoas e participar da vida delas contribuindo para a sua recuperação.”

“Porque é o que eu gosto e pretendo ajudar a desenvolver a saúde quanto a atendimento e respeito ao próximo na minha cidade.”

Dada a natureza destas escolhas, conscientes e claras, nossas jovens só poderiam ser incentivadas a cursar a universidade por seus pais e amigos, e de fato o foram. A única a enfrentar alguma restrição foi uma aluna da Medicina, cuja mãe achava o curso muito árduo. Todas elas pretendem exercer a profissão ao terminar os estudos e imaginam que poderão conseguir emprego primeiramente como estagiárias, e depois trabalhando em empresa pública ou particular. Como última alternativa colocam a possibilidade de trabalharem como autônomas.

A profissionalização está, portanto, incluída de maneira inegável em seu projeto de vida para o futuro. Ademais, consideram sua profissão como não rotineira, necessária, agradável, fundamental, desejável e divertida. Assim, a importância que tem para elas enquanto mulheres a universidade na qual estudam é grande, e por diversas razões:

“Torna [a mulher] capaz, habilitada a exercer uma profissão e ser tão bem sucedida quanto o homem”.

“É apenas uma ferramenta para uma realização, para que ela possa atingir a felicidade trabalhando naquilo que ela realmente gosta e faz bem.”

“É importante para adquirir cultura e ter um ofício que lhe torne útil para a sociedade e para si mesma. Expansão de horizontes, forma de conhecer pessoas, amadurecer, administrar seu próprio dinheiro e horário.”

“A mesma que na vida do homem. É mais uma oportunidade na sociedade”.

“Fazer com que ela se sinta emancipada, liberdade da dependência masculina, e também para a realização pessoal e financeira.”

“Independência financeira, pois assim não necessita depender do marido ou de qualquer outra pessoa para o próprio sustento.”

“É uma grande conquista, faz parte do processo de independência”.

“Proporcionar a construção de um futuro melhor.”

Nessas circunstâncias, caberia perguntar como essas jovens, que demonstram um grande compromisso com sua carreira profissional, pretendem conciliá-la com seu sonho de realização pessoal, e em que medida o casamento ou a maternidade são por elas percebidos como um entrave ao seu desenvolvimento profissional, ou se, ao contrário, a própria carreira poderia ser vista como um entrave ao seu projeto de vida e de realização pessoal, na medida em que se mostrasse incompatível com o matrimônio, a vida doméstica e a criação dos filhos.

Começamos por perguntar como estas jovens entendem o que significa “ser mulher”. Eis o que nos dizem as jovens que cursam Medicina:

“Aquela considerada biologicamente como tal. É ser alguém pensante, capaz de ter ambições, vontade e oportunidade de trabalho no que quiser, sempre tendo em mente que ela é responsável por tomar conta da família.”

“É ser a maioria da população, ser uma figura forte e capaz de causar as reações mais diversas possíveis.”

“Ser mulher para mim é ser frágil, delicada, meiga, mas também ter fibra, coragem de ser forte e, como qualquer ser humano, saber ser racional e emocional”.

“Ser mulher é ter sensibilidade, charme e beleza, aliados a uma pessoa firme e com opiniões próprias, que é capaz de ser independente de um homem.”

“É ser feminina, valorosa, batalhadora, sonhadora, conquistadora.”

“Nunca pensei em ser mulher como se fosse etnia diferente.”

Já as moças que são alunas de Enfermagem afirmam:

“Ser mulher é ser digna, respeitadora, é ser mãe, esposa, dona de casa, trabalhadora, tudo ao mesmo tempo”.

“É ser responsável, é ser amorosa, é ser mãe principalmente, é ser adulta o suficiente.”

“É o dom de ser mãe.”

“É ser otimista, confiante, e estar sempre pronta a ajudar os outros.”

“É ser feminina, companheira, e o melhor, poder ser mãe – é a coisa mais maravilhosa que alguém pode ser.”

“Traçar um objetivo e segui-lo, independente das dificuldades e preconceitos, ser feminina, delicada. Ser mulher é ter inúmeras vantagens e saber como usá-las.”

“É ser independente, saber administrar uma casa, uma família, e ao mesmo tempo ser uma profissional, e para isso não precisa pisar em ninguém.”

“Ser mulher para mim é nunca perder a auto-estima, a vontade de viver, se amar e se achar sempre linda, não se importando com opiniões alheias.”

“É ser mãe, amiga, conselheira, feminina, delicada, mas forte e determinada.”

“Ser mulher é um dom, é ser madre, desenvolvendo o dom da maternidade.”

“Ser mulher é ser forte e lutadora, inteligente e realizada.”

“Ter o fator de ser mãe.”

Nisso não diferem essencialmente nossas jovens da Medicina e da Enfermagem das meninas dos demais cursos do campus Monte Alegre. Ao responder a essa questão, talvez as moças que serão as futuras enfermeiras

ênfatizem um pouco mais, ou de maneira mais clara, a maternidade e o cuidado da família como características que definem o que é ser mulher. E talvez as estudantes de Medicina afirmem de modo um pouco mais enfático a independência feminina, a capacidade da mulher de comportar-se de maneira autônoma e o empenho em conquistar uma posição profissional num mundo masculino. Mas tanto umas como outras continuam a afirmar a mescla de emoção e razão, firmeza, coragem e delicadeza, como próprias da mulher, e nenhuma esquece de apontar a capacidade feminina de conciliar o espírito batalhador e a realização profissional com a maternidade e a responsabilidade pela família. Assim, nossas jovens alunas de ambos os cursos parecem indicar a crença de que de fato é possível conciliar realização pessoal e profissional num projeto de vida futuro. Seriam elas um exemplo da “nova maneira de ser mulher”? Para afirmá-lo, será preciso examinar mais de perto seus valores acerca do casamento e do relacionamento entre os sexos, quando comparados aos das demais jovens da PUC-SP que examinamos em conjunto até aqui.

Contudo, mais uma vez, as diferenças não se revelam significativas. Tal como as jovens estudantes paulistanas, nossas moças de Sorocaba obtiveram informações sobre sexualidade através de programas de televisão, com a mãe e a família, na escola, junto aos amigos ou em livros científicos e revistas femininas. Naturalmente conhecem os anticoncepcionais e mencionam pílula, camisinha, diu, diafragma e, além destes, as alunas de Enfermagem citam também espermicidas, vasectomia e laqueadura. Conversam com as mães e amigas sobre sexualidade. Namoraram em média dois rapazes e não se relacionam com mais de um ao mesmo tempo. Não foram vítimas de agressão sexual. São contrárias ao aborto e afirmam que não interromperiam uma gravidez, estando ou não casadas.

Também como a maioria das nossas demais jovens, elas afirmam só ter vontade de ter relações sexuais quando namoram a sério, embora aprovem

relações antes do casamento para ambos os sexos e as desaprovem após o casamento. Seus amigos partilham o mesmo ponto de vista. E estão convencidas de que a mulher tem mais controle sobre sua sexualidade que o homem. Embora não sendo casadas, já tiveram diversas experiências de relações de intimidade com seus parceiros, desde andar de mãos dadas, abraços, beijos até manipulação recíproca de órgãos genitais. Além disso, duas dessas meninas afirmam terem praticado sexo vaginal e, três, sexo oral. Mesmo assim, afirmam sentirem-se constrangidas com pedidos dos parceiros que impliquem intimidades que ultrapassem seus limites .

“Exponho meus medos e limitações de uma forma delicada para não magoar o parceiro, não me deixar intimidar e não acabar com o clima“.

“Me nego e peço por ”favor” para não me pressionar e não me forçar a terminar o relacionamento “.

O que pensam de fato essas jovens acostumadas a lidar com o corpo humano de uma perspectiva técnica e científica acerca de temas como a sexualidade e a virgindade? Por exemplo, como definiriam a diferença entre uma mulher virgem e uma que não é virgem? Para as alunas de Medicina, a resposta parece óbvia: só é possível saber se perguntarmos ou se for feito um exame ginecológico. Já as meninas da Enfermagem se referem a uma diferença sutil, não da ordem da natureza, mas da cultura, apontando para a dimensão simbólica que envolve a idéia de virgindade:

“A virgindade tem o significado da pureza e abrange diversas situações, não somente a sexual. A mulher virgem pode ser tanto aquela que nunca teve relações sexuais como aquela que nunca teve relações de qualquer tipo”.

Também a maneira como relatam a percepção de seus amigos e amigas ou de seus namorados sobre mulheres virgens e não virgens é significativa, pois denotam valores que elas próprias compartilham. Assim, por exemplo, referindo-se ao que pensam seus namorados sobre mulheres que já deixaram de ser virgens, elas fazem afirmações como as seguintes:

“Meu namorado me valorizou muito por isso (ser virgem).”

“Que elas provavelmente perderam a virgindade com quem elas consideravam o cara certo e por alguma eventualidade da vida não ficaram juntos.”

“Meu namorado não recrimina, pois todos têm o direito de errar caso se arrependam (de deixarem de ser virgens). O momento presente é que importa e é preciso pensar antes de fazer qualquer coisa.”

Já a percepção mais liberal de suas amigas sobre o mesmo assunto põe em relevo o modo mais conservador com que elas o encaram:

“Achar que perder a virgindade depende unicamente da garota. Se ela achar que está na hora certa e surge o cara certo, bom para a garota.”

“Para minhas amigas é normal ser “não virgem”; para elas eu sou anormal. Mas eu nem ligo!”

“Para elas é normal, experiência sexual é normal e bom, desde que não se troque de parceiro constantemente e que isso não acarrete em gravidez por irresponsabilidade de ambos os dois”.

Ao se referirem à percepção dos homens sobre as mulheres que não são virgens, elas expõem também os valores contraditórios com que eles as avaliam:

“Não há diferenças entre virgens e não virgens.”

“Elas ainda não encontraram o homem certo.”

“Elas querem casar tanto quanto as virgens.”

“Elas querem as mesmas liberdades que os homens.”

“Elas batalham para ter liberdade sexual.”

“Elas dariam boas mães.”

Em que circunstâncias nossas jovens estudantes de Medicina e Enfermagem que ainda são virgens se disporiam a perder sua virgindade ou até quando pretendem manter-se nessa condição?

“Até encontrar o ‘meu homem’ ideal que me ame e que eu ame também.”

“Gostaria de continuar virgem até encontrar um homem que me dê a certeza do seu amor e fidelidade. Provavelmente esse homem será muito especial, com o qual vou me casar.”

Por isso mesmo nossas moças julgam que a existência concomitante de amor, paixão e atração é fundamental para que o casamento ocorra, e que o amor, bem como a fidelidade masculina e feminina, são fundamentais para que ele dê certo. A isso as alunas da Medicina acrescentam que é necessário que ambos os parceiros tenham o mesmo nível cultural, e as da Enfermagem que sejam ambos de mesmo nível cultural e econômico. Suas famílias não fazem questão do casamento, ou gostariam que elas se casassem depois de formadas, com alguém também já formado, de mesma escolaridade e/ou nível econômico. Mas, tal como nossas demais jovens, também elas afirmam querer casar, no civil e no religioso, sonhando com o dia do seu casamento com tudo aquilo a que têm direito:

“Bem, como toda mulher eu quero que seja lindo!. Quero estar linda e quero que seja uma linda cerimônia. Um dia especial para mim e para meu futuro esposo. “

“Me imagino casando de noite, numa igreja pequena, apenas com parentes e amigos próximos. Uma cerimônia tradicional. Meu marido de terno preto, eu de vestido branco. Depois uma festa maravilhosa que dure a madrugada toda.. Depois, eu e meu marido vamos para a nossa casa montada por nós mesmos.”

“O dia em que eu jurar na frente de muitas testemunhas o meu eterno amor. Será um dia que compartilhará muita felicidade e transmitirei bons fluidos para as pessoas queridas.”

“Um dia muito especial, com muito amor, carinho e festa. Quero um casamento no ‘campo’, ao ar livre, com poucas pessoas.”

“Um dia abençoado por Deus, um novo passo, portas abertas para a felicidade e nova etapa da vida onde dois se tornam um”.

“Imagino com uma igreja cheia de convidados e muita enfeitada, eu com um vestido lindo branco, e as músicas de minha escolha, meu marido lindo, com um terno branco, me esperando no altar, depois uma festa imensa em uma chácara.”

Este dia do casamento terá de ser maravilhoso porque para estas jovens casar-se é algo muito sério e importante.

“[É] encontrar uma pessoa que você ame verdadeiramente e ela a você a ponto de vocês virem a ter necessidade de estar com esta pessoa todo o tempo (dormir juntos, acordar juntos)”.

“É permitir que alguém possa me conhecer como realmente sou. É amar tanto ou mais que poderia dividir tudo o que sou e sonho com ele. “

“Dividir sua vida e entrar na vida de outra pessoa que seja companheira.”

“Um relacionamento que se tornou maduro e já pode se eternizar pelo casamento. Casamento é respeito, cumplicidade, amizade, sexo e amor, além de parceria para passar pelas brigas e dificuldades.”

“Um sonho de vida passado por todas as gerações da minha família. É ter um lar e uma ou mais pessoas te esperando voltar no final do dia”.

“Estar em união completa. Unir as dificuldades, os prazeres, as alegrias, as tristezas, as decepções, enfim, ser um casal unido para vencer os obstáculos da vida.”

“Unir-se a uma pessoa para sempre, vivendo juntos e cuidando ambos dos filhos também é uma maneira de se realizar.”

“Selar um compromisso para o resto da vida, ou pelo menos até quando o amor durar.”

É natural, portanto, que nossas meninas avaliem o divórcio de uma perspectiva negativa, ou pelo menos melancólica:

“Triste. O verdadeiro amor deveria durar para sempre. Não entendo como duas pessoas deixam de se entender de tal maneira que não consigam mais viver juntas.”

“Necessário algumas vezes. É triste terminar uma vida juntos, mas é melhor quando não anda muito bem o relacionamento.”.

“Só acontece quando o amor acaba e não por pequenos obstáculos que aparecem”.

Por isso também essas moças, de quem talvez se esperaria uma atitude distanciada com relação aos fenômenos do corpo humano, no entanto se declaram contrárias ao aborto. Não o tendo praticado e posicionando-se contra sua prática, no entanto já acompanharam amigas que tiveram que recorrer a ele:

“Eu jamais praticaria um aborto, pois é um desrespeito à vida humana. Gostaria que meu namorado me apoiasse a levar adiante a gravidez.”

“A impressão foi muito ruim, me causou mágoa e pena, da mãe, pela frieza e irresponsabilidade, e do bebê, por ser fruto de um ato inconseqüente e pagar com sua própria vida.”

“Fiquei triste pela perda de uma vida. Gostaria que ela tivesse aprendido a se cuidar de uma forma menos traumática. Isto mostra que não é por faltar informação e sim consciência que as coisas acontecem”.

“Foi péssimo! Me causou repulsa aquela atitude. Na hora do calor com o carinho, ela não pensou em nada, apenas nela. Então que agüente as conseqüências”.

Corroborando sua posição, elas também afirmam que, caso tivessem que se submeter a um aborto, gostariam que seus parceiros ajudassem, apoiando-as, mas de uma maneira bem particular:

“Gostaria que ele tentasse me mostrar que eu estava matando um pedaço nosso, e o quanto isso é errado.”

“Gostaria que ele me apoiasse. Assim talvez eu desistisse do aborto.”

Tudo isso evidencia, a exemplo do que já fora encontrado entre as jovens do campus Monte Alegre, o quanto o casamento e a maternidade são importantes também para nossas estudantes de Medicina e Enfermagem de Sorocaba, como elemento essencial de seu projeto de vida e em termos do significado que para elas teria essa dimensão de sua realização pessoal. Seria acaso possível conciliá-las com a carreira profissional, na qual nossas jovens parecem investir desde já e para o futuro um considerável esforço?

Praticamente todas as jovens que foram objeto desta pesquisa afirmam que pretendem no futuro exercer a carreira para a qual estão sendo formadas na universidade. Em que circunstâncias se disporiam a abrir mão dela, abandonando-a em benefício de outra atividade? Quando esta atividade fosse mais criativa, ou

melhor remunerada, ainda que distante de sua formação? Permaneceriam exercendo sua própria profissão, embora com remuneração menor, mesmo em uma situação de crise? Abandonariam a carreira pelo casamento ou para cuidar dos filhos?

Nossas estudantes de Medicina afirmam que só abririam mão de sua carreira nas seguintes situações: *para cuidar dos filhos; para auxiliar na carreira do marido; caso apareça outra atividade mais criativa.* Já as meninas da Enfermagem declaram que estariam dispostas a fazê-lo *para casar; para trabalhar em outra atividade melhor remunerada; para conseguir um relacionamento afetivo e estável; e, por último, quando a continuidade da carreira se transformasse em obstáculo para a manutenção de um relacionamento afetivo estável.*

Assim, portanto, por maior que seja o empenho de nossas moças em investir em sua formação profissional, e por mais importante que declarem ser sua carreira e seu trabalho, para lhes garantir a independência que consideram essencial a uma mulher, eles encontram na maternidade e no casamento um limite claro a partir do qual deverão ser reconsiderados como parte de seu projeto de vida. Se em nosso ponto de partida pressupúnhamos que carreiras que exigem um maior dispêndio de tempo e energia no trabalho talvez relativizassem o valor do casamento e da maternidade no projeto de vida de nossas jovens, deparamo-nos agora com o seu oposto: é o valor da carreira que deve ser relativizado se ela se colocar como um obstáculo à realização pessoal representada para nossas meninas pelo casamento e a maternidade.

Seria esta uma indicação de que se deveria descartar como engano a proposta de “uma nova forma de ser mulher” para a qual essas jovens pareceriam apontar, ao declarar sua intenção de conciliar em seu projeto de vida tanto a realização profissional, através de uma carreira, quanto a realização pessoal,

através da vida afetiva e familiar? Nossas meninas se enganariam a si próprias, vítimas de um engano maior produzido pela mídia e a indústria que a sustenta vendendo a imagem de uma “nova mulher”? Esta não é uma hipótese a ser descartada. No entanto, antes de avalizá-la, conviria talvez tentar primeiro entender o que pode significar *para essas próprias jovens* as opiniões aparentemente contraditórias que elas são capazes de sustentar.

Para isso devemos nos voltar mais uma vez para a noção de *trajetória de vida*, na tentativa de compreender qual o significado que esses propósitos assumem para nossas jovens, *neste momento* em que elas os formulam. Analisamos um *projeto de vida*, um cálculo feito no presente sobre o que se espera para o futuro. O que nele se exprimem são *valores* que norteiam a sua formulação e, sobretudo, são *representações* do momento presente, ainda não postas em cheque pelo confronto com as *ações* que viriam a sedimentar o seu significado ou, ao contrário, levariam à sua reavaliação, à luz de uma *experiência* ainda reservada para um tempo futuro. Isto é o que se compreende claramente quando analisamos o que significa para nossas jovens ser uma **mulher adulta**.

Experiência, maturidade, independência e responsabilidade talvez sejam as palavras mais usadas pelo conjunto das moças em toda a pesquisa para definir o que *torna* uma mulher adulta.

“Acredito que não é algo específico, mas sim um momento ou acontecimento que marca progressivamente sua adolescência.”

“A vida e sem dúvida as suas experiências. O tempo e as fases da vida vão dando uma maturidade cada vez maior.”

“Basicamente a responsabilidade de um trabalho ou família é a maturidade.”

“Maturidade, experiência e conhecimento.”

“Ter experiências com a vida e aprender com os erros e acertos.”

“Ser madura, independente, saber enfrentar o mundo.”

“Quando ela é independente psicológica e financeiramente.”

“A partir do momento que ela se torna responsável para trabalhar, ter uma família.”

“Responsabilidade e independência.”

“Sua vivência.”

“Emancipação, independência.”

“Uma mulher se torna adulta quando ela começa a pagar suas próprias contas, ela se mantém, financeiramente.”

“O fato dela pensar por ela mesma, ter maturidade, responsabilidade e responder por todos os seus atos.”

É a esta condição – que em alguma medida se aproxima de sua imagem do que seja uma mulher emancipada – que nossas moças deverão chegar, mas ainda se encontram longe dela, no momento em que vivem como estudantes na casa de suas famílias, sustentadas pelos pais. O que seus propósitos atuais exprimem são, portanto, valores a serem postos em prática quando chegarem a ser plenamente adultas. E o interessante é perceber que em nenhum momento escapa a essas jovens que a *maturidade* a que aspiram para se tornarem *adultas* envolve tanto sua condição social, econômica e financeira, através da capacidade de se sustentarem com seu próprio trabalho, quando o amadurecimento psíquico e sexual que fará delas *mulheres* adultas, prontas a gozar de sua sexualidade e construir sua vida afetiva e familiar. Em seu projeto de vida, ambos são inseparáveis enquanto dimensões distintas da realização pessoal que a vida

adulta deverá lhes proporcionar. Para o conjunto de nossas jovens pesquisadas no campus Monte Alegre, uma mulher se *torna* adulta

“Quando ela se reconhece enquanto mulher.”

“Uma mulher capaz de raciocinar pelos próprios conceitos e buscar para si própria o melhor modo de viver sem ter que se sujeitar a preconceitos e ideais de família tradicionais.”

“A busca incessante de conhecimento / prazer. Quando ela consegue encarar e se vê sozinha perante os desafios impostos pela vida .”

“Integridade e obstinação.”

“Responsabilidade, independência e estabilidade financeira.”

“Experiência de vida, e convivência com a sociedade.”

Nossas meninas dos cursos de Medicina e Enfermagem não dizem nada distinto quando relatam o que compreendem como uma mulher adulta, explicitando também os valores que norteiam o seu projeto de vida para o momento em que chegarem a viver concretamente essa condição. O que *torna* uma mulher adulta?

“Suas experiências de erro e acerto.”

“O momento em que ela deve tomar suas decisões.”

“A responsabilidade.”

“É assumir todas as responsabilidades com maturidade, tomando decisões independentes.”

“Quando ela assume responsabilidades, assume seus erros, é capaz de definir seus objetivos e lutar por eles.”

“Ser emocional e racional na hora exata; saber agir com segurança, firmeza, saber o que quer, defender sua opinião (desde que esteja certa) e

saber reconhecer seus erros; ter responsabilidade dos seus atos e conseqüências futuras.”

“Quando ela percebe seu poder de sedução, suas responsabilidades. Quando já está no caminho profissional. Quando se sente madura para fazer suas próprias escolhas.”

“Ser consciente dos seus atos, do que pensa, do que faz, do que quer e ser responsável por isso.”

“Uma mulher adulta é aquela que tem responsabilidade sobre sua família, sua vida financeira e consegue tomar atitudes definitivas na sua vida.”..

Assim, integrando o campo de suas representações e valores, o projeto de vida de nossas jovens continua a nos confrontar com um desafio, quando tentamos perceber o significado das proposições aparentemente contraditórias que dele fazem parte. Podemos pensar que o tempo e a experiência de vida, como elas próprias propõem, se encarregarão de deslindar essas contradições ao longo de sua trajetória de vida, quando elas se tornarem verdadeiramente adultas. Mas podemos também tentar compreender o que, na sua própria experiência de vida, desde já, lhes confere significado.

A propósito do conceito de *projeto de vida*, Gilberto Velho já lembrara que, nas sociedades urbano-industriais contemporâneas, a dinâmica da vida social submete o indivíduo a um constante bombardeamento de solicitações, frente às quais sua experiência de vida se fragmenta na multiplicidade de papéis sociais que é chamado a representar. Cada um deles parece encerrá-lo em um mundo próprio, correspondente a uma faceta de sua vida, com suas regras e códigos específicos, constituindo como que “províncias de significados” que podem existir, e mesmo ser pensadas e vividas, como realidades relativamente autônomas. Frutos de diferentes dimensões da vida social, elas nos submetem a demandas à primeira vista contraditórias, que o indivíduo deverá no entanto reduzir a alguma forma de unidade para ser capaz de responder-lhes com alguma coerência no

desempenho de seus distintos papéis sociais. Como nos adverte Velho, a própria continuidade e as transformações da vida social dependem do relacionamento mais ou menos contraditório e conflituoso entre esses mundos que repartem entre si nossa experiência de vida fragmentada e os códigos culturais que são a eles associados¹.

Compreender essa dinâmica e suas conseqüências na construção de um projeto de vida de nossas jovens de classe média, estudantes da PUC-SP, é o desafio com que nos confrontamos quando, para entender seu significado, nos vemos obrigados a re-contextualizar os problemas que ele nos coloca frente à realidade da sociedade brasileira contemporânea, encarando assim também o desafio de pensar como se coloca, hoje, a “questão feminina” para as jovens que são objeto deste trabalho.

¹ Gilberto Velho, *op. cit.*, p. 26.

Capítulo VI – A “questão feminina” hoje

É preciso estranhar o familiar para tentar compreendê-lo. Como finos códigos culturais, modos de vestir, de falar, atitudes, formas de sociabilidade, hábitos de lazer, de consumo, costumes, estilos de vida, revelam valores e crenças, sonhos e projetos, permitindo-nos identificar e distribuir em diferentes segmentos os atores que constroem a vida social. Quem são essas moças da PUC-SP que estudamos neste trabalho? Tendo ingressado recentemente na universidade, os códigos culturais trazidos de seu meio de origem, pelos quais elas pautam sua conduta, serão distintos daqueles que virão a adquirir, na nova socialização a que serão submetidas ao freqüentarem a universidade?

Pela sua aparência, esses códigos as homogeneízam, nos espaços enganosamente indiferenciados dos corredores, pátios e salas da universidade. Há uma rede de sociabilidade que se estabelece entre essas jovens que vêm de mais longe, no ônibus que faz o trajeto entre os municípios vizinhos da capital e o circuito das universidades entre Perdizes, Pacaembu e Vila Buarque, mas a sociabilidade de sala de aula tornou-se mais precária. Na cidade onde o trânsito parece tornar-se a cada dia mais infernal, preferem estudar via internet e por telefone para a prova. A “prainha” é a passagem do “prédio novo” para o “prédio velho”; “prédio novo” que já tem 30 anos, mas continua a ser conhecido como novo. Ali não há mar. A “curva do rio” é a subida do “prédio novo” para a Monte Alegre. Não se situa ao lado do rio, mas ao lado do restaurante e da lateral do Tuca. Estes serão códigos a serem aprendidos. Mas poderá o convívio fugaz

nesses espaços criar laços que se estendam para além da universidade, transformando-se em relações de amizade capazes de suscitar a confiança, a troca de experiências e confidências, como parecem esperar nossas meninas? Ao final do percurso, estamos mais próximos de saber quem é esta jovem estudante de classe média que frequenta a PUC-SP?

A pesquisa realizada não pode pretender generalizar seus resultados para além do grupo efetivamente pesquisado e daquilo que os dados permitiram interpretar. Mas a interpretação não se esgota nos próprios dados (que, aliás, explorados sob outras perspectivas, sempre permitirão chegar a outras conclusões e estabelecer a partir deles novos questionamentos). A interpretação também exige que se contextualizem esses dados de uma perspectiva mais ampla, para se tentar saber o que, através deles, é possível compreender daquilo que a sociedade diz sobre si mesma por intermédio dessas moças representantes de estratos de classe média pesquisados.

É preciso, portanto, retornar à “questão feminina”, tal como ela é compreendida pelas jovens de 18 a 21 anos que fazem parte do nosso universo de pesquisa. É preciso ainda explorar as representações dessas jovens relativas aos seus ideais de realização pessoal e profissional que integram seu projeto de vida, para se tentar ver em que medida eles correspondem à classificação dos tipos femininos por elas elencados. A imagem de uma “nova mulher” que em alguns momentos seus depoimentos pareceram colocar como valor? A imagem de uma “mulher tradicional”, de que procuram distanciar-se, mas à qual seus valores e aspirações relativos à família e ao casamento parecem referir-se constantemente? Esta jovem aspira de fato tornar-se uma “mulher emancipada”? Tais imagens nem sempre correspondem à sua própria representação de um tipo ideal de mulher e seu projeto de vida se apresenta sob muitos aspectos como contraditório. Há tradicionalismo, sim, em muitos de seus valores e expectativas,

mas é preciso se perguntar se, no contexto em que aprenderam a elaborar os códigos culturais que organizam sua conduta, seus hábitos e costumes, suas crenças e seu modo de ver o mundo, isso será suficiente para configurar a imagem paradoxal de uma jovem retrógrada e conservadora.

Corresponderiam nossas jovens da PUC-SP ao perfil da juventude que emerge nos anos 80, descrita por Helena Abramo como “patológica”, em oposição a dos anos 60? Segunda a autora, “essa juventude é individualista, conservadora, e indiferente aos assuntos públicos, apática”¹. “Seu hedonismo está no prazer individual e imediato visto como o único bem possível, princípio e fim da vida moral”². Não pareceria que essas moças que declaram defender a luta pelos direitos femininos, e pensam a universidade como instrumento de combate contra a discriminação e o preconceito a que as mulheres são submetidas, pudessem se encaixar de forma evidente nessa categoria. Nem os aspectos conservadores do seu discurso sobre a moral da virgindade e do casamento levariam a supor que pudessem aderir a um hedonismo imediatista como fim da vida moral. Ao contrário, o que surpreende são precisamente esses aspectos conservadores de seu discurso, cercados por um sem número de justificativas derivadas de grandes propósitos moralistas, inteiramente distantes do comportamento que os jovens chamam de “descolado” e que mais adequadamente responderia à descrição que faz Abramo dessa juventude.

Sem dúvida, por trás dos ideais “tradicionais” em seus depoimentos podem ser encontradas mudanças significativas com relação ao padrão de engajamento da mulher na vida política e social dos tempos áureos do movimento feminista, e mesmo transformações importantes no modelo da “nova mulher” posto em voga a

¹ Helena Abramo. ”. In: R. Novaes & Paulo Vanucchi (org.), *op. cit.*, pg. 31

² *Idem, ibid.*, pg. 32.

partir do final da década de 70. Assim, será preciso analisar de uma perspectiva mais ampla o que significam esses valores que fazem parte do projeto de vida de nossas jovens, colocando-os em perspectiva, à luz das transformações que a sociedade brasileira conheceu desde então, em relação aos modelos do feminino derivados de uma experiência de classe média que a princípio elas pareceriam aceitar sem questionamentos.

Em 1975 o movimento feminista fazia sua aparição em São Paulo, com os jornais *Nós Mulheres* e *Brasil Mulher*. Dez anos mais tarde se veriam os seus frutos num artigo da revista *Veja*, de 1985, que enfatiza a imagem de uma “nova mulher” que não tem pudor de adiar a maternidade, mas é valorizada por uma maior cultura e opiniões mais brilhantes. No mesmo ano também a Revista *Nova* saudava um novo tipo de leitoras: são independentes, têm hábitos de consumo próprios, e nível de informação mais elevado. Tudo isso apontava para um novo prestígio da formação universitária a que iriam se encaminhar a partir de então as mulheres. Dessa perspectiva, nossas jovens seriam legítimas herdeiras desse legado feminista, ou pelo menos da parte dele que diz respeito à independência intelectual e moral e à formação para o mercado de trabalho que elas tanto parecem valorizar. O que dizer, porém, do seu claro apego a padrões conservadores relativos à virgindade, ao casamento e à maternidade, seu desgosto com o divórcio e seu repúdio ao aborto, que parecem um claro “retrocesso” com relação ao que o movimento feminista consideraria algumas de suas maiores conquistas?

Dado seu background social, as redes de sociabilidade de que fazem parte, os hábitos de lazer que compartilham – e que as encerram num circuito estreito de relações sociais organizadas em torno de atividades de entretenimento, pouco espaço deixando à leitura, que permitiria uma reflexão maior sobre o mundo em que vivem – não seria difícil dizer que a superficialidade é uma das características

que marca a experiência de vida dessas jovens no meio social de que provêm. Acaso poderíamos dizer que, por isso mesmo, elas teriam apenas assimilado sem reflexão os slogans que lhes são vendidos pelos meios de comunicação de massa, em especial as revistas femininas que parecem lhes fornecer os modelos do feminino que se refletem em seus discursos, fazendo-as proclamar sua adesão aos valores que definiriam “uma nova forma de ser mulher”, ao mesmo tempo em que todo o seu projeto de vida caminharia numa direção contrária? Seria este um exemplo característico do engano produzido pela cultura de consumo que marca nossas sociedades contemporâneas?

Analisando a problemática do consumo, Ana Lucia Castro, com base em autores como Featherstone, mostra que uma das mais importantes características do contexto sócio-cultural contemporâneo é a sobreposição da esfera de consumo à esfera da produção, ou seja, a sociedade que antes girava em torno da esfera da produção, passa agora a produzir-se na esfera do consumo. A expressão cultura de consumo vem sendo bastante utilizada na literatura sociológica, no sentido de indicar que os princípios de estruturação do mundo das mercadorias são centrais para a compreensão das sociedades contemporâneas, envolvendo tanto a dimensão cultural da economia, isto é, o uso das mercadorias como signos, comunicadores, quanto a dimensão propriamente econômica e utilitária da produção³.

Na produção sociológica sobre o consumo podem-se destacar duas perspectivas analíticas: a primeira parte da premissa de que a expansão da produção capitalista de mercadorias deu origem a uma vasta acumulação de cultura material na forma de bens e locais de compra, o que teria conduzido à predominância cada vez maior do lazer e das atividades de consumo nas

³ Ana Lucia de Castro, *op. cit.*, pg. 79.

sociedades ocidentais contemporâneas. Para alguns, tal fato é visto com otimismo, pois resultaria em democratização do acesso ao consumo e aumento da liberdade individual; para outros, ele é visto como estimulador da manipulação ideológica e controle sedutor da sociedade, dificultando a organização e mobilização social.⁴ Dessa perspectiva, não seria difícil imputar a essa modalidade contemporânea da cultura de consumo parte da responsabilidade pelo caráter “patológico” da juventude atual, nos termos em que a define Abramo, que poderia ser vista como vítima desta sedução da qual resultaria o hedonismo individualista de que é acusada. Nem seria impossível explicar por esse caminho parte das formas de sociabilidade e dos hábitos que caracterizam também as jovens que foram objeto de nossa pesquisa.

A segunda vertente explicativa para o papel do consumo no mundo contemporâneo entende que a satisfação propiciada pelo consumo deve-se ao fato de os bens proporcionarem prestígio social. As pessoas usam as mercadorias para criar vínculos ou para estabelecer distinções sociais, demarcando grupos e estilos de vida. Impõe-se, nesta perspectiva, ultrapassar a lógica da produção e penetrar no entendimento da lógica do consumo. Segundo Castro, Roland Barthes foi um dos primeiros teóricos a apontar o duplo aspecto do consumo: satisfazer as necessidades materiais e carregar estruturas e símbolos sociais e culturais, aspectos que considera inseparáveis⁵.

Citando ainda Featherstone, Castro comenta que o estilo de vida, no âmbito da cultura de consumo contemporânea, indica individualidade, auto-expressão e consciência de si estilizada. “O corpo, as roupas, o discurso, os entretenimentos de lazer, as preferências de comida e bebida, a casa, o carro, a opção de férias

⁴ Castro, *op. cit.*, pg. 79.

⁵ Castro, *op. cit.*, pg. 81.

etc. de uma pessoa são vistos como indicadores da individualidade, do gosto “⁶. Visto como marca de distinção, o estilo construído pelos indivíduos, como aponta Hillevi Ganetz⁷, possibilita o contraponto ou o equilíbrio entre a dimensão coletiva da produção social do estilo, representada pela moda, e a personalidade individual, garantindo a possibilidade de cada um identificar-se com os outros e ser único. Tal possibilidade de construção de estilos é dada pelo consumo, que vem sendo apontado por vários autores como espaço de definição de identidades nas sociedades contemporâneas.⁸

Considerada desta perspectiva, a juventude, submetida aos estímulos dessa cultura de consumo, construiria para si mesma estilos de vida próprios que, ainda que marcados pelas inevitáveis distinções sociais de classe e status, constituiriam também *estilos geracionais*, comportando igualmente formas características de definição de identidade de gênero. Dado o fato de que as jovens que foram objeto de nossa pesquisa constroem seus modelos do feminino a partir da proposta e do discurso de uma mídia (revistas femininas e programas televisivos) onde mal se distinguem modelos sociais de comportamento e propaganda dos produtos capazes de promovê-los ou legitimá-los, seria possível ver na idéia da “nova forma de ser mulher” mais um dos resultados da disseminação da cultura de consumo. Moda, cosmética, dicas de beleza, cuidados da pele e dos cabelos, saúde, culinária light são referências quase obrigatórias dessa geração de jovens que têm no cuidado do corpo e da beleza uma dimensão fundamental da construção da identidade feminina, como forma narcísica de auto-expressão e auto-satisfação, sinônimo de auto-estima, auto-controle e autonomia, como apontam autores como Hilary Radner⁹. Não é difícil reconhecer nessas

⁶ Castro, *op. cit.*, pg.44.

⁷ *Apud* Castro, *op. cit.*, pg. 83.

⁸ Castro, *idem, ibidem*.

⁹ *Apud* Castro, *op. cit.*, pg. 98.

referências alguns dos elementos que compõem a imagem da “nova mulher” que pode ser encontrada no discurso das jovens por nós pesquisadas.

Esta pode ser uma parte da interpretação dos discursos de nossas jovens e da contradição que eles revelam nas referências a partir das quais elas constroem seu projeto de vida. Fruto das armadilhas da cultura de consumo, a imagem da “nova mulher” que parecem valorizar seria apenas uma figura de superfície, por baixo da qual ainda permaneceriam intactos ideais conservadores sobre a feminilidade e a identidade feminina. Entretanto, esta seria apenas uma interpretação unilateral, pois deixa de lado a preocupação em entender o *sentido* que *para essas próprias jovens* teriam esses valores que podem nos parecer contraditórios, mas que aparentemente não são por elas vividos como tais.

Talvez se devesse considerar esta questão de uma perspectiva histórica mais abrangente. Com uma velocidade extraordinária, as transformações do último quartel do século passado deram lugar a novas formas de sociabilidade e novos modos de se definir e compreender as gerações que, para o indivíduo, resultaram em maneiras diferenciadas de compreender sua experiência do mundo e diferentes possibilidades de construção e negociação de projetos de vida. Para a mulher, diferentes estilos de vida foram criados a partir da revolução sexual dos anos 60 e da nova importância do corpo nos anos 80, para se assistir enfim, nos anos 90, ao retorno de uma antiga imagem do feminino do final do século XIX e começo do XX centrada no valor da maternidade e que acreditaríamos definitivamente deixada para trás.

Num plano político mais amplo, este foi um período marcado sucessivamente por lutas libertárias em prol da democracia e da justiça social que depois deram lugar em escala planetária a um refluxo das tendências generosas que viam nos processos de globalização em curso uma possibilidade de

renovação das relações entre os países e povos do mundo, na tentativa de compreensão da diferença e de superação da distância que os separava em termos econômicos, sociais e culturais. Concomitantemente, com o fenômeno da globalização, assistiu-se a uma progressiva escassez do trabalho, além de um crescimento vertiginoso de cidades que se expandem com voracidade pelo espaço e onde a informação se difunde sob forma instantânea por toda parte.

Eis o que provocou no curto espaço de algumas gerações uma alteração radical na experiência de percepção de tempo/ espaço. No mundo da cultura dominada pela informação, em uma velocidade nunca antes imaginada, a sociedade não abre espaço para a reflexão. É nesse mundo em mutação que surge esta geração *speed* a que pertencem nossas jovens, sem lastro cultural e que não lê, e para a qual a informação vale apenas com informação sem reflexão, vítima do fenômeno das “mídias corroídas”, segundo a expressão de Alexandro Dantas. Para o autor, no mundo contemporâneo, inventamos ferramentas e ampliamos nosso conforto e sobrevivência, mas não somos capazes de evitar os efeitos de nossas invenções. Inventamos máquinas, mas não contemos nossas pulsões para o consumo e o progresso. Vivemos em um mundo saturado de imagens, de indivíduos high tech e com doenças da alma.

Analisando esse fenômeno, Dantas apóia-se em Julia Kristeva¹⁰ para afirmar que estamos doentes com problemas que fragmentam corpo e alma, como Narciso que cultua a si mesmo e não percebe nada além da sua imagem. Os habitantes do mundo contemporâneo são neurolépticos que praticam o zapping. A sociedade produz corpos enfermos que se transformam em objeto de investigação da cultura médica, passando por discursos e práticas terapêuticas, governamentalizados. Vivemos atualmente sobre a cultura do zapping e do virtual.

¹⁰ *Apud* Dantas, *op. cit.*, pg. 110.

Daí o imperativo do tempo: *go slow*, a necessidade de diminuir a velocidade para se auto-perceber e refletir. Com isso talvez fosse possível recuperar o que Sennett¹¹ chama de caráter, definindo-o como traços pessoais a que damos valor em nós mesmos e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem.

Além da indagação sobre a sociedade impaciente que reduz a vida interior e psíquica, Kristeva afirma que a pobreza psíquica faz com que o homem moderno necessite de próteses da alma para uma subjetividade amputada. A TV funciona como catalizador da insatisfação romântica e fetiche mercantil, pulsão obsessiva das parafernalias do mundo high tech ou da ciber cultura e até da procura de uma fé religiosa. É na metamorfose entre homens e objetos que a eficácia da imagem se efetiva, e a comunicação se torna a prótese mais eficaz das subjetividades amputadas do homem moderno.

Dantas afirma assim que a mídia alivia as dores das feridas narcísicas, reatualiza o sentido do ópio do povo e contribui com a sonolência e a falta de inquietação. Ela age como psicotrópico, mas seu resultado recria um novo ópio do povo, além de promover dificuldades relacionais e sexuais, sintomas somáticos, linguagem vazia e artificial. Para o autor, a vida psíquica do homem moderno é um paradoxo. Quanto mais criamos, mais sentimos a ausência de comunicabilidade e convívio. Vivemos em uma era sem síntese, em que os indivíduos se fecham, se isolam, propagam e diversificam suas formas de comunicação, mas se confinam, na ausência de vínculos sociais mais transparentes e públicos.

Este homem *speed* se confina e ao mesmo tempo se exhibe. Convive com suas máquinas, e o vazio da intimidade é preenchido pelos meios de comunicação, principalmente a TV e a Internet, que são parceiros protéticos. A TV

¹¹ *Idem, ibidem*, pg. 111.

é a nova forma da servidão voluntária. A Internet é forma de moradia com paredes móveis por excelência. Mas o corpo, a pele, são os meios mais eficazes para exercitarmos a sensibilidade, o pertencimento e o sentido de estranhamento com relação ao outro. Vivemos na época da aids e de discursos vitorianos sobre a sexualidade, mas os fluxos de comunicação não podem ser mediados por máquinas que, para o autor, são objetos fetichistas substitutos do contato humano. Daí a injunção de resgatar a perda e aliviar o aguçamento de sua falta, que Dantas nos apresenta como o grande desafio a que devem responder as sociedades contemporâneas.

Esse confinamento que Dantas analisa sob a perspectiva do paradoxo da comunicação nas sociedades contemporâneas não é senão o resultado da tendência à fragmentação das funções e dos papéis sociais própria às sociedades modernas, já apontada por Gilberto Velho e levada ao paroxismo na sociedade contemporânea, dominada pelo imperativo da informação e pela dinâmica da cultura de consumo. Daí a relevância de uma releitura de sua obra, da perspectiva da retomada de seus conceitos de projeto e metamorfose. É preciso pensar as conseqüências desses processos de metamorfose incessantes suscitados pela própria dinâmica de nossas sociedades contemporâneas, que levam a refletir sobre a distância, nesta realidade, entre o que Jurandir Freire Costa¹² designa como moral do trabalho e moral do prazer. Neste mundo, as pessoas são consumistas porque isto satisfaz necessidades psico-sociais advindas da nova moral do trabalho e do prazer.

Esta é uma conseqüência que também outros autores já advertiam. Por exemplo, para Richard Sennett¹³, a competição e a insegurança crescentes que os homens viveram nas últimas décadas acabaram fazendo com que eles se

¹² J. Freire Costa. *Perspectivas da juventude na sociedade de mercado*, p. 79

¹³ *Apud* J. Freire Costa, *idem ibidem*

modificassem, passando então a tentar ser vencedores, ou seja, o indivíduo deverá ser maleável, criativo e afirmativo, superficial nos contatos pessoais e indiferente a projetos de vida duradouros. Para ter mobilidade na esfera do trabalho, não pode ter elos, definidos como família, habilidades e percurso biográfico. Segundo Sennett, a identidade do homem contemporâneo é a de um desenraizado, ou, nas palavras de Bauman, um turista. Isto corresponde a pessoas que não se fixam em identidades passadas, para as quais o mundo é um espaço de circulação permanente e o futuro não é dado a partir do presente.

Nessas circunstâncias, a posse de objetos se torna fundamental: são intercambiáveis e podem ser transportados. Como assinala Freire, “possuir objetos pode significar a necessidade psicológica de estabilidade sem renunciar à elasticidade pessoal exigida pelo mundo dos negócios. Objetos, além disso, são símbolos do sucesso profissional e social e possibilitam agregar vida social a seus portadores. Identifica-se o turista vencedor em qualquer lugar ou momento. Consumir distingue socialmente as pessoas e comprar se torna uma demanda imaginária. Consumir é ser indiferente ao resto do mundo”¹⁴.

A contrapartida necessária desse processo é a moral do prazer, graças à qual o mundo contemporâneo nos solicita à busca incessante de novas sensações. Em contraposição a épocas anteriores, em que o ascetismo moral, sob a forma religiosa ou mesmo de uma ética laica, transformava em virtude a renúncia ao prazer, o homem contemporâneo busca de todas as formas saciar seu desejo de obter prazer e não ter dor, recorrendo para isso incessantemente a novos objetos de consumo. Isto é o que delega aos objetos a função permanente de sustentar sua existência ao re-estimular seu corpo, passando o homem a

¹⁴ J. Freire Costa, *opus cit.*, p. 80.

dependem dos objetos em busca do prazer que só deles pode extrair, de modo que este consumo se torna infundável.

É no interior desse círculo incessante que Maria Rita Kehl se volta para a adolescência, procurando os signos de re-inscrição deste novo corpo no tempo presente dominado pela ética do prazer e a compulsão do consumo¹⁵. Ela aponta a maternidade como elemento de prestígio na geração pós-feminista precisamente por essa razão, fazendo com que a gravidez passasse a adquirir um significado positivo entre as classes médias. A geração *paz e amor* que viveu 1968, o mundo hippie, o *flower power*, fugindo ao horror da guerra, quis criar seus filhos para uma nova geração distanciada da violência e voltada para a inocência do prazer, sem o duro peso da responsabilidade de seus pais que lutaram tenazmente para conquistar esse direito à paz. Estes adolescentes, reduzidos à obrigação permanente de buscar o prazer, e que só poderiam encontrá-lo em objetos de consumo incessantemente intercambiáveis, deixam de encontrar em si mesmos uma razão para suas próprias vidas, e assim um bebê, brinquedo vivo, pode ser gerado por meninas que mal saíram da infância, na esperança de encontrar nele uma razão mais permanente que dê sentido à sua existência.¹⁶

E é nesse contexto também que devemos entender o desafio enfrentado por nossas jovens universitárias da PUC-SP ao projetar para si mesmas a construção de um futuro. Num mundo fragmentado, dominado pela economia da produção de uma cultura de consumo e o consumo de uma cultura do prazer, onde a subjetividade se esvazia pela mesma lógica com que se procura preenchê-la, a construção de um projeto de vida só poderá ser, mais do que nunca, negociação constante das diferenças e mesmo das contradições suscitadas pelas múltiplas demandas, incessantes e incoerentes, dos diferentes papéis que somos chamados a desempenhar e das várias estratégias a serem adotadas para

¹⁵ Kehl. *A juventude como sintoma da cultura*, pg. 90 .

preenchê-los. É assim que incessantemente somos chamados a conciliar os códigos diferenciados dos domínios em que repartimos nossas atividades, do mercado de trabalho às opções de lazer, da esfera pública da reivindicação de direitos ao mundo privado da casa e da família, da competitividade da esfera do trabalho à reivindicação do afeto e do companheirismo junto a um marido e os filhos. É contra esse pano de fundo que devemos entender a posição de nossas jovens em relação ao movimento feminista.

Todas elas concordam e reclamam do fato inquestionável de que a sociedade em que vivem é machista, dominada por valores patriarcais. E embora esta “Sociedade”, como um ente abstrato, pareça pairar por sobre as pessoas, sobrepondo-se à sua vontade e à sua ação, quando indagadas a respeito do movimento feminista, nossas jovens levantam mais aspectos positivos do que negativos. É um movimento necessário para que as mulheres possam ter direitos iguais aos direitos masculinos. Movimento que trabalha no sentido de fazer a mulher conquistar um lugar na sociedade e mostrar que elas têm as mesmas capacidades que os homens. Ajuda a acabar com o preconceito e defende causas justas. Dentre os aspectos negativos, porém, consideram o movimento preconceituoso, e também radical por não ser equilibrado.

“Maravilhoso, colocou as mulheres mais valorizadas perante as sociedades. Impôs uma nova mulher, uma mulher que quer trabalhar, que tem seus anseios e desejos próprios e que quer ser respeitada e tida como uma mulher e que tem direitos como os homens, e por que não ?”

“Sou uma grande incentivadora, pois acredito nos direitos iguais e a mulher tem que conquistar um lugar na sociedade, pois essa coisa de ser submissa à homem já era.”

“Considero-me uma feminista moderada. O movimento é muito radical, pois a mulher deixa de ser feminina. É muito importante a mulher ser

¹⁶ idem pg. Pg 105

independente, ganhar seu dinheiro, também é ótimo ver machistas perdendo espaço na sociedade.”

“Um grande passo da mulher na sociedade. É óbvio que queimar soutien em praça pública não quer dizer muita coisa, mas, pelo menos, muitas mulheres tomaram isso como exemplo para não se calar.”

“Eu sei que o certo seria não ter feministas nem maxistas [sic]. Mas como há estes últimos, eu me revolto e passo a ser feminista roxa !”

“Legal, eu não tenho vontade de participar, mas agradeço o bem que fizeram.”

“Acho que teve uma importância histórica fundamental, mas acabou radicalizando demais em suas posições, criando um ideal de mulher oposto ao tradicional mas tão impositivo quanto.”

“Acho muito importante, pois a mulher tem capacidade para fazer as mesmas coisas que os homens. Mas sou contra o radicalismo.”

“Acho legal até certo ponto, para conseguir a liberdade e as conquistas femininas, mas em certos momentos pode ser exagerado e totalmente igual ao machismo.”

“Não me identifico com nenhuma atitude radical ou extremista. Por um lado acho que com este movimento só cresce a imagem de que a mulher tem que ser submissa e ficar em casa. Por outro lado respeito esta manifestação de resposta por parte de feministas.”

“Eu acho o movimento feminista interessante desde que não seja extremado. Ouço as feministas dizerem algumas coisas que considero exagero, mas apoio a luta delas contra a transformação da mulher em um objeto sexual. A TV. vulgariza muito a imagem da mulher.”

“Para conquistar seu lugar na sociedade basta ter respeito e conhecimento, por isso sou contra alguns deles.”

“Exagerado e incoerente. Concordo que os dois gêneros são iguais, mas acredito que as feministas querem fazer com que as mulheres sejam mais que os homens. Além disso, eu não quero ser tratada como homem e sim como a mulher que sou.”

“Eu não acho saudável, assim como o machismo. Há meios mais eficientes de fazer com que as exigências das mulheres sejam respeitadas e tenham um resultado duradouro. Na minha opinião, o movimento feminista é ridicularizado devido ao seu caráter extremamente agressivo e revolucionário que faz com que os homens considerem as feministas como sendo lésbicas, ou mal amadas, ou em eterna TPM.”

“Acho que tudo que é radical não é bom, acho que tem que haver um equilíbrio. Interessante, mas pretensioso.”

“Acho que hoje em dia não é mais necessário.”

“Um movimento como qualquer outro, são pessoas em busca de seu espaço.”

“No Brasil ele é inexistente e no mundo ele volta-se para questões particulares e não o que realmente interessa. As mulheres lutam, mas igualdade desejada, pois eu acho que ninguém é melhor, dependemos dos homens como eles dependem de nós, somos iguais, precisamos alcançar essa igualdade em todos os sentidos.

“Acredito que eu nunca faria parte de um movimento feminista. Acho que precisamos lutar contra a discriminação como um todo e não compartimentado em mulheres, negros, gays. O movimento ganharia mais força talvez.”

Talvez essas afirmações de nossas jovens causem surpresa, quando não um verdadeiro horror, nas feministas que participaram do movimento desde seu começo ou ainda hoje dele participam, por não se reconhecerem nessa visão inteiramente deturpada dos objetivos de suas lutas. Entretanto, não se trata aqui de avaliar o movimento feminista, mas sim de constatar como ele é percebido na distância do tempo por essas jovens que nos confrontam com o desafio de entender “a questão feminina dos 18 aos 21 anos” na nossa sociedade hoje. Também não se trata de avaliar o acerto ou mesmo a viabilidade da proposta de uma luta não-compartimentada, que são separasse mulheres, negros e gays, por exemplo. Trata-se, no entanto, de entender a lógica que sub-jaz a essas

proposições, e ela é clara: não confronto de opostos, mas conciliação de diferenças; não radicalismo de posições, mas equilíbrio de pontos de vista. É a partir daí que entenderemos melhor a concepção que têm as moças pesquisadas sobre o seu padrão ideal de mulher.

“Alta, magra, mas não muito, estrutura óssea grande, cabelos compridos e lisos+ ou – 1,70m, branca, cabelos pretos (ou ruivos), olhos verdes, corpo saudável e posição social respeitada: uma mulher independente em todos os sentidos possíveis.

Guerreira, batalhadora, trabalhadora, talentosa, competente segura, hábil, corajosa e forte tanto emocional quanto fisicamente.

Inteligente e culta, capaz de competir, responsável, pode ocupar posições masculinas com a mesma eficiência. Lutadora determinada, decidida, tem um ideal com objetivos e coragem e interessada em aprender.

Independente financeiramente, realizada como profissional, bem sucedida no trabalho e no amor.

Emocional mas também racional, sonhadora, sensível, feminina, sexy, sensual, sedutora, educada e gentil, discreta e delicada, atenciosa, meiga, sincera, dedicada, natural, verdadeira, otimista, paciente, compreensiva, bem humorada, interessante, espontânea, surpreendente.

Atraente fisicamente, vaidosa (de certa forma), bonita, carinhosa, mãe, amiga, leal, companheira fiel, honesta, alegre, simpática, generosa, prudente, sábia, caridosa, acima de tudo [deve] ter amor ao próximo para sempre que possível ajudá-lo.”

Tal é o perfil que, com suas próprias palavras, nossas jovens traçam do seu padrão ideal de mulher. Entretanto, não basta enumerar suas qualidades. É preciso ver como se combinam no discurso dessas moças.

“Mulher que se respeita e se valoriza, saber se comportar como mulher em todos os momentos. preocupada com a saúde (física e mental) e o equilíbrio saudável, e acima de tudo capaz de pensar sempre 1º nela.”

“A que é feminista, realizada, bem resolvida, feliz, com filhos, com amor, uma pessoa que aproveita a vida.”

“Aquele que corre atrás do seu sonho para realizar o objetivo. É a mulher que decide o que quer, quer ser mãe, não quer ser mãe, quer só trabalhar etc. Segue as suas vontades.”

“Acho que não existe ideal de mulher, pois cada uma age de acordo com seu ideal. Porém, acho muito importante uma mulher que é mãe e consegue seguir com a sua carreira profissional ao mesmo tempo.

“Independente, deixar a carreira ser o objetivo primordial da vida, ter um relacionamento amoroso prazeroso, mas que não interfira em sua profissão.”

“Deve ter primeiramente o seu próprio valor e demonstrar isto socialmente. Também deve ser inteligente, educada, simpática, discreta e apaixonada por ser mulher, batalhadora e independente.”

“Uma pessoa independente, capaz de fazer grande parte das coisas sozinha, sem perder sua feminilidade É aquela que é bem sucedida em todos os aspectos da vida.”

“Meu padrão ideal de mulher é ser auto suficiente, sem a dependência que ainda existe do homem. A mulher ideal é a que usa o racional e o emocional, dando-se o respeito.”

“Para mim a mulher ideal é aquela que, apesar de ser mais emotiva, não se deixa enganar. Ela é decidida, tem certeza de suas convicções e luta para mantê-las. E é independente do marido. A minha mulher ideal não é aquela que não precisa de homem; ela precisa e muito, só não é dependente dele.”

“Consciente de sua condição feminina, inteligente, corajosa, bonita (bela de rosto e corpo), saudável, persistente, obstinada, auto confiante, fiel, bem sucedida social e financeiramente.”

“O que importa é ser inteligente, simpática e muito educada, ser gentil e agradável com as pessoas, a beleza exterior é uma consequência o que importa é ter personalidade.”

“Padrão físico?, padrão moral?, padrão profissional? Existem tantos “padrões ideais” hoje em dia que procuramos nos encaixar.”

Como contrapartida, é necessário ver também como essas moças definem o seu padrão ideal de homem. Tracemos, portanto, o seu perfil, tal como o constroem nossas jovens.

“Alto, loiro, olhos castanhos, magro, respeitável, seguro de si, ambicioso (vontade de progredir), mas sem passar por cima de ninguém. Digno íntegro homem de caráter, com objetividade, maduro, ponderado, equilibrado, empreendedor, com objetivos definidos, determinado, batalhador, trabalhador, esforçado, responsável. Procura sempre conquistar muitas coisas na vida, inclusive um bom emprego. Consegue realizar seus desejos profissionalmente e pessoalmente. É bem sucedido, social e financeiramente. Estabelecido, com uma situação financeira estável ou promissora, tendo sempre novas perspectivas, quer sempre melhorar, crescer, aprender.

Inteligente, sensível, independente, curioso, interessado, engajado. Estudioso, educado, culto, interessante. Crente em Deus, com boa formação ética, tradicional. Bem humorado, divertido, alegre, comunicativo. Simples, humilde, gentil, presente, verdadeiro, não tem vícios. Bom caráter, bom moço, conhecido, geração saúde, saudável, respeita o seu corpo (saúde) e a opinião da sociedade (cultura). De bem com a vida.

De preferência bonitão, atraente, bonito (de rosto e corpo), sexy, sedutor, sonhador, romântico. Atencioso, respeitador, carinhoso, amoroso, compreensivo, sincero, fiel. Não manipulável, não maxista (sic), não ciumento, nem grosseiro e nem bruto. Cavalheiro, gentil, galanteador, amigo, companheiro, parceiro, cúmplice. Que saiba como conversar e como agir com as mulheres. Protetor, aquele que te dá respeito e te respeita.”

Escolhendo quase ao acaso, tal a regularidade das respostas de nossas moças, apesar das diferentes características que enumeram, podemos verificar através de alguns depoimentos como elas compõem com tais qualidades diferentes modelos masculinos.

“Companheiro, bem humorado, trabalhador, sonhador, compreensível, curioso, interessado, comunicativo e por aí vai.”

“Companheiro, parceiro, maduro, sensível, responsável, bom caráter, romântico, compreensivo, amigo”.

“A idéia do homem ideal sempre será o mesmo na mente das mulheres sonhadoras. Deve ser romântico, responsável, fiel e compreensivo.”

“Bonito, charmoso, simpático, mas principalmente inteligente e humilde, com objetivos a alcançar e esforçado, que procura sempre conquistar muitas coisas na vida, inclusive um bom emprego.”

“Não há padrão ideal, mas ser inteligente, fiel, trabalhador, humilde é esperado por todas as mulheres.”

“Trabalhador, dedicado à sua mulher, carinhoso, amoroso, protetor, educado, respeitador, sincero, honesto, fiel, amigo, crente em Deus, e gostaria que o homem ideal para mim também fosse músico.”

“Bonito, carinhoso, romântico, maduro e decidido e que saiba como arrumar uma casa.”

“O homem ideal é aquele que não impõe regras, que ajuda nas escolhas, que dá espaço para a mulher ir atrás do que quer e faz tudo isso feliz, se importando com o bem estar do casal “

“Responsável, que respeita a todos, que saiba respeitar a opinião de todos, que divide tarefas, compreende as dificuldades da esposa em casa, que cuida, e saiba fazer com que todos o respeitem.”

“Aquele que se preocupa inteiramente com a vida da companheira. Procura estar junto em bons e maus momentos e principalmente procura construir uma vida com a namorada que não é apenas companheira de cama.”

“Presente, interessante, esforçado (estudos), trabalho, amigo, família (vida social), extrovertido, sincero, e um pouco ‘criança’ (com relação aos sentimentos).”

“Um homem ideal é aquele que respeita não apenas as mulheres e sim a todos que tem bons objetivos e busca alcançá-los e assume com seus compromissos (responsabilidade)”.

“Homem bonito, bem de vida, realizado profissionalmente, inteligente, fiel companheiro, bem humorado, carinhoso”

“Companheiro, carinhoso, fiel, trabalhador, batalhador, honesto”.

“Uma pessoa que saiba te entender, que tenha um coração disposto a amar, que seja carinhoso, que tenha um coração puro”

“Uma pessoa que tenha estudo, que seja muito esforçado e trabalhador e que pense como eu”.

“O tipo ideal de homem é aquele que me respeita, não subestima minhas capacidades, não tenta mandar em mim, é fiel, honesto, calmo, sabe me ouvir, me apóia, me entende, me ajuda, é carinhoso, respeita minhas opiniões, e me dá liberdade, se importa com o que eu sinto, faz de tudo para me ver feliz e sabe ceder.”

“Homem ideal é relativo para cada um. Hoje eu posso encontrar uma pessoa, e achar que é o ideal, mais aos poucos posso achar o contrário. Ser ideal depende do momento, da junção de coisas que fazem sentido para mim.”

O que chama imediatamente a atenção no confronto entre esses dois conjuntos de depoimentos de nossas jovens é ao mesmo tempo sua constância e sua disparidade. Variam as qualidades mencionadas, não o tipo de perfil traçado. Entretanto, enquanto para definir o padrão ideal de mulher nossas jovens traçam o perfil de uma “mulher do/ no mundo”, em se tratando do padrão masculino, o homem é sempre definido “em relação”, praticamente no âmbito da vida privada, já que suas qualidades são sempre referidas à sua condição de “companheiro”. Assim, estranhamente, algumas características pertinentes ao convívio social mais amplo são atribuídas à mulher, enquanto no caso do homem essas mesmas qualidades aparecem refratadas no espaço privado, em sua relação com a companheira.

Deste modo, acaba-se de certo modo por se “masculinizar” a figura feminina, ou pelo menos atribuir-lhe características tradicionalmente imputadas ao homem, enquanto em relação ao próprio homem, se ele não é “feminilizado”, é, pelo menos em certa medida, quase “infantilizado”, reduzido à escala menor da

relação amorosa ou familiar, vendo-se apenas de longe as exigências mais amplas do mundo. Isto não deixa de ser surpreendente, quando se recorda que, em relação à sua própria profissão, nossas jovens consideram ideal trabalhar apenas meio período após o nascimento dos filhos, pressupondo-se, portanto, que a responsabilidade pela manutenção da casa fique predominantemente a cargo de seu companheiro. Em nenhum depoimento se mencionou que este homem ideal deveria ser um “bom profissional”. No máximo, ele deverá ser “trabalhador, batalhador, honesto”, ou então gozar de uma posição financeira sólida ou promissora. Na verdade, isto é coerente com a declaração de muitas de nossas jovens de que o sucesso *profissional* (mas talvez não necessariamente o *financeiro*) para o homem seria interessante e mesmo divertido, porém não obrigatório.

Em definitivo, o que parece importar às nossas jovens, em se tratando de definir o seu padrão ideal de homem, são sobretudo as qualidades pessoais, de caráter, que serão decisivas na sua relação com a mulher. E a imagem que emerge desses depoimentos é a do “companheiro”, do “parceiro”, longe do homem moralmente “superior”, seja para dispensar proteção à mulher, seja para impor-lhe os seus julgamentos sobre o seu modo de conduzir-se na vida. É esta relação com o companheiro que deve somar-se à realização profissional como parte de sua realização pessoal, no projeto de vida que essas moças constroem.

Desta perspectiva, compreende-se porque, ao mesmo tempo em que aceitam a idéia do divórcio, nossas jovens fazem-no com relutância, pois ele significa o fim de um ideal de partilha de amor, respeito e cuidado numa vida a dois, que o casamento deveria ter concretizado e que, no entanto, acabou por se mostrar irrealizável.

“Acho que quando duas pessoas não se gostam mais e não compartilham mais nada é melhor divorciar.”

“A melhor coisa para quem vive mal com a pessoa que divide a vida.”

“Aceito caso o casal não se entenda de maneira alguma, ou tiver relacionamentos extraconjugais “

“Não quero escrever sobre isso. Me desculpe.”

“Muito difícil e é necessário se levar em conta muitas coisas e as pessoas envolvidas, no caso, os filhos que, naturalmente, sofrem muito.”

“Por questões religiosas não acho legal, se Deus uniu não deve se separar, acredito que todos os problemas tem solução é só os dois se empenharem e orar muito.”

“Não sou a favor, pois sou católica e cresci com essa opinião. Mas quando duas pessoas estão se agredindo estão sofrendo por isso, acho que devem se separar.”

“Triste. O verdadeiro amor deveria durar para sempre. Não entendo como duas pessoas deixam de se entender de tal maneira que não conseguem mais viver juntas.”

“Quando o relacionamento não se sustenta de maneira saudável, uma ou ambas as partes estão infelizes e não se pode contornar a situação, o divórcio é obrigatório.”

“Uma irresponsabilidade. O divórcio é o reflexo da união de um casal irresponsável, que acredita o divórcio seja a solução do 1º obstáculo enfrentado em um casamento. Por isso que para se casar, o casal deve estar ciente e se conhecer bem, tendo namorado anos.”

“Aceitável em casos extremos, violência e traição.”

“É uma situação muito triste, é admitir que um dos seus maiores planos não deu certo.”

“Algo necessário quando duas pessoas não mais se entendem, mas que deve ser evitado até as últimas conseqüências.”

“Eu acho que o divórcio, ao invés de representar o término do amor, representa uma ponta de esperança para um casal que deseja amar alguém de verdade.”

Vê-se assim, portanto, que não se trata, para nossas jovens, de assumir por princípio uma posição “retrógrada” com relação a situações que o movimento feminista julgaria suas grandes conquistas, como é o caso do divórcio. Exceto nos casos de convicções religiosas rígidas, nossas jovens estão dispostas a aceitar a separação de um casal. O tom de melancolia que envolve os relatos diz respeito à tristeza de enfrentar um sonho desfeito, não à recusa de um direito que elas concebem como tanto pertencente à mulher quanto ao homem, o direito à felicidade a que todo ser humano deve poder aspirar.

E a mesma coisa se deve dizer da recusa de muitas de nossas jovens em admitir um aborto, ou pelo menos a enorme relutância de enfrentar tal situação, caso ela se revelasse absolutamente indispensável. Ao analisar os relatos das jovens estudantes de Medicina e Enfermagem de Sorocaba, esse ponto já havia sido assinalado, inclusive porque suas opiniões, de modo quase surpreendente, não diferiam em nada daquela das demais alunas do campus Monte Alegre. Aqui, porém, trata-se menos de recusar o “direito ao próprio corpo”, tão enfatizado pelo movimento feminista, do que de sobrepor-lhe um valor de outra natureza, não contemplado em seus anos de militância combativa pelas feministas: o direito à vida. Neste caso, uma inflexão decisiva é imposta à lógica do feminismo, que o encaminha decididamente em outra direção. Nossas moças, que declaram não terem nunca praticado um aborto, revelam susto, medo, aflição diante da situação de outras jovens que a amizade as levou a acompanhar em momento tão difícil.

“Estranheza a princípio, achei-a insensível, mas com razão. Depois percebi o quanto isto havia mexido com ela”.

“Não era amiga, mas amiga de uma amiga, e me choca, é um assassinato que podia matar até ela mesma.”

“Que ela é irresponsável por não ter se prevenido antes e ter sacrificado a vida de alguém por conta desta irresponsabilidade.”

“Inexplicável! Fiquei muito triste pois percebi que ela não sentia nenhuma tristeza por estar fazendo aquilo. Quando acabou de abortar, só faltava ela pular de alegria. Percebi que além de ser imatura, ela estava muito abalada psicologicamente.”

“Apesar de ser a favor, quando soube que uma amiga minha tinha abortado fiquei literalmente chocada, pois eu sou a favor mas não sei se teria coragem de tomar uma atitude.”

“Sim. Uma prima em seu noivado abortou e não se casou. Me pareceu uma pessoa que não respeita as fases e etapas da vida.”

“Fico horrorizada, pois a criança não tem culpa da atitude dos seus pais . Acredito que todos tem o direito de nascer.”

“Sim. A impressão foi horrível e de falta de respeito , pois acaba de matar uma vida e mais indefesa : uma criança.”

“Nunca conheci ninguém que fez aborto, porém acho que cada um sabe o que faz e por isso deve ser legalizado para diminuir o número de mortes devido a abortos mau feitos.”

“Sim, tenho conhecimento de amigas que praticaram abortos. Minha impressão inicial foi negativa, condenatória . Analisando-se racionalmente, porém, talvez tenha sido a melhor atitude , uma vez que qualquer outra teria comprometido eternamente diversas vidas (pessoas) Não as redimo, porém da responsabilidade do seu ato.”

“A impressão foi muito ruim, me causou mágoa e pena , da mãe pela frieza e irresponsabilidade e do bebê, por ser fruto de um ato incoseqüente e pagar com a própria vida.”

“Coragem e covardia.”

“Achei que não foi legal mas respeitei pois ela não deveria ter condições (qualquer que seja) para ter um filho. Sim, me senti mal.”

“É meio assustador, porque uma gravidez muda a vida totalmente e para tomar a decisão do aborto tem que ter muita coragem, pois possui riscos.”

“De que ela estava matando uma vida. Ela fez sexo e não se cuidou, teria que ter assumido a consequência”

“Sim. Acho que fiquei mais abalada que ela, mas tive que ajudá-la, pois depois ela se arrependeu.”

Da mesma forma, essas jovens dizem esperar de seus namorados e companheiros o apoio e a solidariedade necessários, caso tivessem que algum dia enfrentar tal situação, mas sobretudo esperariam que eles as dissuassem de seu intento, se precisassem se decidir, mesmo contra a vontade e por absoluta necessidade, a praticar um aborto.

“Estivesse do meu lado apoiando, mas jamais faria isto.”

“Que ele fosse contra e tentasse me impedir, caso não conseguisse estivesse sempre ao meu lado.”

“Gostaria que ele não permitisse e tentasse me impedir de fazer esta besteira.”

“Como eu só abortaria por risco na gravidez ou doenças do neném, eu gostaria que ele estivesse do meu lado me apoiando. Agora se por acaso eu fosse fazer um aborto por causa de uma irresponsabilidade eu gostaria que ele estivesse contra.”

“Acredito que independente da maneira que ele se comportasse, eu não conseguiria manter o relacionamento estável; o namorado passa a ser visto como sinônimo de uma fraqueza (sua e dele).”

“Ficasse revoltado, pois tirar a vida de um indefeso é realmente um crime absurdo.”

“Que não aceitasse.”

“Gostaria que ele conversasse comigo, e concordasse me apoiando e me acompanhando.”

“Gostaria que ele se mostrasse preocupado comigo, com a minha saúde.””

“Confesso que se ele fosse contra a minha decisão de abortar, num 1º momento, eu me sentiria querida e especial.”

“Jamais penso em abortar, porém num caso extremo, gostaria que meu companheiro apoiasse sendo compreensivo, paciente com minhas reações e carinhoso, pois abalaria muito meu emocional.”

“Sou absolutamente contra e se ele quisesse e me propusesse isso seria um motivo para eu realmente reavaliar a nossa relação.”

“Gostaria que ele me apoiasse, não me abandonando nos momentos difíceis.”

“Que ele lutasse para que eu não fizesse isso, afinal estamos matando uma VIDA.”

“Que ele me impedisse! Que dissesse que me ajudaria a criar a criança.”

“Gostaria que ele tentasse me mostrar que eu estava matando um pedaço nosso, o quanto isso é errado.”

Aqui nossas jovens se separam definitivamente da perspectiva clássica do movimento feminista, mostrando um aspecto essencial de como se coloca hoje a “questão feminina”. Por outro lado, ao assim se posicionarem, elas nos obrigam a rever a afirmação de Abramo sobre a natureza da juventude contemporânea. Por certo essas moças não têm nem pretendem ter qualquer engajamento político, nem partidário e nem sequer em um movimento social como o feminismo, do qual declaradamente dizem distanciar-se em termos de militância. Entretanto, suas próprias convicções as colocam no horizonte de uma problemática política que está no cerne do nosso tempo. Se o engajamento político se caracterizou por toda a década de 60 e 70 como tomada de posição frente às desigualdades de classe e ao debate ideológico, a partir dos anos 80, “de costas para a Estado, longe do Parlamento”¹⁷, os chamados “novos” movimentos sociais foram responsáveis por

¹⁷ Tilman Evers. Novos Estudos CEBRAP, vol. 1, 1984.

um deslocamento das fronteiras do político que agora plantava suas raízes no solo da vida social e na terra fértil do cotidiano. A construção de identidades coletivas passava a constituir uma nova dinâmica da vida política, desenhando a face oculta dos novos movimentos sociais.¹⁸

Se esse movimento explicitava no plano político a fragmentação crescente de sociedades em processo frenético de transformação, sob o signo da globalização, por outro lado, na contra-corrente, outro poderoso movimento começava a se delinear em escala planetária. Sob o impacto da desilusão com a política tradicional e seu horizonte de violência, da luta armada ao seu monopólio legítimo pelo Estado, não foram poucos os que, como Nancy Mangabeira Unger,¹⁹ descobriram, para além delas, um novo horizonte ético a sustentar seu anseio de transformação: o “encantamento do humano” seria a via de acesso e a ponte entre uma espiritualidade reencontrada e a defesa da Vida, através do meio ambiente e dos movimentos ecológicos que começam a se organizar a partir de então.

Trabalhando sobre esta questão, Isabel Cristina Carvalho²⁰ mostra que a preocupação ambiental tem se constituído como aglutinadora de um novo campo de relações sociais, apontando para a possibilidade de uma nova ordem societária. O “sujeito ecológico” que assim se constitui representa um modo instituinte de ser, alternativo e situado à margem, e tem a pretensão de deslocar as fronteiras entre militância e estilo de vida, intimidade e esfera pública, opções individuais e transformação coletiva. É por essa via que se reencontra o caminho de volta à concepção de Hanna Arendt²¹, segundo a qual *política* é essencialmente ação *da/ na polis*, atividade na esfera pública, espaço por

¹⁸ Tilman Evers. Identidade, a face oculta dos movimentos sociais. Novos Estudos CEBRAP, vol. 2, 1984.

¹⁹ Nancy Mangabeira Unger. O encantamento do humano. Ecologia e espiritualidade. São Paulo, Ed. Loyola, 2000 (1ª. Edição 1991).

²⁰ Carvalho, I. C. *Ambientalismo e juventude: o sujeito ecológico e o horizonte da ação política contemporânea*, p. 53.

²¹ H. Arendt. *A condição humana*. Apud Isabel Cristina Carvalho, *op. cit.*, pg. 54.

excelência da ação humana enquanto convivência com outros seres humanos e partilha nas decisões sobre os destinos dos bens comuns, na tensão entre o público e o privado. O que assim se põe em jogo é simultaneamente a sobrevivência da vida biológica em escala planetária, da vida política na esfera pública e as possibilidades de construção ou dissolução dos laços societários que podem definir um futuro mais ou menos sustentável para a pólis humana.

É nessa fronteira que Carvalho localiza uma via significativa de aprendizado e experiência política, com a constituição de um campo tenso de possibilidades de engajamento e atribuição de sentidos para a ação política dos sujeitos contemporâneos e especialmente dos jovens. Em gerações anteriores, a politização significava o engajamento no conflito de classes. Entretanto, redefinidos, as identidades coletivas, a cultura e o meio ambiente passaram a se constituir como espaços de expressão política, fazendo da valorização da natureza e da preocupação com o futuro do planeta, através do engajamento ecológico, atrativos especiais para um novo tipo de politização dos jovens, em tempos de crise da política e da busca de novas formas de organização dos vínculos societários.

O que atrai nos movimentos ambientais e na questão ecológica é o lugar central ocupado por problemas concretos, em oposição ao debate ideológico visto como estéril. A questão planetária ultrapassa conflitos locais e adquire uma dimensão ético-moral que os jovens percebem como ausente das práticas políticas tradicionais. Assim, a Natureza no campo político tenderia a ser vista como ampliação da esfera pública, na medida em que os destinos da Vida, Bios, passam a conquistar um espaço crescente como objeto de debate político na sociedade.

Retraçando as origens desse movimento de ruptura e de reorganização do campo político, Carvalho mostra como a discussão política em torno da oposição entre capital e trabalho deu lugar à nova esquerda de caráter emancipatório e à luta por novos direitos, por exemplo, em torno da temática ambiental, das questões de gênero e dos direitos humanos. Seguindo esta linha de raciocínio, as C.E.B.S., aliadas a esses movimentos, ajudaram a ampliar essa redefinição da própria vida que assim tinha lugar, numa construção ao mesmo tempo individual e coletiva, ética e política, e oferecendo, ademais, uma perspectiva de transformação como possibilidade de adesão a uma luta, a uma ação, a um modo de vida ou a um interesse intelectual.

É nesse universo que se formam redes de relações, *networks* que atravessam o mundo social de modo horizontal e vertical. Por mais significativas e inclusivas que pudessem ser categorias como família e parentesco, bairro e vizinhança, origem tribal e ou étnica, grupos de status, estratos e classes sociais, registravam-se também, no seu entorno, circulações, interações sociais associadas a experiências e identidades particulares individualizadas. Assim, conclui Carvalho, pretendendo enfeixar num mesmo todo os diversos fios dessas redes, a questão ecológica coloca como seu horizonte a necessidade de lidar simultaneamente com a unidade e a diferenciação.

É por essa via que Carvalho reencontra também a reflexão de Dantas acerca da alternativa a se propor à sociabilidade estilhaçada e às subjetividades mutiladas num mundo dominado pela informação que gira em falso e impede a comunicação nas mídias corroídas. O que Dantas sugere para resgatar o homem à irracionalidade dessas experiências é o exercício de uma ética de solidariedade e práticas coletivas que preservem a autonomia de cada um. Uma ética da ação, que vai se responsabilizar pelo que é pensado e produzido para a sociedade e implicar em uma mudança do eixo da percepção das questões de real relevância.

Ecologizar é desantropocentrar-se, diz Dantas. A Natureza não é instrumento, ela se revolta contra o mau uso que dela assim se pratica e pode exaurir-se. A ética implica um posicionamento político perante essa realidade.

Assim devem-se gestar novos sujeitos individuais e coletivos capazes de pensar simultaneamente ética e política, gestando também uma nova subjetividade, de modo a produzir a conexão dos fluxos que compõem a vida no planeta. É nesse sentido que Deleuze e Guattari propõem a idéia de uma prática rizomática, implicando a comunicação sem hierarquias. No horizonte dessa nova subjetividade, seria necessário lembrar Marx e sua denúncia de que o trabalhador livre não se reconhece mais no produto como resultado do seu próprio trabalho. No exercício de uma ética da solidariedade e práticas coletivas capazes de preservar a autonomia dos sujeitos da ação, coletivo e individual se repensam, com e contra suas contradições, além de possibilitar a busca de igualdade, como direito pleno de manifestação da subjetividade e resgate da beleza no plano estético.

Esta é a nova ética da transgressão proposta por Foucault: é preciso desempacotar as subjetividades dos sujeitos e lhes devolver a vida, ao lhes permitir o ato de transgressão. No mesmo sentido, Kristeva refere-se à *re-volta* íntima, deslocamento de sentidos, o revolver de massas e de subjetividades. Uma nova ética com destaque na confiança.

Talvez seja necessário pensar que é a esse universo em transformação que remetem os valores à primeira vista conservadores das jovens cujos projetos de vida procuramos analisar neste trabalho. Sem se engajarem em qualquer movimento político, inconscientes talvez até das implicações que a defesa da Vida, sob a forma da maternidade, traz para a construção de seu projeto de vida, nossas jovens mostram uma face inesperada da “questão feminina” tal como se

coloca hoje entre os 18 e os 21 anos de idade. Re-significados no contexto da problemática de um mundo estranho ao primeiro feminismo, seus valores tradicionais talvez anunciem, afinal, uma nova mulher. Ela será já, porém, a mulher de um novo tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, S. M. da C., (1984), *Características dos estudantes do matutino e do noturno do Ciclo Básico da PUC*, (dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- ARANTES, A. A., (Abril, 1993), *Horas furtadas: dois ensaios sobre consumo e entretenimento*. Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Campinas: IFCH /UNICAMP.
- _____, (1981), *O que é Cultura Popular*, 2^a ed., Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense.
- ARIÈS, Philippe, (1981), *História Social da Criança e da Família*, 2^a ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- BADINTER, Elisabeth, (1986), *Um é o Outro*, 3^a ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- BARTHELEMY, D. et col., (1992), "Problemas: a emergência do indivíduo". In: *História da Vida Privada: da Europa Feudal à Renascença*. São Paulo: Cia. das Letras.
- BAUMANN, Z., (1998), *O mal estar da pós modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BOURDIEU, P., (1974), *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Ed.

Perspectiva.

_____, (1978), "Esboço de uma teoria da prática". In: Renato Ortiz (org.) "*Bourdieu*". São Paulo: Ed. Ática.

_____, (1983), "A Juventude é apenas uma palavra". In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.

_____, (1983), "Gostos de classe e estilos de vida". In: Renato Ortiz (org.) *Pierre Bourdieu*, Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ed. Ática.

_____, (1988), *La distinción : critérios e bases sociales del gusto*. Madri: Taurus.

BRITO, S. (org.), (1968), *Sociologia da juventude*. Rio de Janeiro: Zahar.

CALDAS, Waldenyr, (1988), *Uma utopia do Gosto*. São Paulo: Ed. Brasiliense.

CARDOSO, R. & SAMPAIO, H., (1995), *Bibliografia sobre juventude*. São Paulo: Edusp.

CARDOSO, Ruth, (1983), *A adesão dos homens ao feminismo: uma estratégia de sobrevivência*, palestra apresentada na ANPOCS. mimeo.

CARVALHO, Marília Gomes, (1992), *As vicissitudes da família na sociedade moderna: estudo sobre o casamento e as relações familiares*, (tese de doutorado). Departamento de Antropologia, FFLCH-USP, São Paulo.

- CARVALHO, I.C., (2004), “Ambientalismo e juventude: o sujeito ecológico e o horizonte da ação política contemporânea”. In: *Juventude e sociedade*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo.
- CASANOVA, J. L., (1993), “Estudantes universitários: Composição social, representação e valores”. In: *Estudos de juventude*, Cadernos do Instituto de Ciências Sociais, no. 5, Lisboa.
- CASTRO, A . L., (1994), “Revistas Femininas: matrizes histórico-culturais e estratégias da comunicabilidade”. In: S.H.S. Borelli (org.): *Gêneros ficcionais, produção e cotidiano na cultura popular de massa*. Coleção GT'S/Intercom/CNPq/FINEP, São Paulo.
- _____, (2003), *Culto ao corpo e sociedade*. São Paulo: Ed. Anablume.
- CLASTRES, P., (1990), “*Da tortura nas sociedades primitivas*”. In: “A Sociedade contra o Estado”, 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves. p. 123-31.
- COSTA, Márcia, (2000), “Juventude, indisciplina e novas formas de sociabilidade”. *Margem*, Revista da Faculdade de Ciências Sociais, nº12. PUCSP, EDUC/ FAPESP. p. 91/107.
- DANTAS, Alexandro Galeno Araújo, (2000), “Mídias corroídas e subjetividades Amputadas”. *Margem*, Revista da Faculdade de Ciências Sociais, nº12. São Paulo: PUC-SP, EDUC-FAPESP. p. 109-120.
- DEBERT, Guita Grin, (1998), “Pressupostos da Reflexão Antropológica Sobre a Velhice”. In: Guita Grin Debert (org.), *Antropologia e Velhice*. Textos Didáticos nº 13. Rio de Janeiro: IFGH/UNICAMP. p. 7 – 28.

DURHAM, Eunice, (1983), *Família e reprodução humana*. In: "Perspectivas Antropológicas da Mulher", n°3. São Paulo: Zahar Editores.

_____, (1977), "A dinâmica cultural na Sociedade Moderna", *Ensaio de Opinião*, vol. 4. Rio de Janeiro: Editora Inúbia.

FEATHERSTONE, M., (Março 1993), "O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento". In: G. G. Debert, *Antropologia e velhice*, textos didáticos. IFCH/UNICAMP.

_____, (1995), *Cultura de consumo e pós modernismo*. São Paulo: Studio Nobel.

FIRTH, Raymond, (1964), "Family and Kinship in industrial Society". In: *The Sociological Review Monograph*, n°8, *The development of Industrial Societies*. University of Keely Staffordshire.

FISHER, H., (1995), *Anatomia do amor. A história natural da Monogamia, do adultério e do divórcio*. Rio de Janeiro: Ed. Eureka.

FORACCHI, Marialice M., (1977), *O Estudante e a Transformação da Sociedade Brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

FOUCAULT, M., (1985), "O cuidado de si". In: *História da sexualidade*, vol. 3. Rio de Janeiro: Graal.

FRANCHETTO, Bruna, CAVALCANTI, Maria Laura V. C., & HEILBORN,

- Maria Luiza, (1981), "Antropologia e Feminismo". In: *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, nº 1. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.
- GEERTZ, Clifford, (1978), *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
- _____, (1983), *Local Knowledge*, New York: Basic Books.
- GIDDENS, A., (1992), *A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. UNESP.
- GODO, W. & Senne, W. A., (1993), *O que é corpolatria?* São Paulo: Brasiliense.
- JAGGAR, A. ; Bordo, S. R., (1997), *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Edição Rosa dos Tempos.
- KEHL M.R., (2004), "A juventude como sintoma da cultura". In: Regina Novaes & Paulo Vanucchi (org.) *Juventude e Sociedade*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo.
- LEACH, Edmund, (1978), *Cultura e comunicação - a lógica pela qual os símbolos estão ligados*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
- LÉVI-STRAUSS, Claude, (1970), *Antropologia Estrutural*, 2ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro.
- _____, (1956), "The Family". In: *Man, Culture and Society*. Oxford University Press: Shapiro, H. L. (Ed.)

_____, (1974), Introdução: “A obra de Marcel Mauss”(1950). In: M. Mauss, *Sociologia e Antropologia*, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP p. 1-36.

LEVINSON, B., (primavera de 1991), *Para uma etnografia de los estudantes universitários*. Universidad Futura. 2 (6-7)

LIPOVETSKY, G., (1989), *O Império do Efêmero*. São Paulo: Cia das Letras.

MAC FARLANE, A. (1990), *História do casamento e do amor*. S. Paulo: Cia. das Letras.

MAFFESOLI, M., (1978), *O tempo das Tribos - O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária.

MALUF, Marina & ROMERO, Mariza, (2002), “A sublime virtude de ser mãe”. In: *Corpo e Cultura*. Vol. 25, São Paulo: Ed. EDUC. Editora da PUCSP

MARTIN, Barbero J., (1997), *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ

MAUSS, M., (1974), “Ensaio sobre a dádiva”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp.

MELLO E SOUZA, G., (1989), *O espírito das roupas*. São Paulo: Cia. das Letras.

MILLER, R. P., (1976), *A pintura do corpo e os ornamentos xavante: arte visual*

- e comunicação social*, (dissertação de mestrado). Campinas: Unicamp
- MURARO, Rose Marie, (1983), *Sexualidade da Mulher Brasileira: Corpo e Classe Social no Brasil*, 3^o ed. Petrópolis: Ed. Vozes.
- NOVAES, Regina & VANUCCHI, Paulo (org.), (2004), *Juventude e Sociedade*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo.
- OLIVEN, Ruben, (1985), *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- PERALVA, Angelina Teixeira, (1998), “O Jovem Como Modelo Cultural”. *Juventude e Contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação. Considerações Sobre a Tematização Social da Juventude no Brasil. n^o 5 e 6. Número Especial – ANPED. São Paulo. pp. 25/36.
- PROST, A., (1992), “Fronteiras e espaços do privado”. In : P. Aries & G. Duby, *História da vida privada: da primeira guerra aos nossos dias*. São Paulo: Cia. das Letras.
- QUEIROZ, R. S. (org.), (1999), *O corpo de brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: Ed. SENAC.
- ROCHA, E., (1994), *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense.
- ROCHA, Maria Isabel Baltar da (org.), (2000), *Trabalho e gênero – Mudanças, permanências e desafios*. São Paulo: Ed. 34.
- SAHLINS, M., (1979), *Cultura e Razão Prática*, Rio de Janeiro: Zahar Editora.

SANT'ANNA, D. B., (2º semestre 1997), "O corpo entre antigas referências e novos desafios". *Cadernos de Subjetividade*. vol. 5, nº 2. São Paulo.

_____ (org.), (1995), *Políticas do corpo*. São Paulo: Editora Estação Liberdade.

SARTI, Cyntia, (2004), "O jovem na família: o outro necessário". In: *Juventude e Sociedade*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo.

SEEGER, A & COLLEGE, P., (July 1975), *The meaning of body ornaments: a Suyá example*, vol. XIV, nº3, New York.

SENNET, R., (1997), *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record.

_____, (1978), *O declínio do Homem Público - as tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia. das Letras.

TURNER, V., (1974), *O processo ritual*. Petrópolis: Editora Vozes.

VELHO, Gilberto, (1981), *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.

_____, (1978), "Observando o familiar". In: E. O. Nunes (org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.

_____, (1989), "Cultura de Classe Média -Algumas reflexões sobre a noção de Projeto". *Ensaios de Opinião*, vol.10. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra.

VELHO, G. (org.), (1977), *Arte e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.

VIVEIROS DE CASTRO & BENZAQUEM, R., (1977), "Romeu e Julieta e a origem do Estado. In : G. Velho (org.) *Arte e Sociedade* . Rio de Janeiro, Zahar Editora.

VINCENT, Ricard, F., (1989), *As Espirais da moda*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra.

WAJSBROT, C. (ed.), (1992), *A fidelidade. Um horizonte, uma troca, uma memória*. Porto Alegre: L&PM.

MATERIAL DE IMPRENSA

o

REVISTA CLAUDIA. Editora Abril, Ano 41, nº 6 (0441 – no. 489)

REVISTA CLAUDIA. Editora Abril, Ano 42, nº 3 (0441 – no. 498)

REVISTA CLAUDIA. Editora Abril, Ano 42, nº 5 (0441 – no. 500)

REVISTA BOA FORMA. Editora Abril, Ano 18, nº 6, Edição 192, Junho 2003.

REVISTA MARIE CLAIRE. Editora Globo, Fevereiro 2003

ANEXO

PROJETANDO O FUTURO : A QUESTÃO FEMININA

Este questionário faz parte de uma pesquisa científica, o que garante o sigilo absoluto das informações aqui contidas. Você NÃO precisa se identificar. Muito obrigada.

DADOS PESSOAIS

A. Curso:

B. Período:

Manhã Tarde Noite Integral

C. Idade :

18 19 20 21

D. Bairro em que reside :

E. Estado Civil : Solteira Casada Juntada Separada

F. Nacionalidade:

G. Raça :

1- A quais fontes de informações sobre sexo você teve acesso ?

(Assinale mais de uma alternativa se for o caso)

<input type="checkbox"/> livros científicos	<input type="checkbox"/> pai	<input type="checkbox"/> ginecologista
<input type="checkbox"/> revistas científicas	<input type="checkbox"/> primos	<input type="checkbox"/> médico da família
<input type="checkbox"/> romances	<input type="checkbox"/> primas	<input type="checkbox"/> psicólogo
<input type="checkbox"/> televisão	<input type="checkbox"/> irmão	<input type="checkbox"/> revistas femininas
<input type="checkbox"/> filmes	<input type="checkbox"/> irmã	<input type="checkbox"/> revistas pornográficas
<input type="checkbox"/> mãe	<input type="checkbox"/> amigos	<input type="checkbox"/> escola

___ tias

___ amigas

___ igreja

**2- Que tipos de anticoncepcionais você conhece ?
(mesmo que nunca tenha usado)**

3- Com quem você conversa habitualmente sobre sexo ?

4- O que é ser mulher para você ?

5- Como você definiria o seu padrão ideal de mulher?

6- Quais são para você as vantagens de ser mulher?

7- Quais são para você as desvantagens de ser mulher ?

8- Quais são para você as características de uma mulher emancipada ?

9- Quais são para você as características de uma mulher tradicional ?

10- O que torna uma mulher adulta ?

11- Você sempre namora a sério ?

___ sim ___ algumas vezes ___ nunca

12- Como você definiria o padrão ideal de homem ?

13. É importante ser virgem para obter um marido ? Explique

14- Virgindade é sinônimo de fidelidade ? Explique

15- Qual é o objetivo do relacionamento sexual ?

16- Quando você namora a sério você tem vontade de ter relações sexuais ?

___ sim ___ não

17- Quando você não namora a sério você tem vontade de ter relações sexuais?

___ sim ___ não

18- Que tipo de intimidades você já teve até hoje ?

(assinale mais de uma alternativa se for o caso)

- mãos dadas abraços beijos
- sexo oral sexo vaginal sexo anal
- coito interrompido manipulação de órgãos sexuais
- outros (especifique) _____

19- Explique como você diferencia uma mulher virgem de uma não virgem ?

20- Você aprova relações sexuais antes do casamento ?

- só para o homem só para a mulher para ambos

21- Seus amigos (as) aprovam relações sexuais para a mulher antes do casamento ?

- a maioria aprova a minoria aprova
- todos aprovam ninguém aprova

22- Como sua família se posiciona frente às relações sexuais para a mulher antes do casamento ? (assinale mais de uma alternativa se for o caso)

- seu **pai** aprova seu **pai** não aprova
- você não sabe se seu **pai** aprova
- sua **mãe** aprova sua **mãe** não aprova
- você não sabe se sua **mãe** aprova

seus **irmãos** aprovam seus **irmãos** não aprovam
 você não sabe se seus **irmãos** aprovam

23- Você aprova relações extra conjugais no casamento?

só para o homem só para a mulher
 para ambos para nenhum dos dois

24- Como você reage quando o seu namorado ou marido propõe intimidades sexuais além dos seus limites ?

25- Quem tem maior controle sobre seus desejos sexuais ?

o homem a mulher ambos nenhum dos dois

26- Qual é a opinião de seu atual / último namorado ou marido sobre as mulheres não virgens?

27- Você acredita que para acontecer o casamento é necessário haver :

(assinale mais de uma alternativa se for o caso)

amor paixão atração sexual

28- Você gostaria de casar em :

comunhão parcial de bens separação de bens

___ não pensou sobre isto

29- Na sua opinião o que suas amigas pensam sobre as mulheres solteiras que não são virgens ?

30- Você é a favor do aborto ?

___ sim ___ não

31- Você interromperia uma gravidez caso não estivesse casada ?

___ sim ___ não

32- E se estivesse casada ?

___ sim ___ não

33- Se você já teve conhecimento de alguma amiga que tenha praticado um aborto qual foi a impressão que te causou ?

34- Se você tivesse que praticar um aborto como você gostaria que seu namorado se comportasse ?

35. Como você imagina o dia do seu casamento? Descreva.

36- O sexo para você é :

fundamental não fundamental

sujo limpo

agradável chato

dolorido indolor

desejável indesejável

37- Até quando você pretende continuar sendo virgem ?

38- Na sua opinião o que os homens pensam sobre as mulheres solteiras que não são virgens ? (assinale mais de uma alternativa se for o caso)

elas sofreram alguma desilusão amorosa

elas querem casar tanto quanto as virgens

elas são boas para programas e não para casar

elas gostam mais de sexo do que de compromisso

- elas dariam boas mães
- elas não seriam fiéis no casamento
- elas ainda não encontraram o homem certo
- elas querem as mesmas liberdades que os homens
- elas batalham para ter liberdade sexual
- elas usam a sexualidade como meio de obter marido
- elas não querem casar
- não há diferenças entre virgens e não virgens

39- Quantos namorados você já teve até hoje ?

40- Você já namorou mais de um ao mesmo tempo ?

sim não

41- O que você acha do movimento feminista ?

42- Você já sofreu algum tipo de agressão sexual ? Explique.

43- Como sua família reagiu diante da situação ?

44- Você já teve algum relacionamento homossexual ?

___ sim ___ não

45- Quais os motivos que te levariam (ou levaram) a deixar de ser virgem ?

**Se você for virgem passe a responder da questão 61 em diante . Se não ,
continue a partir da 46.**

46- Como você se decidiu por ter um relacionamento sexual ?

47- Você gosta de fazer sexo ?

___ sim ___ não

48- Você usa anticoncepcional ?

___ sim ___ não

49- Que tipo ?

50- Quantas pessoas sabem que você não é virgem ?

51- Caso sua família não saiba que você não é virgem como você acha que eles reagiriam ?

Pai :

Mãe:

Irmãos :

52- Se sua família sabe que você tem relações sexuais, qual é a opinião deles frente a isto?

Pai :

Mãe :

Irmãos :

53- Você já fez aborto ?

sim não

54- Quantas vezes ?

uma duas três

55- Como você se sentiu nesta ou nestas ocasiões ?

56- Qual foi o comportamento de seu namorado ou marido ?

ajudou financeiramente
 ajudou moralmente
 ajudou financeira e moralmente
 sumiu

57- Qual foi a reação de sua família frente a isto ?

Pai:

Mãe:

Irmãos:

58- Caso sua família não saiba, como você acha que eles reagiriam?

59- Quem mais sabe que você fez aborto ?

60- Por quê você fez aborto ?

61- Quais as razões que a levaram a fazer uma universidade ?

62- Você sentiu algum tipo de restrição por cursar a universidade ?

(assinale mais de uma alternativa se for o caso)

___ do marido

___ de parentes

___ de amigos

___ do pai

___ do noivo

___ da mãe

___ do namorado

___ outros , especifique

___ não sentiu

63- Você sentiu algum tipo de incentivo para cursar universidade?

(assinale mais de uma alternativa se for o caso)

do marido
 do noivo
 do pai
 da mãe
 outros,
especifique _____
 não sentiu

64- Porque você escolheu o curso que está freqüentando ?

**65- Você sentiu algum tipo de restrição em relação ao curso escolhido ?
(assinale mais de uma alternativa se for o caso)**

do marido
 do noivo
 do namorado
 de amigos
 do pai
 da mãe
 de parentes
 outros, especifique _____
 não sentiu

**66- Você sentiu algum tipo de incentivo em relação ao curso escolhido ?
(assinale mais e uma alternativa se for o caso)**

do marido
 do noivo
 do namorado
 de amigos

do pai da mãe
 de parentes
 outros, especifique

 não sentiu

67- Se sentiu restrição, de que tipo foi ?

Em relação à universidade

Em relação ao curso

68- Se sentiu incentivo de que tipo foi ?

Em relação à universidade

Em relação ao curso

69- Você pretende ao terminar o curso exercer a profissão ?

sim não ainda não sabe

70- Como você pretende obter emprego na profissão?

(assinale mais e uma alternativa se for o caso)

- através de contatos familiares
- indicação de amigos
- concurso em empresa pública
- concurso em empresa particular
- através de estágios
- montar uma empresa própria
- atuar como autônomo
- ainda não pensou

71- Para você a sua profissão é :

rotineira não rotineira fundamental não fundamental
 necessária desnecessária desejável indesejável
 agradável desagradável divertida chata

72- Para você as tarefas domésticas são:

não rotineiras rotineiras necessárias desnecessárias
 desagradáveis agradáveis divertidas chatas
 não fundamentais fundamentais desejáveis indesejáveis

73- Você acha que o sucesso profissional para o homem é :

desnecessário necessário
 agradável desagradável
 chato divertido
 fundamental não fundamental
 não obrigatório obrigatório

74- Qual é a importância da universidade na vida de uma mulher ?

**75- Quais os motivos que levariam você a abrir mão de sua futura carreira ?
(assinale mais de uma alternativa se for o caso)**

quando a continuidade da carreira se transformar em obstáculo para a

- manutenção de um relacionamento afetivo estável
- para conseguir um relacionamento afetivo estável
- para trabalhar em outra atividade melhor remunerada
- caso apareça outra atividade mais criativa
- para auxiliar a carreira do marido
- para cuidar dos filhos
- para casar

76- Se você estivesse formada e numa situação financeira estável, surgindo duas ofertas de emprego, uma pouco relacionada com sua formação universitária, mas bem remunerada (1°), e, outra ligada à sua profissão, mas pouco remunerada (2°), por qual delas você optaria ?

- 1° emprego 2° emprego

77- Se você estivesse formada e numa situação econômica instável, surgindo duas ofertas de emprego, uma bem remunerada, mas pouco relacionada com a sua formação universitária (1ª), e, outra ligada à sua profissão, mas pouco remunerada (2ª), por qual delas você optaria ?

- 1° emprego 2° emprego

78- Você diria que o casamento atrapalha a vida profissional :

- do homem da mulher de ambos de nenhum

79- Você pretende exercer sua profissão após o casamento ?

- sim não

80- Você acredita que o ideal para a mulher seria :

(assinale mais de uma alternativa se for o caso)

- trabalhar até os filhos nascerem

- trabalhar só meio período depois do nascimento dos filhos
- não trabalhar após o casamento
- não trabalhar enquanto os filhos forem pequenos
- só trabalhar se necessário para auxiliar o marido
- trabalhar sempre meio período
- trabalhar período integral
- trabalhar quando os filhos estiverem independentes
- trabalhar apenas quando houver interesse em melhorar o padrão de vida familiar

81- Assinale apenas uma alternativa que caracteriza melhor o homem com quem você gostaria de se casar ?

- que tivesse o mesmo nível cultural que o seu
- que tivesse o mesmo nível econômico que o seu
- que fosse bom trabalhador
- que tivesse diploma universitário
- que fosse de boa família

82- Se você tem noivo ou namorado firme , quando pretende se casar?

- 2002 2003 2004 2005 2006 após 2006

83- Mesmo que você não esteja com vistas a casar proximamente , quais as condições para que isto ocorra ?

(assinale mais de uma alternativa se for o caso)

- você ter uma profissão definida
- o homem ter uma profissão definida
- quando você tiver emprego definido
- quando o homem tiver emprego definido
- quando aparecer a pessoa certa , sem restrições
- quando você concluir o curso
- quando o homem concluir o curso

___ quando achar alguém que te sustente

___ outro motivo, especifique:

84- O que significa casar para você ?

85- Sua família faz questão do casamento ?

___ sim ___ não

86- Você acredita que a melhor forma de casamento para você é :

___ no civil ___ no religioso ___ nos dois ___ não faz questão

87- Qual é a visão que você tem sobre seu atual ou último (namorado ou marido)?

88- Para você o casamento é :

___ não rotineiro ___ rotineiro ___ desnecessário ___ necessário

___ agradável ___ desagradável ___ chato ___ divertido

___ fundamental ___ não fundamental ___ indesejável ___ desejável

89- Para você o casamento só dá certo quando :

(assinale mais de uma alternativa se for o caso)

- há estabilidade financeira
- há filhos
- homem e mulher encarregam-se igualmente do sustento da família
- a mulher tem o mesmo nível cultural do homem
- a mulher abre mão de sua carreira para o bem da família
- o homem ganha mais que a esposa
- a mulher não se sobrecarrega com as tarefas domésticas porque tem empregada
- quando as pessoas se amam
- quando existe fidelidade masculina
- quando existe fidelidade feminina

90- Você acredita que sua família gostaria que:

(assinale mais de uma alternativa se for o caso)

- você se casasse virgem
- você se casasse
- você se casasse com alguém do mesmo nível econômico
- você se casasse com alguém da mesma religião
- você se casasse com alguém da mesma raça que a sua
- você se casasse depois de formada
- você se casasse com alguém que tivesse o mesmo nível de escolaridade que o seu
- você se casasse com alguém já formado
- você trabalhasse antes e depois do casamento
- você não trabalhasse depois de casada
- você parasse de trabalhar quando tiver filhos
- você se casasse antes de se formar
- você trabalhasse sempre, independentemente de se casar

91- Para você o sucesso profissional é :

- desnecessário
- necessário

___ agradável

___ desagradável

___ chato

___ divertido

___ fundamental

___ não fundamental

___ não obrigatório

___ obrigatório

92- O que você acha do divórcio ? Explique

93- Quais foram os três últimos filmes que você assistiu?

1- _____

2- _____

3- _____

94- Quais foram as três últimas peças teatrais que você assistiu?

1- _____

2- _____

3- _____

95- Quais foram os três últimos romances que você leu ?

1- _____

2- _____

3- _____

96- Você freqüenta habitualmente bares e/ou danceterias ?

___ não ___ sim

quais? _____

97- É sócia de algum clube ?

___ não ___ sim
qual ? _____

98- Você é filiada a algum partido político?

___ não ___ sim
qual ? _____

99- Você é simpatizante de algum partido político ?

___ não ___ sim
qual ? _____

100- Qual é a estação de rádio que você ouve? (aponte duas, caso escute mais de uma)

101- Qual horário ? (caso exista um programa escreva o nome do mesmo)

102- Você compra algumas destas revistas ?

(assinale mais de uma, se for o caso)

___ Mulher, Hoje	___ Capricho
___ Nova	___ Caras
___ Marie Claire	___ Elle
___ Contigo	___ Julia
___ Desfile	___ Bianca
___ Manequim	___ Sabrina
___ Criativa	___ Cláudia
___ Boa Forma	___ Corpo
___ outras, quais?	

___ não compra

103 - Quem em sua casa compra revistas ?

___ pai ___ mãe ___ irmãos ___ parentes ___ ninguém

Quais revistas? _____

104- Você folheia algumas destas revistas em casa ?

___ sim ___ não

105- Quais os assuntos que lhe interessam em revistas femininas ? Enumere três assuntos que você lê com mais freqüência.

**106- Qual destes programas de televisão você assiste ?
(assinale mais de um se for o caso)**

___ Note e Anote (Record) ___ Mulheres – Variedades (Gazeta)
___ Mais Você (Ana Maria Braga) ___ Programa de Mulher (Rede Mulher)
___ outros, quais?

___ nenhum

107- Com que freqüência ?

___ sempre ___ às vezes ___ nunca

**108- Quais os assuntos que mais interessam a você nestes programas ?
(enumere três)**

109- Quais destes programas de televisão sua mãe assiste ?

110- Na sua opinião as propagandas dirigidas às mulheres pelos meios de comunicação enfatizam mais : (Assinale mais de uma alternativa se for o caso)

- que existe uma nova forma de ser mulher
- que ser mulher atuante é ter uma profissão
- que ser mulher é cuidar da família/filhos
- que ser mulher é exercer a sensualidade
- que ser mulher é ser esposa
- que ser mulher é ir à luta
- que ser mulher é ser bela e jovem
- que ser mulher é ser dinâmica
- que ser mulher é conquistar o seu homem
- que ser mulher é criar atrativos para que o homem lhe conquiste

111- Você exerce alguma atividade remunerada ?

- sim não

112- Se exerce , qual ?

113- Exercendo , contribui no orçamento doméstico ?

- sim não

114- Quanto você recebe mensalmente pela atividade ?

115- Você recebe mesada ?

- sim não

116- Quanto você recebe de mesada mensalmente ?

117- Quem paga sua universidade ?

___ pai ___ tem bolsa de estudos total

___ mãe ___ tem bolsa de estudos parcial

___ você ___ outros, especifique

118- No que você gasta o seu salário ? (aponte os gastos principais)

119- No que você gasta a sua mesada ? (aponte os gastos principais)

120- Se você não recebe nem mesada, nem salário, como você obtêm dinheiro para seus gastos pessoais ? De que forma gasta este dinheiro ?

121- Seus pais residem em :

___ São Paulo ___ Interior ___ Outro Estado ___ Exterior

122- A casa em que seus pais moram é :

(mesmo que você não more com eles responda a questão)

___ casa ___ apartamento

123- Esta residência é :

___ alugada ___ própria ___ financiada ___ emprestada

124- A casa contém :

número de quartos ___
número de banheiros ___
número de salas ___
número de escritórios ___
número de garagens ___
número de dependências de empregados ___
número de piscinas ___

125- Que eletrodomésticos / eletrônicos eles possuem ?

(Assinale o número existente)

___ Televisão	___ Geladeira
___ Freezer	___ Máquina de lavar roupas
___ Máquina de secar roupas	___ Máquina de lavar louça
___ Vídeo cassete	___ Aparelho de som
___ D.V.D.	___ Computador
___ Aparelho de fax	___ Telefone

126- Quantos veículos automotores seus pais possuem ?

___ carros
___ motos
___ outros, especifique :

127- Quantas pessoas moram habitualmente na casa de seus pais além deles ?

___1 ___2 ___3 ___4 ___5 ___6 ___7 ___8 ___9 ___10

128- Quantas pessoas contribuem para o orçamento familiar ?

___1 ___2 ___3 ___4 ___5 ___6 ___7 ___8 ___9 ___10

129- Você possui carro próprio ? (adquirido por você ou presente de família)

___ sim ___ não

130- Você diria que o rendimento total de sua família está em torno de:

(referência sobre o salário mínimo = R\$ 180,00)

___ 1 a 5 salários mínimos

___ 5 a 10 salários mínimos

___ 10 a 15 salários mínimos

___ 15 a 20 salários mínimos

___ 20 a 25 salários mínimos

___ mais de 25 salários mínimos

131- Em que nível sócio econômico você se classifica ?

___ classe alta alta

___ classe média alta

___ classe baixa alta

___ classe alta média

___ classe média média

___ classe baixa média

___ classe alta baixa

___ classe média baixa

___ classe baixa baixa

132- Você vive com quem ?

___ pais

___ mãe

___ pai

___ avós

___ marido

___ amigos

___ sozinha

___ outros, especifique: _____

133- Qual é a escolaridade do seus pais ?

Pai : ___ analfabeto

Mãe : ___ analfabeta

<input type="checkbox"/> 1° a 4° série	<input type="checkbox"/> 1° a 4° série
<input type="checkbox"/> 5° a 8° série	<input type="checkbox"/> 5° a 8° série
<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> médio
<input type="checkbox"/> universitário	<input type="checkbox"/> universitário
<input type="checkbox"/> outro, especifique _____	<input type="checkbox"/> outro, especifique _____

134 – Qual é a idade dos seus pais ?

Pai: <input type="checkbox"/> 35 a 40 anos	Mãe : <input type="checkbox"/> 35 a 40 anos
<input type="checkbox"/> 41 a 45 anos	<input type="checkbox"/> 41 a 45 anos
<input type="checkbox"/> 46 a 50 anos	<input type="checkbox"/> 46 a 50 anos
<input type="checkbox"/> 51 a 55 anos	<input type="checkbox"/> 51 a 55 anos
<input type="checkbox"/> 56 a 60 anos	<input type="checkbox"/> 56 a 60 anos
<input type="checkbox"/> 61 ou mais	<input type="checkbox"/> 61 ou mais

135- Você tem pais vivos ?

só pai só mãe ambos nenhum

136- Qual é a profissão do seu pai ?

137- Ele exerce esta profissão ?

sim não

138- Seu pai é : (assinale mesmo em caso de morte)

empregado autônomo aposentado
 proprietário de empresa . Se afirmativo, quantos empregados? _____

139 – Qual é a profissão da sua mãe ?

140 - Ela exerce esta profissão ?

sim não

141- Sua mãe é :

empregada autônoma aposentada dona de casa
 proprietária de empresa . **Quantos empregados a empresa possui?**

142- Se você é casada , qual é a profissão de seu marido ?

143- Ele exerce a profissão ?

sim não

144- Qual é a escolaridade do seu marido ?

analfabeto 1º a 4º série
 5º a 8º série médio
 universitário outros, especifique

145- Seus pais vivem juntos ?

sim não

146- Você nasceu em :

___ São Paulo ___ Capital ___ Interior ___ Litoral ___ Outro Estado